



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**Dayana Rodrigues Sabóia**

**ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E PROCESSOS INTERCULTURATIVOS NA  
MOBILIDADE ESTUDANTIL DA UFPE/RECIFE**

RECIFE

2017

**Dayana Rodrigues Sabóia**

**ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E PROCESSOS INTERCULTURATIVOS NA  
MOBILIDADE ESTUDANTIL DA UFPE/RECIFE**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Elaine Costa Fernandez

RECIFE

2017

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S117e Sabóia, Dayana Rodrigues  
Estratégias identitárias e processos interculturativos na mobilidade estudantil da UFPE/Recife / Dayana Rodrigues Sabóia. – 2016.  
105 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Costa Fernandez.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Psicologia, Recife, 2016.  
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia. 2. Comunicação intercultural. 3. Aculturação. 4. Subjetividade. 5. Intercâmbio educacional. 6. Programas de intercâmbio de estudantes – Estudo e ensino (Superior). I. Fernandez, Elaine Costa (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2016-064)

DAYANA RODRIGUES SABOIA

**ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E PROCESSOS INTERCULTURATIVOS NA  
MOBILIDADE ESTUDANTIL DA UFPE/RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Psicologia

Aprovada em: \_23\_/\_02\_/2017\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Elaine Magalhães Costa Fernandez (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profº. Dr. Renata Lira dos Santos Aléssio (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profº. Dr. Odile Elise Auguste Reginensi (Examinador Externo)  
Universidade Estadual do Norte Fluminense

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que eu concluísse mais essa jornada e também por sempre estar ao meu lado mesmo quando sou desobediente e distante. Deus é minha base para tudo nesta vida e a Ele tudo devo.

Em segundo lugar agradeço a minha família pelo suporte dado desde a graduação mesmo morando distante de mim.

Agradeço também a professora Elaine Magalhães pelo otimismo contagiante com o qual colocou-me “para cima” quando eu desanimava. Sua criatividade é admirável e contribuiu muito para a formulação de ideias enriquecedoras para este trabalho. Obrigada pela paciência, pela dedicação, pelo acolhimento e pela rapidez com a qual respondeu meus e-mails e ajudou-me nas urgências.

Agradeço aos participantes desta pesquisa pelo tempo cedido e pela compreensão, pois muitas vezes não tínhamos onde realizar as entrevistas, devido dificuldades de locais. Mesmo assim, não houve nenhuma reclamação e sim bastante dedicação e boa vontade de contribuir para a realização deste estudo. Obrigada, portanto, pela cordialidade, pela pontualidade e pela confiança no meu trabalho.

Ressalto minha gratidão também para com as professoras componentes da banca avaliadora pelas vossas contribuições tão necessárias a este trabalho e também pela vossa generosidade.

Agradeço aos professores do PPG – UFPE pelo aprendizado fornecido nas disciplinas do curso e ao João Cavalcanti, da secretaria, que me ajudou bastante a resolver problemas burocráticos diversos.

Por fim, minha gratidão à CAPES pelo financiamento dado nestes dois anos.

## RESUMO

A mobilidade estudantil internacional é marcada por rupturas espaciais, temporais, simbólicas e imaginárias. A perda do contexto cultural de origem e o confronto com novas referências culturais levam o estudante estrangeiro a adotar estratégias voltadas à resolução de conflitos inerentes à perda de uma imagem coerente e valorizada de si. A partir da perspectiva intercultural, busca-se definir indicadores do impacto subjetivo da mobilidade estudantil através da compreensão das estratégias identitárias e de suas relações com os processos interculturativos gerados por tais vivências. Este estudo teve por objetivo identificar as estratégias identitárias adotadas e os processos interculturativos decorrentes da situação de mobilidade estudantil através da análise das relações entre estas condutas e os processos inovadores decorrentes da vivência da imigração. A amostra foi composta de 11 estudantes estrangeiros de diferentes origens e idiomas, de ambos os sexos e maiores de 18 anos, sendo 9 dos programas PEC-G e PEC-PG e 2 intercambistas matriculados em cursos de graduação e/ou pós graduação da UFPE. Trata-se de metodologia de natureza qualitativa, cuja coleta de dados ocorreu através de entrevista semiestruturada e aplicação de questionário sócio demográfico. A análise dos dados se deu por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin. Como previsto foram encontrados elementos transversais sobre o processo migratório: as dificuldades enfrentadas, as expectativas em relação ao país de acolhimento, as possíveis frustrações, assim como os planos futuros de cada estudante. Este estudo contribuiu para o planejamento de dispositivos de prevenção de riscos e de promoção da saúde mental dos estudantes estrangeiros nas universidades federais brasileiras.

**Palavras-chave:** Estratégias identitárias. Aculturação. Subjetividade. Processos Interculturativos. Mobilidade Estudantil.

## **ABSTRACT**

International student mobility is marked by spatial, temporal, symbolic and imaginary ruptures. The loss of the cultural context of origin and the confrontation with new cultural references lead the foreign student to adopt strategies aimed at resolving conflicts inherent to the loss of a coherent and valued image of self. From an intercultural perspective, it is sought to define indicators of the subjective impact of student mobility through the understanding of identity strategies and their relationships with the intercultural processes generated by such experiences. This study aimed to identify the adopted strategies of identity and the intercultural processes resulting from the situation of student mobility through the analysis of the relationships between these behaviors and the innovative processes resulting from the experience of immigration. The sample consisted of 11 foreign students of different origins and languages, of both sexes and over 18 years of age, 9 of the PEC-G and PEC-PG programs and 2 exchanges enrolled in UFPE undergraduate and / or postgraduate courses . It is a methodology of qualitative nature, whose data collection took place through a semi-structured interview and the application of a socio-demographic questionnaire. Data analysis was performed using the Bardin Content Analysis method. It is hoped to find in the narrative of the participants transversal elements on the migratory process, the difficulties faced, the expectations regarding the host country, the possible frustrations, as well as the future plans of each student. It is intended to contribute to the planning of risk prevention devices and the promotion of mental health of foreign students in Brazilian federal universities.

**Keywords:** Identity Strategies. Acculturation. Subjectivity. Intercultural Processes. Student Mobility.

## RESUMÉ

La mobilité internationale des étudiants est marquée par des ruptures spatiales, temporelles, symboliques et imaginaires. La perte du contexte culturel d'origine et la confrontation avec de nouvelles références culturelles conduisent les étudiants étrangers à adopter des stratégies identitaires pour résoudre les conflits liés à la perte d'une image de soi-même cohérente et valorisée. A partir d'une perspective interculturelle, nous cherchons à définir des indicateurs de l'impact subjectif de la mobilité des étudiants étrangers par la compréhension des stratégies identitaires et leurs relations avec les processus interculturels générés par ces expériences vécues. Les stratégies identitaires adoptées et les processus interculturels ont été identifiés à travers la relation entre ces comportements et processus novateurs découlant de l'expérience de l'immigration. L'échantillon a été composée de 11 étudiants majeurs de différentes origines et de langues, des deux sexes, parmi lesquels 9 des programmes PEC-G et PEC-PG et 2 d'inter-cambistes (étudiants étrangers en échanges universitaires) inscrits en graduation et post-graduation de l'UFPE. La méthodologie est qualitative et la collecte des données a été réalisée au moyen d'entrevues semi-structurées et l'application d'un questionnaire sociodémographique. L'analyse des données a été réalisée à travers la méthode d'analyse de contenu de Bardin. Les résultats ont révélé des types spécifiques de stratégies adoptées dans des situations de discrimination raciale, les sentiments de non-appartenance et d'adaptation. Cette étude cherche à contribuer à la planification des dispositifs de prévention des risques et la promotion de la santé mentale des étudiants étrangers dans les universités fédérales brésiliennes.

**Mots-clés:** Stratégies Identitaires. Acculturation. Subjectivité. Processus Interculturels. Mobilité Étudiante Internationale.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Total de Estudantes Por Ano (1.206 Estudantes) .....                                 | 22 |
| Figura 2 – Total de Estudantes Por País de Origem (1.206 Estudantes).....                       | 22 |
| Figura 3 – Cursos Mais Procurados Pelos Estudantes de Intercâmbio .....                         | 23 |
| Figura 4 – Estrutura Hierárquica Acadêmica Responsável Pela Realização Desses<br>Programas..... | 23 |
| Figura 5 – Tipos de Estratégias Identitárias.....                                               | 85 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Histórico da Internacionalização do ensino Acadêmico no Brasil.....                                                        | 18 |
| Quadro 2 - Universidade/ País onde realizou a mobilidade estudantil.....                                                              | 19 |
| Quadro 3 - Estratégias Para Reestabelecer Uma Unidade de Sentido (Coerência Entre a<br>Função Ontológica e a Função Pragmática) ..... | 39 |
| Quadro 4 - Estratégias Para Revestimento do Sentimento de Valor Si.....                                                               | 40 |
| Quadro 5 - Caracterização dos Participantes .....                                                                                     | 47 |
| Quadro 6 - Resumo Participante 1.....                                                                                                 | 51 |
| Quadro 7 - Resumo Participante 2.....                                                                                                 | 52 |
| Quadro 8 - Resumo Participante 3.....                                                                                                 | 53 |
| Quadro 9 - Resumo Participante 4.....                                                                                                 | 55 |
| Quadro 10 - Resumo Participante 5.....                                                                                                | 58 |
| Quadro 11 - Resumo Participante 6.....                                                                                                | 60 |
| Quadro 12 - Resumo Participante 7.....                                                                                                | 63 |
| Quadro 13 - Resumo Participante 8.....                                                                                                | 64 |
| Quadro 14 - Resumo Participante 9.....                                                                                                | 66 |
| Quadro 15 - Resumo Participante 10.....                                                                                               | 67 |
| Quadro 16 - Resumo Participante 11.....                                                                                               | 68 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Mobilidade de Estudantes da Graduação da UFPE ao exterior - por ano ..... | 19 |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE SIGLAS**

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

PPG-Psi Programa de Pós-graduação em Psicologia

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Estudantes de Nível Superior

CNPQ Conselho Nacional de Pesquisas

PROAES Pró Reitoria de Assuntos Estudantis

CAEM Coordenação de Apoio de Mobilidade

PECG Programa de Estudantes de Convênio de Graduação

PEC PG Programa de Estudantes de Convênio de Pós Graduação

SFO Supervalorização da Função Ontológica

SFP Supervalorização da Pragmática

## SUMÁRIO

|                                                                                                   |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                                                         | <b>13</b> |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                                                                | <b>16</b> |
| 2.1 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....                                       | 16        |
| 2.2 A MOBILIDADE ESTUDANTIL NA UFPE .....                                                         | 19        |
| 2.3 CONCEITOS GERAIS DE IMIGRAÇÃO.....                                                            | 24        |
| 2.4 A IMPORTÂNCIA DOS FATORES PRÉ E PÓS IMIGRATÓRIOS .....                                        | 25        |
| 2.5 MIGRAÇÃO E SUBJETIVIDADE.....                                                                 | 28        |
| 2.6 ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E PROCESSOS INTERCULTURATIVOS NAS<br>SITUAÇÕES DE MOBILIDADE.....    | 33        |
| <b>3. OBJETIVOS .....</b>                                                                         | <b>41</b> |
| 3.1 OBJETIVO GERAL.....                                                                           | 41        |
| 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....                                                                    | 41        |
| <b>4. METODOLOGIA.....</b>                                                                        | <b>41</b> |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....                                                               | 41        |
| 4.2 POPULAÇÃO ESTUDADA.....                                                                       | 43        |
| 4.3 MATERIAIS UTILIZADOS.....                                                                     | 43        |
| 4.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA.....                                                                  | 44        |
| 4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....                                                                | 44        |
| 4.6 AMOSTRA.....                                                                                  | 47        |
| <b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                                                             | <b>50</b> |
| 5.1 ESTUDOS DE CASO.....                                                                          | 50        |
| 5.2 ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS ADOTADAS PELOS ESTUDANTES.....                                       | 77        |
| 5.3 ANÁLISE TRANSVERSAL DOS RESULTADOS.....                                                       | 84        |
| 5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DUAS POPULAÇÕES: ALUNOS<br>INTERCAMBISTAS E ALUNOS DO PEC..... | 87        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                               | <b>89</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS.....</b>                                                                        | <b>94</b> |

|                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>  | <b>99</b>  |
| <b>ANEXO B – DECLARAÇÃO.....</b>                                  | <b>102</b> |
| <b>ANEXO C – JUSTIFICATIVA DA AUSÊNCIA DO TERMO DE ANUÊNCIA..</b> | <b>103</b> |
| <b>ANEXO D – MODELO DO QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO.....</b>    | <b>104</b> |
| <b>ANEXO E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>       | <b>105</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O advento da globalização<sup>1</sup> tem sido responsável pelas mudanças no modo como o homem adquire e transmite o conhecimento em todo o mundo. A internacionalização do ensino acadêmico apresenta-se como consequência desse fenômeno, e se relaciona à crescente necessidade de aperfeiçoamento da formação acadêmica afim de atender às demandas do mundo globalizado. A internacionalização do ensino reflete o que Altbach e Knight (2007) denominam de “sociedade do conhecimento” e representa uma alternativa de aperfeiçoamento do aprendizado porque permite o contato com diferentes instituições e saberes, além de ampliar a visão de mundo do estudante através do contato intercultural. Nesse quadro atual, o Brasil<sup>2</sup> encontra-se na posição de país ativo com um fluxo de entrada e saída de estudantes estrangeiros cada vez maior

A internacionalização do ensino<sup>3</sup> não se resume unicamente a um processo pragmático no qual o estudante migra e adquire conhecimento, mas também envolve um processo subjetivo responsável por acarretar efeitos bastante significativos na vida pessoal e profissional dessa população. Segundo Girardi (2005, p. 12), a migração envolve diversos tipos de transições entre as quais “a mudança e reconstrução de laços sociais, modificação de status e do poder socioeconômico e alternância de um sistema cultural a outro”. Para Andrade e Teixeira (2009), fatores associados a transição (suporte recebido antes e depois do deslocamento; tempo passado na sociedade de acolhimento), assim com características do novo ambiente e até aspectos demográficos e psíquicos do estudantes são responsáveis por

---

<sup>1</sup>O termo "globalização" está muito presente nas notícias hoje em dia e diz respeito não somente à indústria e comércio, mas também à educação e ao lazer. Por exemplo, em 1999 as atribuições de empresas dos Estados Unidos excederam 350.000 pessoas de negócios, isso sem levar em conta todas as outras nações enviando seus executivos ao exterior. Tem-se estimado que em qualquer momento há cerca de um milhão e meio de alunos acadêmicos que frequentam instituições de ensino no exterior. (...) (BOCHNER, 2003. Pág 4)

<sup>2</sup> Dados da UNESCO apontam que 32.051 brasileiros estão cursando ensino superior em outros países, com destaque para os Estados Unidos, Portugal, França, Alemanha e Reino Unido. Quanto aos universitários imigrantes que estão no país, o número é de 12.221 com predominância de pessoas vindas de Angola, Guiné-Bissau, Argentina, Paraguai, Cabo Verde e Portugal. (GIRARDI, 2005. P 13).

<sup>3</sup>Bartell (2003) *apud* (MOROSINI, 2006, P 115-116), conceitua a Internacionalização como trocas internacionais relacionadas à educação e a Globalização como uma avançada fase no processo que envolve a internacionalização. O autor aponta diversas formas de realizar a internacionalização: presença de estrangeiros e estudantes-convênios num determinado campus; número e magnitude de concessões de pesquisa internacional; projetos de pesquisa internacionais cooperativados; associações internacionais envolvendo consultoria para universidades estrangeiras e outras instituições; setores de universidades privadas com metas internacionais; cooperação internacional e colaboração entre escolas, conselhos e faculdades na universidade; e o grau de imersão internacional no currículo, entre outros.

atuar em conjunto na formação de conflitos, dificuldades e angústias para o sujeito em mobilidade. Assim, Akhtar (2012) afirma que os estudantes internacionais são altamente vulneráveis ao estresse gerado pela aculturação.

Geralmente, os processos migratórios exigem dos indivíduos capacidade de adaptação no processo de ressocialização no novo contexto em que estarão inseridos. Na Psicologia Intercultural, essa ressocialização é definida pelo conceito de aculturação que, por sua vez, tem origem nos anos 1930 e “compreende todos os fenômenos resultantes da interação de grupos ou indivíduos com diferentes culturas, com subseqüentes mudanças no seu repertório cultural original” (BERRY, 1997, p. 7). Trata-se de uma experiência difícil em função da intensidade das situações às quais o imigrante estará exposto, bem como do seu preparo emocional, por ser um fenômeno constituído de diversas nuances, variáveis de acordo com as peculiaridades subjetivas de cada sujeito participante. A aculturação não pode ser considerada igualmente para todas as pessoas pois não se trata de um processo fixo e homogêneo, ao contrário, depende de inúmeras variáveis, inclusive da geografia do novo país (regiões centrais ou costeiras, pequenas ou grandes cidades), segundo Zhang (2009). Este trabalho, baseado na perspectiva intercultural, busca compreender a singularidade do sujeito através da pluralidade de seus pertencimentos culturais.

A aculturação atua diretamente no repertório identitário do indivíduo, pois trata-se de uma ressocialização na qual o mesmo deverá integrar símbolos e significados da nova cultura, ao passo que manterá ou modificará os elementos de sua cultura de origem. Carmel Camilleri (1990) menciona a noção de aculturação baseada na ideia do conflito resultante da pressão psicológica vivida pelo imigrante no contato com uma nova cultura. “Essa pressão repercute no sistema identitário, levando o sujeito a recorrer a determinadas condutas no intuito de atingir fins específicos, elaborados em função da situação de interação e seus diferentes determinantes”, segundo Gutnik (2012, p. 120). Tais condutas com objetivos específicos, denominadas estratégias identitárias, são procedimentos adotados de forma inconsciente ou conscientemente, individual ou coletivamente. Para Camilleri (1990, p. 24), “os objetivos das estratégias identitárias e os motivos de sua existência relacionam-se às situações de interação nas quais os sujeitos estão envolvidos e a fatores histórico-social, econômico, político, cultural e psicológicos”.

O interesse por este tema nasceu primeiramente através do contato com a Psicologia Intercultural. O conhecimento de pesquisas voltadas aos cuidados com imigrantes levou-me à busca por estudos dirigidos especialmente aos estudantes imigrantes. Sendo eu mesma uma

estudante em mobilidade interestadual e possuindo contatos com estudantes estrangeiros. Em seguida, resolvi desenvolver um trabalho que buscasse compreender a vivência desses sujeitos diante das adversidades típicas do processo de adaptação, de modo a contribuir para a compreensão mais aprofundada e dinâmica do mesmo, bem como contribuir para a elaboração de possíveis projetos assistenciais a essa população no âmbito acadêmico.

Considera-se a hipótese de que as situações de migração, ao confrontar o sujeito a uma nova cultura, o induzem a adotar estratégias identitárias para enfrentar a desestabilização provocada pela perda de referentes da cultura de origem e pela aquisição de elementos da nova cultura. Assim, os tipos de estratégias identitárias adotadas revelam não somente o conflito do processo de aculturação mas também o modo como os sujeitos lidam com tal conflito. Portanto, este trabalho busca, a partir da perspectiva intercultural, definir indicadores do impacto subjetivo da mobilidade estudantil através da compreensão das estratégias identitárias e de suas relações com os processos interculturativos gerados por estas vivências. Para isso, organiza-se em três vias listadas por Camilleri (1990, p. 49): “os atores (sujeitos), as situações nas quais eles estão envolvidos e os efeitos de tais situações”. Os atores são estudantes estrangeiros vindos ao Brasil através dos programas PEC-G, PEC-PG ou intercâmbio para cursarem graduação ou pósgraduação na UFPE.

A pertinência deste trabalho diz respeito à crescente demanda dessa população que tem aumentado a cada ano na referida universidade. Outra relevância de se realizar um trabalho como este, é o reduzido número de pesquisas do gênero no cenário nacional. Segundo Girardi (2015), no Brasil até o ano de 2015 havia apenas dez trabalhos acerca do tema e apenas um no âmbito da Psicologia. Essa metodologia se propõe a responder a seguinte pergunta geral: **Qual a relação entre as estratégias identitárias adotadas por estudantes estrangeiros e os impactos psicológicos decorrentes do processo de aculturação inerente à mobilidade estudantil?** Esta pergunta permite aos participantes a elaboração de sentido atribuído às suas vivências. Espera-se que os tipos de estratégias identitárias encontradas permitam a identificação dos impactos psicológicos relacionados a mobilidade estudantil. A importância social deste trabalho consiste em apontar possíveis riscos à saúde mental do estudante internacional, possibilitando posteriormente uma discussão junto ao meio acadêmico acerca dos cuidados com essa população. Cientificamente, este trabalho pretende contribuir para a constituição de um campo de saber em Psicologia Intercultural, haja vista levantamentos recentes terem evidenciado um número muito pequeno de estudos sobre essa temática.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo visa apresentarsuscintamente registros históricos da mobilidade estudantil no Brasil e na UFPE através de dados estatísticos obtidos por pesquisa realizada em sites da internet e também pessoalmente no departamento de Relações Internacionais da referida universidade. Posteriormente, será definida a diferença entre os conceitos de migração, imigração e emigração, bem como será explorada a questão “o que é ser imigrante?” na tentativa de explanar a compreensão acerca dos sujeitos que decidem deixar seu país. Por fim, serão classificados os tipos de migrantes e a importância dos fatores influentes nesse processo de mudança tão marcante para a vida desses indivíduos.

### 2.1 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Para Tanoue e Morilas (2013) , a internacionalização do ensino no Brasil teve início nos anos 20 com o programa de professores visitantes de outros países para a USP, Universidade de Brasília e Universidade de Porto Alegre; somente nas décadas de 60 e 70, houveram os primeiros apoios financeiros advindos do estreitamento de laços do Brasil com os Estados Unidos e assim a pós-graduação apresentou uma expansão nos anos 80 e nos anos 2000 já haviam se multiplicado seus provedores e as iniciativas de internacionalização. “As universidades brasileiras mantiveram até a década de 1980 o modelo de ensino francês e a partir daí suas relações com o Estado e economia foram modificadas, passando o serviço universitário a ser orientado pelas demandas sociais e de mercado” (ZAMBERLAN, 2009, p. 20). Logo, para atender às novas demandas, as universidades tiveram que adaptar sua política interna criando setores especializados na cooperação internacional.

a internacionalização não ocorre de forma isolada. O processo de internacionalização pressupõe cooperação em todas as suas formas: cooperação científica, tecnológica, acadêmica; e em seus diferentes níveis, tanto a cooperação horizontal e vertical, quanto bilateral, multilateral, etc., principalmente voltadas para o âmbito da cooperação interinstitucional. (STALLIVIERI, 2009, p 04.)

O processo de internacionalização do ensino não se refere apenas à organização das atividades internacionais mas também à organização da própria instituição de ensino que pretende incluir em seu planejamento políticas de internacionalização institucional (STALLIVIERI, 2008). A ação de cooperação relacionada a internacionalização do ensino

superior no Brasil se divide em duas classes: inicial e avançada. Inicial quando é voltada para a capacitação no exterior de professores e alunos de mestrado e doutorado. Avançada quando volta-se para a produção de conhecimento através de projetos de pesquisa conjuntos, sendo a pós-graduação o local de concentração dessa produção de pesquisa e conhecimento (MOROSONI, 2006, p. 98).

A pós-graduação nacional obteve um grande êxito apresentando uma significativa expansão: ‘no ano de 1976 existiam no país 561 cursos de mestrado e 200 de doutorado. Já no ano de 2000 o país contava com 1.453 cursos de mestrado e 821 cursos de doutorado e 37 mestrados profissionalizantes. No período 1995/2000 ocorreu um crescimento da ordem de 25% nos mestrados e de 33% nos cursos de doutorado no Brasil.(MARTINS 2003, p. 37).

Os projetos e pesquisas na pós-graduação brasileira são apoiados pelas agências de fomento: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Estudantes de Nível Superior), criada por volta de 1963 e CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas), criado em 1953. A criação da CAPES “significou a iniciativa do Estado brasileiro de se equipar de órgãos e instrumentos para a regulação de diferentes aspectos da vida nacional e para a formulação e execução de políticas que lhe permitissem cumprir um projeto de industrialização intensiva do país.” (MARTINS, 2003, p. 296). O objetivo da CAPES é “garantir a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes, para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento econômico e social do país” (MARTINS, 2003, p. 296). O histórico da internacionalização do ensino acadêmico no Brasil é resumido no seguinte quadro:

**Quadro 1 - Histórico da Internacionalização do ensino Acadêmico no Brasil**

| <b>Períodos</b>                                 | <b>Ações</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <b>Provedores</b>                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Anos 20 a 50 (República Velha e República Nova) | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação das universidades: presença de professores estrangeiros visitantes</li> <li>• Cooperação acadêmica internacional</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Universidades brasileiras e estrangeiras</li> </ul>                                                                                                                                   |
| Anos 60 a 70 (Fim da República Nova e Ditadura) | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação acadêmica internacional com a presença de consultores americanos</li> <li>• Mobilidade acadêmica discente por meio da concessão de bolsas de estudos de doutorado e mestrado</li> </ul>                                                                                                                                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Governo brasileiro</li> <li>• Agências nacionais e internacionais</li> </ul>                                                                                                          |
| Anos 80 a 90 (Fim da Ditadura a República)      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação acadêmica internacional: pesquisa em conjunto e professor visitante</li> <li>• Mobilidade acadêmica discente por meio da concessão de bolsas de estudos de doutorado.</li> </ul>                                                                                                                                                                                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Governo brasileiro</li> <li>• Agências nacionais e internacionais</li> <li>• Universidades brasileiras e estrangeiras</li> <li>• Instituições de ensino superior privadas</li> </ul>  |
| Anos 2000 em diante                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação acadêmica internacional: pesquisa em conjunto e professor visitante.</li> <li>• Mobilidade acadêmica discente por meio de concessão de bolsas de estudos de doutorado.</li> <li>• Criação de universidades federais orientadas pela internacionalização</li> <li>• Mobilidade acadêmica discente por meio de concessão de bolsas de graduação sanduiche.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Governo brasileiro</li> <li>• Agências nacionais e internacionais</li> <li>• Universidades brasileiras e estrangeiras</li> <li>• Instituições de ensino superior privadas.</li> </ul> |

Fonte: Martins e Ramos (2003).

## 2.2 A MOBILIDADE ESTUDANTIL NA UFPE

No caso da Universidade Federal de Pernambuco, o processo de internacionalização do ensino superior teve início nos anos 90 com a criação da Coordenação de Cooperação Internacional, tendo enviado seu primeiro intercambista em 1999 para a Inglaterra (LEAL; RAMOS, 2011, p. 05). À partir daí, através do Programa de Mobilidade Estudantil Internacional, a UFPE tornou-se bastante ativa no processo de imigração estudantil, o qual tem seu fluxo resumido na tabela abaixo:

**Tabela 1 - Mobilidade de Estudantes da Graduação da UFPE ao exterior - por ano**

| <b>Ano</b>   | <b>Número de estudantes</b> |
|--------------|-----------------------------|
| 1999         | 08                          |
| 2000         | 09                          |
| 2001         | 21                          |
| 2002         | 25                          |
| 2003         | 68                          |
| 2004         | 78                          |
| 2005         | 89                          |
| 2006         | 129                         |
| 2007         | 131                         |
| 2008         | 170                         |
| 2009         | 230                         |
| 2010         | 205                         |
| <b>TOTAL</b> | <b>1.164 alunos</b>         |

Fonte: Coordenação de Cooperação Internacional da UFPE (2011).

**Quadro 2 - Universidade/ País onde realizou a mobilidade estudantil**

| <b>Universidade/País onde realizou a mobilidade estudantil internacional:</b> | <b>% respostas</b> |
|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| Coimbra – Portugal                                                            | 23,1%              |
| Minho – Portugal                                                              | 23,1%              |
| Lumiere Lyon – França                                                         | 15,4%              |
| Aveiro – Portugal                                                             | 15,4%              |
| Salamanca – Espanha                                                           | 7,7%               |
| Lisboa – Portugal                                                             | 7,7%               |
| Porto – Portugal                                                              | 7,7%               |

Fonte: Leal e Ramos (2011).

Sobre o fluxo de entrada de estudantes internacionais, segundo dados da Diretoria de Relações Internacionais da UFPE, no ano de 1999 apenas um estudante estrangeiro veio para a universidade, contra 137 em 2012, ano com maior número de alunos de outros países. Alguns intercambistas de ensino fundamental e médio também estão na rede pública de ensino do Estado. Atualmente, 46 alunos de países como Portugal, El Salvador, França, Argentina, Armênia e Japão estudam em escolas estaduais (GALINDO, 2014).

A mobilidade na UFPE se dá através dos programas **PEC-G**, **PEC-PG** e também através dos **intercâmbios**. Segundo o Manual do PEC-G (2000), embora já existisse o intercâmbio de estudantes latino-americanos desde o início do século, participações nesse sentido eram esporádicas e decorrentes de iniciativas isoladas. Em 1917, registra-se a presença de brasileiros estudando no Uruguai, em 1919, estudantes argentinos, chilenos, paraguaios e uruguaios realizavam cursos de nível superior no Brasil, inclusive na Escola Militar e na Escola Naval. Em 1941, em decorrência do incremento das relações culturais entre o Brasil e a Bolívia, apareceu o primeiro contingente de estudantes bolivianos no País. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, intensificaram-se as relações brasileiras com outros países latino-americanos, gerando interesses comuns e propiciando maior intercâmbio estudantil.

Com o aumento do número de estudantes, verificou-se a necessidade de se celebrar os então chamados **Convênios de Cooperação Cultural bilateral** (à época também incluíam o aspecto educacional), pelos quais se eximiam os alunos dos países signatários de algumas exigências que pesavam sobre os alunos autóctones, a fim de facilitar o ingresso daqueles estudantes nas IES (no caso do Brasil, isenção do concurso vestibular e do pagamento de taxas e mensalidades, por exemplo). Daí vem a denominação de estudante-convênio selecionado por via diplomática, com fundamento nesses Convênios (Acordos) bilaterais do Brasil com outros países, especialmente os latino-americanos. Abaixo as definições de cada um dos programas retiradas dos seus respectivos sites na internet:

**PEC-G:** O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é um dos instrumentos de cooperação educacional que o Governo brasileiro oferece a outros países em vias de desenvolvimento, especialmente da África e da América Latina. A execução do PEC-G cobre um ciclo completo, iniciado pelo processo de pré-seleção no país de origem e pela vinda do estudante ao Brasil. Uma vez no Brasil, apresentando-se à Instituição de Ensino Superior

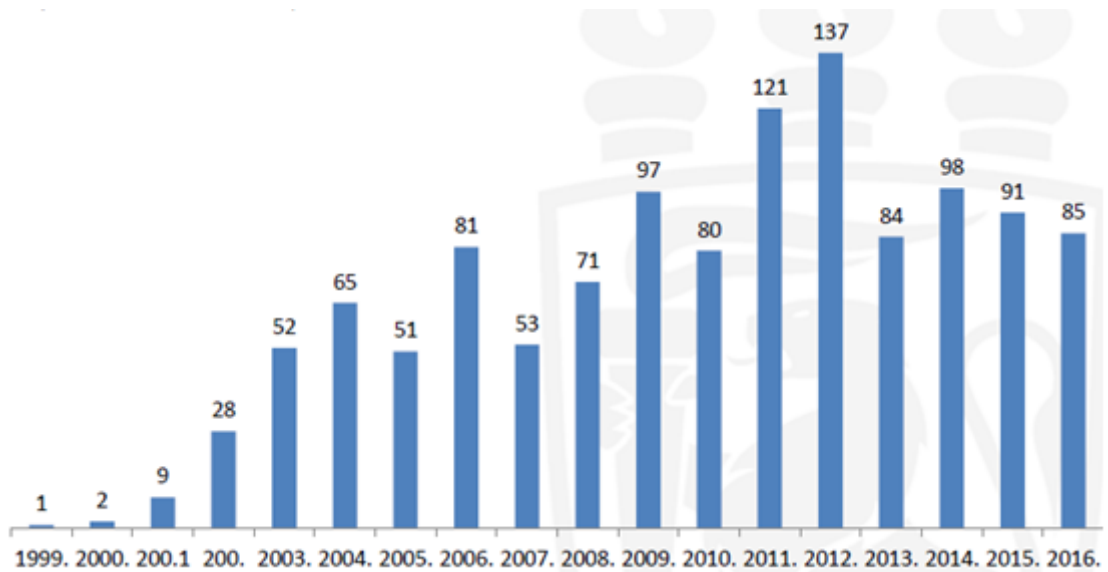
(IES) de destino e obedecendo aos prazos previstos nos calendários letivos de cada IES, o estudante-convênio é matriculado e passa a frequentar o curso, dedicando-se exclusivamente aos estudos, a fim de lograr a graduação. Após graduar-se, o aluno retorna ao seu país, onde recebe o diploma, devidamente autenticado pelos órgãos brasileiros. Essas etapas são coordenadas por diferentes órgãos.

O estudante-convênio é considerado um aluno especial, selecionado diplomaticamente em seu país pelos mecanismos previstos no protocolo do PEC-G e dentro dos princípios norteadores da filosofia do Programa. Este visa à cooperação bilateral na área educacional, graduando profissionais de nível superior para fins de formação de quadros nos países em desenvolvimento, signatários dos Acordos de Cooperação.

Os programas também estabelecem critérios de exigência quanto a quem pode ou não ser estudante conveniado à UFPE, são eles: a) o estrangeiro portador de visto de turista, diplomático ou permanente; b) o brasileiro dependente de país que, por qualquer motivo, estejam prestando serviços no exterior; c) o indivíduo com dupla nacionalidade, sendo uma delas brasileira. Como participante do PEC-G, d) o estudante deve atender aos objetivos e metas do Programa: vir ao Brasil estudar, graduar-se e retornar ao seu país. Nos termos do Protocolo, o estudante-convênio é aluno de tempo integral, para que possa integralizar o curso em tempo hábil. Como beneficiário de acordos culturais, o estudante-convênio tem direitos e deveres específicos de sua condição de participante do PEC-G, que o diferencia dos estudantes regulares. A observância rigorosa dos deveres também é condição necessária para sua permanência no Brasil (MANUAL DO ALUNO PEC-G, 2000).

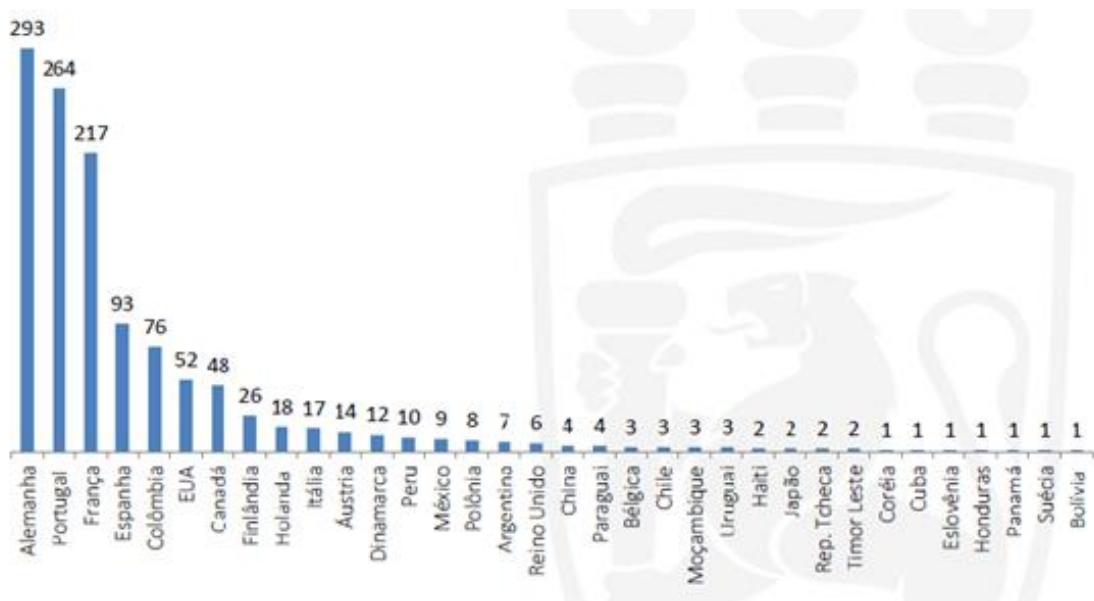
- **PEC-PG:** este programa possui o mesmo fim do anterior, com a diferença que é voltado para a pós graduação.
- **Intercâmbios:** sobre os intercâmbios realizados pela UFPE, dados fornecidos pela diretoria de relações internacionais informam que:

**Figura 1 - Total de Estudantes Por Ano (1.206 Estudantes)**



Fonte: Diretoria de Relações Internacionais da UFPE.

**Figura 2 - Total de Estudantes Por País de Origem (1.206 Estudantes)**



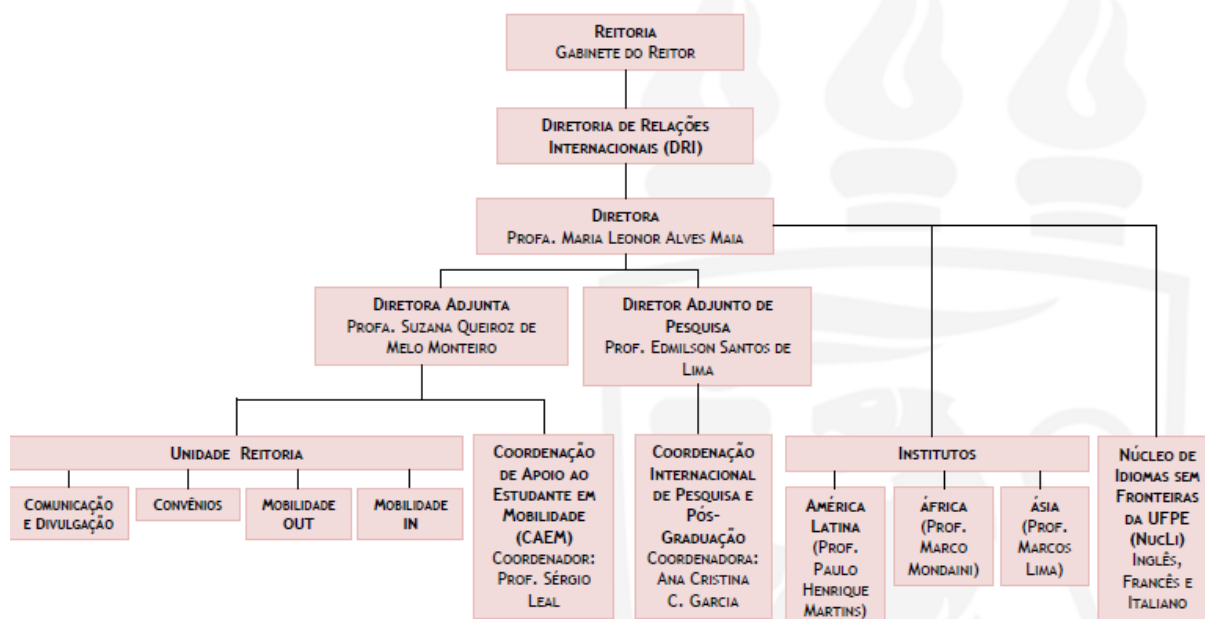
Fonte: Diretoria de Relações Internacionais da UFPE.

**Figura 3 - Cursos Mais Procurados Pelos Estudantes de Intercâmbio**

- ✓ CIÊNCIAS SOCIAIS
- ✓ CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
- ✓ LETRAS
- ✓ ENGENHARIA CIVIL
- ✓ GEOGRAFIA
- ✓ ADMINISTRAÇÃO
- ✓ ARQUITETURA E URBANISMO
- ✓ MEDICINA
- ✓ PSICOLOGIA
- ✓ ENGENHARIA MECÂNICA
- ✓ DIREITO
- ✓ COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fonte: Diretoria de Relações Internacionais da UFPE.

**Figura 4 - Estrutura Hierárquica Acadêmica Responsável Pela Realização Desses Programas**



Fonte: Diretoria de Relações Internacionais da UFPE.

## 2.3 CONCEITOS GERAIS DE MIGRAÇÃO

Diversas terminologias são usadas para caracterizar a mobilidade estudantil: "estudantes estrangeiros", "estudantes internacionais", "mobilidade internacional de estudantes". Verbik&Lasanowski (2006), em seu relatório Global EducationDigest, utilizam a terminologia da UNESCO "mobilidade internacional de estudantes" e desde então a OCDE tem definido os estudantes internacionais como "aqueles que atravessam as fronteiras com a intenção de estudar" (ZAMBERLAN, 2009. p. 36). Por sua vez, o Dicionário Aurélio (1975), define a migração como um movimento dinâmico de entrada e saída de indivíduos em países diferentes ou dentro de um mesmo país, sendo que tal movimento pode ocorrer de um estado para outro ou de uma cidade para outra. Assim, a migração é todo movimento populacional de entrada e saída de pessoas, o que inclui viagens de curto e longo prazo. Já a imigração é definida como a entrada e o estabelecimento de estrangeiros em cidades, estados ou regiões do seu próprio país ou de país exterior por motivos diversos (trabalho, estudo etc.). Por fim, a emigração se refere à saída espontânea de um país ou movimentação de uma região a outra de um país seja provisória ou definitivamente.

Diante dessas terminologias surge a questão: o que é o ser migrante? Para Sayad (1991), migrante é um indivíduo que se encontra sob a égide da condição provisória de estar em um país. É a provisoriedade que marca sua identidade em determinada sociedade. Porém, a situação provisória apresenta algumas ambiguidades, haja visto imigrantes poderem permanecer longos períodos de tempo, ou mesmo a vida inteira, estabelecidos em um território e mesmo assim enxergarem sua situação ainda como provisória. Segundo o autor, tal fato é uma ilusão motivada por diversos fatores como dificuldade de estabelecer uma identidade de “definitivo” na nova sociedade. Essa dificuldade pode ser agravada ou motivada por diversos fatores como: hostilidade social (xenofobia), fatores demográficos (clima, território, etc.), falta de identificação com os costumes do país, etc. Por outro lado, Sayad (1991) ressalta que muitos imigrantes se conscientizam de sua condição duradoura, podendo inclusive se inserir em movimentos sociais voltados à luta por seus direitos.

Sobre as motivações da mobilidade humana, Martins-Borges, Jibrin e Barros (2015, p. 187) a dividem “em migrações voluntárias (quando a mudança decorre de uma decisão individual ou coletiva na qual há o planejamento da partida e um projeto de vida no lugar da chegada); migrações involuntárias (aquelas resultantes de perseguições religiosas, políticas ou ideológicas, graves violações dos direitos humanos, catástrofes naturais, etc. no caso então, o

indivíduo não teria escolha de permanecer em seu país de origem e teria que migrar para outros).” No caso dos estudantes imigrantes, considera-se que a migração seja voluntária, porém variável de acordo com alguns fatores listados por Marchetto (2005):

- a) **Os que se movem independentemente:** "Freemovers". São estudantes que se autofinanciam. Mantém-se ligados culturalmente aos seus países de origem e normalmente vivem em melhores condições econômicas que os próprios colegas autóctones.
- b) **Os que recebem incentivos acadêmicos:** São estudantes que se movem dentro do espírito da cooperação internacional, inseridos em Acordos/ Convênios de Programas Governamentais e Acordos/ Convênios de Programas Interinstitucionais (IES-IES ou IES e entidades do país de origem - religiosas, ONGs, educacionais). Recebem bolsas de estudos durante o período formativo assim como possibilidades de intercâmbios no exterior.
- c) **Os estudantes refugiados.**
- d) **Os que migram por razões econômicas.**

Até agora vimos que o ser migrante não nasce apenas quando sai de seu país, mas quando articula em seu íntimo a vontade de migrar e dá os primeiros passos para concretizar seu desejo. Vimos também que existem diferenças nos processos migratórios sendo que imigração, emigração e migração não são a mesma coisa. Além disso, há diferenças nos tipos de sujeitos que migram, diferenças estas relacionadas com a motivação do ato de migrar. Agora será explorada a questão dos fatores influentes no processo de migração. Tais fatores se dividem em um “antes de depois” e são determinantes para a experiência dos sujeitos.

## 2.4 IMPORTÂNCIA DOS FATORES PRÉ E PÓS-IMIGRATÓRIOS

No estudo de todo e qualquer processo migratório é indispensável o entendimento dos fatores que motivam o surgimento do ser migrante. Sayad (1991) ressalta a importância de compreender o que leva uma pessoa a abandonar seu território de origem e fixar-se noutro e critica a visão etnocêntrica de que o imigrante nasce apenas no momento que migra. No caso da mobilidade estudantil, essa realidade não é diferente: existem os fatores que levam o estudante à tomada de decisão (fatores pré-migratórios) e os que fortalecem ou enfraquecem

tal decisão (fatores pós-migratórios). Girardi (2015, p. 24) enumera esses fatores em: “motivação para a migração; procedimentos burocráticos; escolha do país; preparo para a viagem; apoio familiar e vivências anteriores, nas quais destaca-se o papel dos traumas”.

O fator motivação diz sobre a atitude do sujeito e o que o levou a estudar noutro país. O apoio familiar, dos amigos ou cônjuge também conta bastante nesse processo porque pode estimular o indivíduo a migrar, como também pode interferir negativamente. Por sua vez, as vivências de imigrações anteriores também são bastante relevantes pois os sujeitos tendem a tomá-las como referenciais na elaboração de sua nova experiência. Sobre o fator “informação acerca do país escolhido para migrar”, nota-se que muitos estudantes migram sem antes ter buscado informações relevantes sobre o país onde residirão ou da instituição acadêmica onde estudarão. Andrade e Teixeira (2009) realizaram uma pesquisa na cidade de Porto Alegre – RS com alunos da UFRS que revelou que muitos estudantes, ao serem selecionados para as vagas, eram mal preparados ou mal informados, pois alguns sequer conheciam a localização da cidade de Porto Alegre. Uma consequência dessa desinformação foi que muitos estudantes basearam a imagem de todas as cidades brasileiras no estereótipo de clima tropical, havendo surpresa ao se depararem com o clima mais frio da cidade de Porto Alegre, o que dificulta sua adaptação.

Além da desinformação, Andrade e Teixeira (2009, p 35) também consideram que “a entrada na universidade muitas vezes não é alicerçada em projetos vocacionais bem definidos, situação que pode gerar condições para insucesso, insatisfação e até abandono do curso”.

Os fatores pós-migratórios são aqueles presentes no desenrolar do processo adaptativo. Estes, por si só, não são determinantes do sucesso ou insucesso adaptativo do imigrante, salvo exceções. Porém, é de se esperar que os fatores pós migratórios atuem em conjunto com os fatores pré-migratórios e a importância de um não reduz a importância do outro. Girardi (2005, p. 25) enumera tais fatores em: “as características do país de acolhimento e questões sócio econômicas, desempenho acadêmico, identidade e discriminação, redes sociais, características pessoais, saúde mental e serviços de saúde mental”.

As características do país de acolhimento incluem: o clima, a cultura e a organização social, o custo de vida, a mobilidade urbana, a alimentação e moradia, bem como o idioma. Este último tem sido um dos fatores que mais influencia no processo de adaptação de migrantes em geral, mas, no caso dos estudantes, o idioma exerce um peso ainda maior.

Zhang (2009) aponta que estudantes portadores de um alto desempenho na prova TOEFL<sup>4</sup> são menos propensos a adquirir altos níveis de estresse no processo de adaptação/aculturação. Por outro lado, estudantes que costumam treinar pouco o idioma do seu novo país são mais propensos a desenvolver altos níveis de estresse. Esse fato pode estar relacionado ao maior apoio social recebido no país de acolhimento pois os estudantes que dominam o idioma nacional apresentam maior capacidade(facilidade) de estabelecimento de redes sociais.

A discriminação étnica (baseada no idioma, religião ou raça) é um outro fator pós-imigratório relevante na adaptação do indivíduo no novo território. Berry (2001, p. 622), afirma que “o preconceito étnico é universal, sendo largamente variável entre grupos e indivíduos, fundamentando a base psicológica para o sentimento de rejeição de ambos”. Berry (2001) ressalta a importância de se estudar não apenas as realidades dos grupos ou indivíduos que sofrem discriminação, como também as realidades dos chamados grupos “dominantes” ou grupos de pessoas que agem com discriminação para com os imigrantes, na tentativa de compreender o fenômeno discriminatório. Importante ressaltar também a influência das características de personalidade do indivíduo no processo adaptativo, sendo um fator tanto pré como pós-imigratório. Dependendo da personalidade, o sujeito terá maior ou menor capacidade de superar uma dificuldade, pois dela depende a capacidade de resiliência e tolerância às frustrações. A questão das estratégias identitárias se relaciona diretamente com a variabilidade subjetiva dos sujeitos, com os vários tipos de personalidade.

Concluindo, o postulado de que fala Sayad (1991) sobre o imigrante não nasce apenas ao cruzar uma fronteira, mas à partir do momento em que decide deixar o país onde vive confirma que a decisão de migrar dependerá de diversos fatores cuja influência irá ecoar por toda sua jornada de transição e adaptação. Assim, podemos afirmar que o processo de migração é um círculo de trocas entre os fatores pré-imigratórios e pós-imigratórios e o indivíduo bem sucedido será aquele que conseguirá conciliar as divergências entre essas duas esferas de fatores. Vale ressaltar que a influência dos fatores pré e pós migratórios, bem como

---

<sup>4</sup>O Test of English as a Foreign Language (TOEFL) ou Teste de Inglês como uma Língua Estrangeira é um exame que tem o objetivo de avaliar o potencial individual de falar e entender o [inglês](#) em nível acadêmico. É

requerido para a maior parte dos estudantes estrangeiros que tentam ingressar em uma universidade de um país em que o inglês é a primeira língua. Além disso, instituições como agências governamentais, empresas e programas de estudo podem exigir o teste. A nota no TOEFL é válida por apenas dois anos - após esse prazo, ela é eliminada do banco de dados.

a influência dos impactos das situações de migração depende da subjetividade dos indivíduos e, assim sendo, variam de pessoa para pessoa.

## 2.5 MIGRAÇÃO E SUBJETIVIDADE

Antes de passar pelo processo de ruptura de contexto causado pela migração, o sujeito possui uma identidade x, mas tal ruptura gera um conflito que afeta o seu repertório identitário gerando uma nova identidade. Trata-se de um processo psíquico que varia de pessoa para pessoa mas que gera os processos interculturais. Estes, por sua vez, englobam a adoção de condutas destinadas à resolução do conflito gerado pela mudança de contexto. Percebe-se, portanto, que o conceito de identidade possui uma relevância inquestionável para este trabalho. Assim, este capítulo se voltará a compreender um pouco mais como tal conceito foi determinado por importantes autores de diferentes escolas da psicologia social, e compreender também sua relação com a contemporaneidade, a globalização e as migrações.

Possuir uma identidade é uma necessidade intrínseca do ser humano. Segundo Freud (1930), o homem devido ser regido pelo princípio de prazer tem suas possibilidades de felicidade restringidas por sua própria constituição, ao passo que sofre ameaças de sofrimento oriundas de três fontes a considerar: do próprio corpo (por ser mortal), do mundo externo (por ser imprevisível) e dos relacionamentos com os outros. Ao vir ao mundo, o homem encontra-se em situação de desamparo e angústia perante essas três fontes citadas. O desamparo persegue o homem a vida toda, e este busca obter alguma segurança e conforto em fontes diversas, como por exemplo na segurança de pertencer a um grupo social, a uma nação, a uma cultura, etc. Diante do conflito gerado pelas situações de migração, a identidade se reorganiza assimilando os novos símbolos e significantes da nova cultura, de modo a gerar processos interculturais que implicam em uma reinvenção de si evitando o sentimento de desamparo. A identidade pode vir a se fortalecer perante às incertezas geradas pelas situações de aculturação, corroborando o que Bauman (2005) afirma que passamos a pensar em identidade sempre que não temos a certeza de onde pertencemos; bem como não temos certeza de como nos colocarmos frente às variedades de estilos e padrões de comportamentos dos outros, com a segurança de que nossas posturas pessoais sejam apropriadas. Conclui-se assim que a necessidade de pertencimento leva a busca por uma identidade como meio de se distanciar da sensação de desamparo.

O conceito de identidade tem sido explorado por muitos autores através dos séculos. Para Hall (2006), o homem é um ser histórico, social e cultural logo é esperado que todos os seus processos mentais sejam perpassados por essas três esferas. Sobre a esfera da história, Hall (2006) menciona a existência de pelo menos três concepções diferentes de identidade: a) a identidade do sujeito do iluminismo: voltada a uma concepção de indivíduo portador de um centro nuclear inato o qual se desenvolve ao longo da vida, permanecendo o mesmo sem alterações; b) a identidade de sujeito sociológico: que compreende o indivíduo como portador de um núcleo que se molda à partir da relação com as outras pessoas importantes em sua vida, destacando a importância da interação social para a formação do núcleo interno; c) a noção de sujeito pós-moderno: que se refere ao indivíduo cuja identidade é composta por várias identidades, inclusive podendo ser contraditórias umas com as outras. Dessas três concepções, a identidade do sujeito pós-moderno interessa particularmente este trabalho pela questão da contemporaneidade: o sujeito pós-moderno somos todos nós, indivíduos contemporâneos perpassados pela globalização.

A globalização tem sido considerada uma forte modeladora dos processos identitários do sujeito pós-moderno. Hall (2006) considera que a influência da globalização diz respeito à sensação de encurtamento do espaço e à aceleração do tempo, que por sua vez podem afetar a identidade de modo a sintetizá-la. Por exemplo: atualmente, o sujeito tem acesso a notícias de locais distantes em um curto espaço de tempo graças às inovações tecnológicas cada vez mais avançadas, e pode se comunicar com quem quiser na hora que quiser. Para Bauman (2005) a questão da época pós-moderna ou globalizada, se resume em uma realidade líquida na qual tudo adquiriu uma natureza bastante efêmera.

O sujeito pós-moderno vive um momento no qual sua realidade foi alterada pela globalização, apresentando o encurtamento de fronteiras espaciais e simbólicas, a aceleração no repasse de informações, bem como a aceleração temporal. Enquanto que nos tempos modernos havia a preocupação com uma identidade durável, nos tempos pós-modernos há uma fluidez das identidades. Para Bauman (2005), a globalização possui caráter “indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo”. O autor chama a globalização de a “nova desordem mundial”:

Trocando em miúdos: em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade — ao mesmo

tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. (...) Com “as distâncias não significando mais nada”, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para alguns a liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado. Alguns podem agora mover-se para fora da localidade — qualquer localidade — quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés. (BAUMAN, 1999, p 17)

Esta pesquisa almeja compreender as subjetividades de modo a considerar o efeito do encurtamento de fronteiras, da aceleração do tempo, da facilidade de veiculação de notícias oriundos dos avanços tecnológicos de nossa época. O migrante de hoje em dia não é mais como o de outrora que sofria com a dificuldade de comunicação com seus parentes, ou com as dificuldades nos deslocamentos territoriais. Há de se considerar, portanto, que os processos de aculturação atuais não são como os de antigamente: o mundo mudou e os imigrantes e seus processos identitários de certo que também mudaram.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 17).

A identidade de um indivíduo se refere aos muitos aspectos de sua vida de ser gregário, por exemplo, a cultura, a nacionalidade e a própria sociedade. São essas esferas que diferenciam um povo dos demais, contribuindo para o sentimento de pertencimento a uma nação, sociedade e cultura. A identidade nacional<sup>5</sup> se refere a identificação de uma nacionalidade e pertencimento a uma nação. Caracteriza uma nação a existência de uma comunhão entre as pessoas com interesses comuns, mesmo que nem todos os membros de

---

<sup>5</sup> O termo identidade Nacional tem gerado várias divergências entre os estudiosos da área, alguns advogarão a sua objetividade, ou seja, para eles, identidade nacional seria um elemento imutável, integrador, para outros, identidade nacional seria algo subjetivo, sendo assim, construído, transformado, podendo um mesmo indivíduo se sentir fazendo parte de diversas identidades e a qualquer momento se desvincular de uma delas; é por esta concepção subjetiva de identidade, que podemos situá-la como uma representação. (Andrade, 2010. Pág. 3)

tal território se conheça, bem como a existência de fronteiras territoriais e anseio por liberdade e soberania (ANDERSON, 1993).

Já a nacionalidade é um direito de todo cidadão determinado pela Declaração dos Direitos Humanos. Esse direito não pode ser negado, mas pode ser regulado pelo Estado dentro de seus próprios ordenamentos jurídicos (FRAZÃO, 2006). Segundo Andrade (2010), a identidade nacional carrega interesses do Estado e apresenta-se de forma universal, se estendendo a toda população e desta demandando aprovação para ser legitimada. A autora afirma que a identidade nacional é uma construção, um tipo de representação do Estado com interesses próprios e que para ser instalada no âmbito simbólico de um povo, necessita da cooperação de intelectuais. “As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas” (CHARTIER, 2002, p.17, *apud* ANDRADE, 2010). A autora salienta ainda que em um país existem vários tipos de identidade nacional, não existindo uma homogeneização.

A noção de identidade social construída pelos estruturalistas permitiu o surgimento dos termos estratégias identitárias e dinâmicas identitárias. Assim, para Lipiansky *et al* 1990 *apud* Gutnik (2002), a identidade é considerada como produto de um processo que integra as diferentes experiências do indivíduo ao longo da vida, formando-se dentro das redes de interação. Além disso, apresenta um aspecto multidimensional que corresponde a diversidade de respostas identitárias adotadas em diferentes situações. O sujeito possui uma consciência de sua unidade e de sua continuidade, mas carrega um limite para lidar com conflitos internos, ao mesmo tempo que porta a capacidade de fazer escolhas e desenvolver estratégias de identidade.

Em psicologia, a noção de identidade social teve seu desenvolvimento voltado a examinar as relações entre a dimensão social e pessoal do indivíduo; entre seu comportamento endógeno (a memória de sua trajetória biográfica, os sentimentos concernentes ao seu corpo) e seu comportamento exógeno, representado pelos outros e pelas normas sociais (MALEWSKA-PEYRE, 1986). A introjeção das normas sociais relaciona-se, por sua vez, com a noção de identidade cultural. Esta é uma parte importante da identidade cultural de um grupo, sem a adesão a um mínimo de normas e valores o grupo não pode existir. Neste sentido, nós podemos falar de identidade cultural coletiva, tomando a identidade cultural dos protestantes, dos judeus, dos bretões, dos comunistas (MALEWSKA –PEYRE, 1986.)

Na Psicologia Social, por sua vez, o conceito de identidade foi estudado pela Escola Americana de Chicago (PSA) e pela Escola Europeia de Bristol (PSE), sendo que ambas apresentam visões diferenciadas acerca de tal conceito. A Escola de Chicago, representada por Stryker (1985) e Sarbin (2005) fomentava a ideia de teoria do papel e interacionismo simbólico. Segundo Paiva (2007), a teoria do papel refere-se a questão comportamental do indivíduo e as expectativas em relação a ela no meio das interações grupais. Por interacionismo simbólico entende-se o processo pelo qual se constituem os “mim” (moi) da pessoa em interação com outras pessoas por meio do uso de símbolos. Essas duas teorias, portanto, estão calcadas no indivíduo e menos na causa grupal, ambas integram a Teoria da Identidade.

A Escola Europeia de Bristol é representada por Henri Tajfel (1981) e John Turner (1987) e elaborou a Teoria da Identidade Social. De acordo com Paiva (2007), essa teoria considera que a identidade psicossocial diz respeito a pertença a um grupo (in group) e a não pertença a outro (out group) estabelecidas pelo indivíduo através de uma categorização dos membros dos grupos: pessoas do in group seriam mais heterogêneas e pessoas do out group mais homogêneas. Essa diferenciação seria *a priori* um processo básico (cognitivo) do indivíduo, mas também pode ocorrer devido à influências externas do meio.

A percepção de pertença, segundo Tajfel (1981) é fortemente influenciada pelo elemento motivacional da autoestima. John Turner (1987), por sua vez, elaborou a teoria de autocategorização partindo do conceito de protótipo. Protótipos são as características que melhor definem um grupo. Turner (1987) propõe uma relação negativa entre identidade pessoal e grupal pois, segundo ele, quanto mais uma pessoa partilha do protótipo do grupo mais tende a despersonalizar-se em favor dele. O indivíduo, assim, tende a se comparar com o protótipo do grupo e com as pessoas que o integram, a isso o teórico nomeou de autoprototipicidade.

Burke (1998) compara a Teoria da Identidade com a Teoria da Identidade Social. O autor afirma que a primeira é uma espécie de teoria microsociológica que se propõe a explicar os comportamentos individuais, enquanto que a Teoria da Identidade Social trata-se de uma proposta psicológica que se dispõe a explicar os processos de relações grupais e intergrupais. Mas ambas as teorias estão voltadas para o self multifacetado e dinâmico que permeia a estrutura social e os comportamentos individuais e seu foco está situado na vida social dos indivíduos. Em suma, as diferenças básicas da Escola Americana de Chicago e da Escola Europeia de Bristol residem em seus valores teóricos. Enquanto a PSA focava-se em

valores universais, considerando a homogeneidade grupal e focando-se mais nos processos individuais de atribuição e atração interpessoais, a PSE destacava fortemente os grupos considerando-os não isolados do indivíduo. Sobre a identidade a PSE considerava que a mesma dá-se através de mecanismos de diferenciação com relação a outros grupos. Portanto, a abordagem americana apresenta-se mais centrada no comportamento individualista ea abordagem europeia mostra-se mais filosófica e voltada para interações grupais.

Influenciado pela Teoria da Identidade Social de Tajfel (1981) e Turner (1987), Camilleri (1996) elabora a teoria das estratégias identitárias. Como visto anteriormente, a Teoria da Identidade Social da Escola Europeia está centrada nas estruturas intergrupais dos indivíduos e categorizações das relações grupais como fatores que afetam a autoestima do indivíduo. Assim sendo, uma estratégia identitária no modelo de Camilleri, segundo Amin (2002), é um conceito que parte do pressuposto que nas relações do indivíduo em seus grupos de pertencimento existe a chamada identidade positiva que estaria relacionada com uma boa relação grupal. Entretanto, quando a identidade do indivíduo é por alguma questão desvalorizada este tende a recorrer a estratégias para restaurá-la. Para Amin (2002), o processo de elaboração das estratégias identitárias de Camilleri (1996) dá-se à partir do momento em que o indivíduo enxerga o contato de sua cultura de origem e sua nova cultura como um conflito que gerará uma pressão psicológica que, por sua vez, se repercutirá em seu sistema identitário.

## 2.6 ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E PROCESSOS INTERCULTURATIVOS NAS SITUAÇÕES DE MOBILIDADE

Este capítulo visa compreender o que são as estratégias identitárias, como são adotadas e quais seus propósitos. Além disso será ilustrada a tipologia criada por Camilleri (1990) que ilustra os principais tipos de estratégias identificadas por esse autor.

A noção de estratégias identitárias postula indiscutivelmente que os atores são capazes de agir na sua própria definição de si. (GUTNIK, 2002, p. 120)  
As populações submetidas a diferentes injunções culturais, como as populações migrantes, realmente tornam-se uma terra de eleição para construir novas ferramentas de mobilidade, identidade e identificação. (TEMPLE ; DENOUX, 2008, p. 47-56).

O conceito de estratégias identitárias parte da concepção interacionista de identidade. “E ao falarmos em estratégias de aculturação, compreendemos o indivíduo como ator social, em que não é desprovido de certa margem de manobra, embora o contexto seja crucial nessa elaboração” (DANTAS, 2012, p. 119). Camilleri (1991) define identidade como uma atividade pela qual o sujeito absorve a diversidade para fabricar a si mesmo; de uma parte como unidade que se constrói a si como dialética e de outra parte como fornecimento de valor mínimo de si. Diante disso, as estratégias identitárias são o resultado de uma elaboração individual e também coletiva dos atores nos processos de interações sociais. Segundo Gutnik (2002), são procedimentos adotados pelos sujeitos inconsciente ou conscientemente, individual ou coletivamente no intuito de atingir fins específicos, os quais são elaborados em função da situação de interação e seus diferentes determinantes.

Os objetivos principais das estratégias identitárias se referem à manutenção da unidade identitária. É essa unidade que caracteriza o sujeito e o situa perante a sociedade. Tal manutenção se faz necessária diante da possibilidade de fragmentação da unidade identitária, em vista da quantidade e diversidade de informações externas absorvidas nos processos de aculturação. Nesses casos, as estratégias identitárias funcionarão como condutas responsáveis por salvaguardar a unidade de sentido da identidade e simultaneamente da imagem de valor do sujeito.

O modo como as estratégias identitárias são adotadas se relaciona às situações de interação que envolvem as subjetividades, ilustrando a dinâmica da reestruturação identitária diante dos processos interculturativos. Tais processos são relativos ao engajamento dos sujeitos, ou grupos, que pertencem a dois ou mais conjuntos culturais diferentes. Segundo Clanet (1993), esse engajamento implica nas atitudes implícitas ou explícitas, que ocorrem nas interações desenvolvidas, que estão voltadas a reivindicação do pertencimento a culturas diferentes. Noutras palavras, trata-se de uma elaboração singular da diferença cultural através da qual se opera a sua metabolização. A interculturação supõe que a diferença cultural se torne um operador estruturante da relação. Para isto os seguintes critérios são necessários:

- Duração e extensão do engajamento dos efeitos da diferença cultural;
- Implicação da definição de si de cada parceiro;
- Aparecimento de traços culturais novos, isto é, que não possam ser atribuídos.

O risco de fragmentação da unidade identitária existe através da aculturação e envolve um conflito gerador de pressão psicológica sofrida pelo imigrante no contato com uma nova cultura, segundo Camilleri (1990, *apud* AMIN, 2012). “A crise constitui o que Bion chama de mudança catastrófica, que pode levar à catástrofe ou ao desenvolvimento criativo e seu mais profundo significado, o enriquecimento do Eu” (DANTAS, 2012, p. 120). Berry (2005) define a aculturação como um processo dual de mudanças culturais e psicológicas resultantes do contato entre dois ou mais grupos culturais e seus membros individualmente. A nível grupal, a aculturação envolve mudanças no repertório pessoal comportamental, podendo se estender por apenas alguns anos ou passar de geração a geração em uma mesma família. A aculturação ainda pode gerar como resultado estresse. O estresse aculturativo é considerado normal, no entanto se atinge certos níveis e assume determinadas configurações, requer cuidados com a saúde. Berry (2005) afirma que altos níveis de estresse aculturativo estão relacionados com experiências desagradáveis vividas pelos imigrantes, como, por exemplo, rejeição ou marginalização social.

Tem-se verificado a existência de uma associação entre a migração e o desenvolvimento de problemas psicopatológicos. Ou seja, estes estudos referem que a migração pode ter um impacto negativo na saúde mental dos indivíduos; sugerindo que as populações migrantes apresentam um maior risco de desenvolver algum tipo de doença mental, como os Transtornos Mentais Comuns (TMC). Esta expressão foi criada por Goldberg e Huxley (1992) para caracterizar sintomas como a insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas, que designam situações de sofrimento mental. Pacientes com transtornos mentais comuns apresentam também taxas de mortalidade mais elevadas e prejuízos importantes na função social e física. (COUTINHO et al, 2012, p.402)

A adoção das estratégias identitárias engloba diversos fatores (histórico-social, econômico, político, cultural e psicológico); e pressupõem, da parte do sujeito, uma estimativa das resistências e dos desafios da situação, assim como uma avaliação e uma estruturação da relação com o outro. Camilleri (1990) classificou as estratégias identitárias em uma tipologia, dividindo-as em dois grandes grupos compostos de subunidades menores:

1. O primeiro grupo engloba as **Estratégias de Reestabelecimento do Valor de Si**, voltadas à preservação da autoestima e da própria singularidade diante de situações depreciativas. Esse grupo divide-se nos subgrupos: Identidades Dependentes e Identidades Reacionais ou Reativas.
  - a) **Identidades Dependentes**: se referem às condutas nas quais o sujeito tende a introjetar os julgamentos depreciativos, ou transfere tais julgamentos a membros

de seu grupo, ou ainda se distancia do contato social. Essas condutas dividem-se nas seguintes subunidades:

- **Identidade negativa** : Interiorização do julgamento depreciativo ;
- **Identidade negativa deslocada** : Evacuação da identidade negativa por assimilação ao favorecido e por transferência da injunção desfavorizante sobre os membros do seu grupo de origem ;
- **Identidade por distinção** : Tomada de consciência da sua singularidade mas sem interiorização da desvalorização, evitada pela atitude de distanciamento.

2. O segundo grupo abrange as **Estratégias para Reestabelecer uma Unidade de Sentido**. Trata-se de condutas voltadas à preservação do sentido da própria unidade identitária, que pode vir a ser perturbado por situações de conflito geradas pelo contato de culturas (aculturação). Este grupo divide-se em:

a) **Estratégias de Coerência Simples**: São aquelas nas quais o sujeito consegue passar de um sistema (cultural, simbólico, etc.) a outro, segundo a demanda das situações e dos interlocutores. Visa-se conservar uma unidade identitária, em decorrência de uma inadaptação ao novo contexto, ou se adaptar a todo custo à cultura de acolhimento. Portanto, o sujeito pode passar a priorizar a evocação de um sistema cultural (sua cultura de origem, por exemplo) em detrimento de outro sistema (a cultura de acolhimento). Esse subgrupo divide-se nas seguintes subunidades:

- **Supervalorização da Função Ontológica**: Investimento mais ou menos exclusivo no sistema de origem (fundamentalismo, conservadorismo total);

A função ontológica da identidade é uma renovação permanente das diferenças e opostos em uma unidade estrutural que dá ao sujeito a sensação de não ser contraditório, e que mantém o estado no próprio reconhecimento. (TEMPLE; DENOUX, 2008, p. 47-56).

- **Supervalorização da função pragmática**: Investimento mais ou menos exclusivo no sistema de acolhida, primazia da vontade de adaptação (oportunista completo). Valorização dominante da função pragmática mais conservação de um mínimo ontológico; Alternância conjuntural dos códigos (oportunista limitado). “Sua função pragmática é um instrumental para se adaptar ao ambiente que ameaça, por suas irregularidades e contradições. Constrói a unidade do

sujeito e a pressiona para alinhar a identidade de suas expectativas.” (TEMPLE; DENOUX, 2008, p. 47 -56).

b) **Estratégias de Coerência complexa:** Se referem à construção de uma formação inicial original à partir de elementos provenientes dos dois modelos culturais (cultura de origem e cultura de acolhimento), visando adaptação e equilíbrio. São divididas em dois subgrupos:

- **Bricolages identitárias:** Implicam nas condutas pelas quais o indivíduo põe em evidência uma lógica subjetiva e não racional que o permite resolver as contradições, ou conflitos, de modo a reinterpretar as prescrições tradicionais de acordo com os seus interesses. É uma espécie de oportunismo voltado a maximizar as vantagens possíveis das situações relativas a junção de culturas. As bricolagens podem ser entendidas como um “se colar, colou”, em que se considera apenas os resultados e não a elaboração calculada de determinadas condutas.

**Lógica racional:** Trata-se do oposto das bricolagens, uma vez que o sujeito busca articulações lógicas entre os elementos novos (símbolos, significantes, etc.) e as estruturas antigas (oriundas da cultura de origem), havendo assim adaptações e negociações menos passionais e mais racionais em seu sistema identitário.

c) **Estratégias de Moderação de Conflito:** São voltadas à redução dos conflitos gerados. Porém, muitas vezes há dificuldade de adaptação ao país de acolhimento, levando o sujeito a desenvolver sentimentos de autculpabilização pelas dificuldades encontradas. O sujeito pode passar a evitar o contato tanto com o sistema cultural do país de acolhida, quanto com o do seu país de origem. É através dessa dificuldade, em conjunto com as técnicas de enfrentamento desenvolvidas pelo sujeito, que muitas vezes ocorrem os adoecimentos responsáveis por acarretar problemas como alcoolismo e demais tipos de dependência química (AMIN, 2012; DENOUX, 2008; PACHECO, 2000).

As estratégias identitárias diferentemente para o âmbito grupal e individual. Camilleri (1990), afirma que os fenômenos grupais não se confundem com os fenômenos individuais no que se refere a aculturação. Isso ocorre porque o coletivismo se expressa através de códigos culturais, enquanto que as estratégias identitárias estariam mais a nível individual. Assim,

mesmo havendo a existência de grupos e subgrupos, os indivíduos que os compõem não são iguais e disso pode resultar as tensões. Os indivíduos que compõem os grupos e subgrupos desenvolvem suas próprias estratégias a despeito da coletividade, nascendo assim duas problemáticas: as questões das relações entre gerações e entre gêneros.

Camilleri cita o exemplo de como os grupos lidam com a manutenção dos códigos culturais frente a relação com o individualismo: no caso das novas gerações, cuja tendência é afastar-se dos códigos antigos, os mais velhos permitem que os jovens não sigam todos os códigos mas que os respeitem, no intuito de que tais mecanismos de origem não percam por completo sua influência. Trata-se de uma conversão cultural na qual o abandono mais ou menos tolerado dos recursos tradicionais é admitido na condição de manter outros mais importantes. Tal fato exemplifica uma tentativa de manutenção do aparato do grupo. Logo, para cada comunidade de imigrantes de duas gerações, por exemplo, é estabelecido um compromisso entre a exigência identitária grupal e as individuais.

No âmbito individual, Camilleri (1990) considera que as situações e problemas vivenciados pelo indivíduo não necessariamente se relacionam com as situações e problemas vivenciados pelo grupo. Logo, as explicações para os comportamentos em grupo e individualmente não são as mesmas. Por exemplo, em uma sociedade fechada à diferença cultural dos imigrantes, estes poderão utilizar as estratégias de assimilação ou de separação que diz respeito àquela sociedade. No entanto, ao se analisar as reações individuais, nota-se muitos indivíduos mantendo seus valores originais. Em um ambiente intolerante, eles se escondem atrás de um acordo superficial com a sociedade de acolhimento ou atrás de um acordo parcial que se manifesta apenas no nível de conformidade que compõe a rigidez social. Por trás da aparente dicotomia assimilação/separação, pode-se identificar uma integração mascarada.

Conclui-se que as estratégias identitárias são condutas com propósitos definidos e que variam com a subjetividade dos sujeitos e com as variadas situações pelas quais estejam passando. Conclui-se também que tais estratégias variam no âmbito individual e coletivo e que não são as mesmas para estes dois pólos. Segue a tipologia elaborada por Camilleri (1990) acerca das estratégias identitárias:

**Quadro 3 - Estratégias Para Reestabelecer Uma Unidade de Sentido (Coerência Entre a Função Ontológica e a Função Pragmática):** Como explicado anteriormente, essa categoria

|                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Coerência Simples:</b><br>Resolução da contradição através da supressão de um de seus termos | <b>Supervalorização da função ontológica:</b><br>Investimento mais ou menos exclusivo no sistema de origem (fundamentalismo, conservadorismo total).                                                     |
|                                                                                                 | <b>Valorização dominante da função pragmática mais conservação de um mínimo ontológico:</b><br>Alternância conjuntural dos códigos (oportunista limitado).                                               |
|                                                                                                 | <b>Supervalorização da função pragmática:</b><br>Investimento mais ou menos exclusivo no sistema de acolhida, primazia da vontade de adaptação (oportunista completo)                                    |
| <b>Coerência Complexa:</b><br>Leva em conta todos os elementos em oposição                      | <b>Bricolages identitárias:</b><br>Resolução da contradição por si mesmo e não em si, lógica efetiva e não racional.                                                                                     |
|                                                                                                 | <b>Lógica racional:</b><br>Reaproximação, dissociação, articulação orgânica dos contrastes, suspensão da aplicação do valor, valorização da mente à custa da carta.                                      |
| <b>Estratégias de moderação dos conflitos</b>                                                   | <b>Estratégias problemáticas não permitem evitar o conflito:</b><br>Ponderação diferencial dos valores em oposição, limitação do elemento percebido como penível, alternância sistematizada dos códigos. |

está voltada para a manutenção da unidade identitária de modo a evitar o conflito.

Fonte: Camilleri (1999).

**Quadro 4 - Estratégias Para Reestabelecimento do Sentimento de Valor Si:** estratégias voltadas à manutenção da autoestima do indivíduo, de modo a evitar o sofrimento perante situações que podem provocar uma desvalorização de si.

**1. Identidades dependentes**

- 1.1. Identidade negativa :** interiorização do julgamento depreciativo ;
- 1.2. Identidade negativa deslocada :** evacuação da identidade negativa por assimilação ao favorecido e por transferência da injunção desfavoroizante sobre os membros do seu grupo de origem
- 1.3. Identidade por distinção :** Tomada de consciência da sua singularidade mas sem interiorização da desvalorização, evitada pela atitude de distanciamento ;

**2. Identidades reacionais (reativas) :**

- 2.1. Identidade de defesa :** Identidade como proteção, como escudo para se proteger dos outros ;
- 2.2. Identidade polêmica :** super afirmação das características estigmatizadas, em oposição normalmente negativa contra o dominante ;
- 2.3. Identidade de princípio ou voluntarista :** conduta paradoxal de reivindicação de pertencimento ao grupo de origem, enquanto há rejeito destes mesmos valores nos atos.

Fonte: Camilleri (1999).

Até agora discorreu-se acerca das migrações, focando-se naquelas consequentes da internacionalização do ensino superior. Foi realizado um resgate histórico da mobilidade acadêmica internacional no Brasil e na UFPE e posteriormente relacionou-se a vivência migratória com as questões subjetivas, salientando a importância de compreender o conceito de identidade e das estratégias identitárias. Como mencionado anteriormente, este trabalho busca responder à pergunta : qual a relação entre as estratégias identitárias adotadas por estudantes estrangeiros e os impactos psicológicos decorrentes do processo de aculturação inerente à mobilidade estudantil?

Para responder a esta pergunta foram adotados os seguintes objetivos:

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender a relação entre os tipos de estratégias identitárias adotadas por estudantes estrangeiros, de graduação ou pós-graduação da UFPE, e os processos interculturativos decorrentes da situação de mobilidade.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar as estratégias identitárias adotadas pelos estudantes estrangeiros;
- Analisar as relações entre tais estratégias e as dificuldades inerentes aos processos interculturativos.

No intuito de atingir esses objetivos, adotou-se a seguinte metodologia:

### **4 METODOLOGIA**

#### **4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

Esta pesquisa está voltada à investigação e compreensão de fenômenos subjetivos relativos a processos interculturativos vivenciados por estudantes imigrantes. O uso da abordagem qualitativa se justifica pelo fato de esta pesquisa buscar analisar com maior profundidade uma menor quantidade de casos, o que a caracteriza como pertencente à corrente francófona. Esta corrente está centrada na descrição dos aspectos psicológicos individuais (resultantes do fenômeno do contato intercultural), na qual é estudada menor

quantidade de casos que são analisados com maior profundidade (AMIN, 2012). Esta pesquisa também possui caráter exploratório já que visa compreender um tema pouco estudado no cenário nacional (GIRARDI, 2005).

O método adotado neste trabalho é o estudo de caso que se deu através da aplicação de entrevista semiestruturada. O estudo de caso se caracteriza pelo interesse em casos individuais, podendo ser constituído através dos mais variados métodos de investigação. Segundo Stake (2000, p. 436, apud ALVES-MAZZOTTI, 2006), os estudos de caso são: a) intrínseco, no qual “busca-se melhor compreensão de um caso apenas pelo interesse despertado por aquele caso particular”; b) instrumental, “onde o interesse no caso deve-se à crença de que ele poderá facilitar a compreensão de algo mais amplo”; c) coletivo, onde “o pesquisador estuda conjuntamente alguns casos para investigar um dado fenômeno, podendo ser visto como um estudo instrumental estendido a vários casos”. Trata-se, portanto, de um estudo de caso do tipo instrumental estendido, pois se pretende analisar mais de um caso no intuito de compreender o uso das estratégias identitárias.

Esta pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética da UFPE (CEP) em 06 de julho de 2016 e possui o número de registro (CAAE) nº 56390416.9.0000.5208. A pesquisadora está comprometida com as questões éticas que envolvem a pesquisa com seres humanos e para isto preocupou-se em submeter este trabalho ao Conselho de Ética da UFPE. Além de questões éticas como a preservação do anonimato dos participantes e também da garantia do retorno dos resultados da pesquisa a pedido destes, a pesquisadora também considera mais dois princípios, em concordância com La Taille (2008): 1) a dignidade inerente à pessoa humana, e 2) a liberdade. Segundo a autora, o princípio da dignidade é absoluto, ou seja, não poderão ser aceitas exceções ao mesmo. Assim sendo, nenhum tipo de desrespeito à pessoa humana é considerado legítimo. O princípio da liberdade, por sua vez, é relativo e portanto exige um maior cuidado no que se refere ao significado de liberdade para que este não se confunda com desrespeito aos limites do outro.

O princípio da dignidade do ser humano confere a este o direito à integridade física e psicológica e ao respeito moral de outrem. Respeitar a dignidade alheia é imperativo moral. O princípio da liberdade do ser humano confere a esse o direito de não ser coagido por outrem, e também lhe confere o dever de não coagir as demais pessoas. Isso posto, devemos nos perguntar se esses princípios são absolutos ou relativos. (LA TAILLE, 2008. p 271)

Outra questão relativa ao papel de pesquisador é a neutralidade. É preciso ter em mente que um pesquisador, por mais consciente que seja dos limites de sua interferência não é

de fato um sujeito neutro no processo de pesquisa. Assim, o olhar do pesquisador pode ser influenciado por diferentes variáveis (linguagem, gênero, classe social, raça, etnia) (DENZIN; LINCOLN, 2006). Portanto, de acordo com Velho (1987), a crença na objetividade e na neutralidade do pesquisador no que concerne à visão e explicação de determinado fenômeno sem que o mesmo sofra influência de suas próprias concepções não passa de uma ideia fantasiosa.

#### 4.2 POPULAÇÃO ESTUDADA

O contexto deste se refere à situação de mobilidade estudantil ocorrida no Brasil. Assim, foram selecionados estudantes universitários estrangeiros oriundos de diversos países. Os critérios de inclusão dos participantes englobaram: a) estar matriculado devidamente em cursos de graduação ou pós-graduação da UFPE, seja através dos programas PEC-G, PEC-PG ou de intercâmbios; b) residir há pelo menos um ano no Brasil no caso dos alunos PEC-G PEC-PG ou de pelo menos 3 meses para os estudantes intercambistas; c) ser maior de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: a) ser menor de 18 anos e não estar matriculado em cursos da UFPE.

#### 4.3 MATERIAIS UTILIZADOS

1. Questionário sócio demográfico (anexo 4): consistiu em uma readaptação do questionário utilizado por Girardi (2015) sendo composto por 10 questões voltadas a um melhor delineamento do perfil dos participantes.
2. Roteiro de entrevista semiestruturada (anexo 5): composto por 11 questões voltadas para a compreensão da realidade dos sujeitos;
3. Notebook
4. Canetas
5. Folhas de papel A4
6. Gravador de voz.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA

A coleta dos dados teve início após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da UFPE.

Antes da submissão do projeto ao CEP, foi acordado com a Clínica de Psicologia da UFPE para que, caso se tornasse necessário, o oferecimento de assistência psicológica aos participantes da pesquisa para os casos nos quais sentissem a necessidade, em decorrência de situações de conflito, constrangimento ou desconforto provocados pelo processo de entrevista.

As entrevistas foram realizadas através do contato direto com instituições, portanto não será preciso elaborar Carta de Anuência. Logo, os contatos iniciais serão estabelecidos através de telefonemas e e-mails com carta-convite em anexo enviados a pessoas indicadas a pesquisadora, através de sua rede de contatos. Antes da realização das entrevistas foi explicado aos participantes o objetivo do estudo e a descrição dos procedimentos do mesmo. Depois de aceitar o convite, solicitou-se a cada participante a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo1). Os participantes foram informados também a respeito e manutenção do sigilo sobre suas identidades, sendo os seus nomes e os demais nomes citados substituídos por nomes fictícios no texto, também foi explicada a informação de que o participante estaria livre para retirar a sua participação no estudo em qualquer etapa do mesmo. As entrevistas ocorreram individualmente, sendo gravadas posteriormente.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE

A análise dos dados ocorreu através da análise de conteúdo de Bardin (2009). Tal procedimento visa compreender os significados por trás dos conteúdos, mas como a própria autora afirma: “em muitos casos a análise não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o continente” (BARDIN, 2009, p. 31). Portanto, este trabalho buscou compreender os marcadores que apontam as estratégias identitárias na fala dos sujeitos, sem limitar-se a eles, uma vez que o continente (a história dos sujeitos) representa importante meio de compreender sua trajetória de vida e adaptação no novo país.

A análise de conteúdo se define como um conjunto de técnicas de análises das comunicações (quantitativas ou não) que aposta no rigor do método como forma de não se perder a heterogeneidade de seu objeto. Visa obter, por procedimentos sistemáticos, e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores e conhecimentos relativos às condições de variáveis inferidas na mensagem. (BARDIN, 2009. p 31)

Para a execução da análise de conteúdo deste estudo, as entrevistas deverão seguir os seguintes passos listados por Bardin (2009):

- a) **Pré-análise:** que consiste na organização (feita com base nos objetivos do trabalho) dos materiais e na escolha daqueles que serão analisados; e na leitura flutuante do material. Trata-se da primeira leitura do material, na qual a compreensão do texto e as primeiras impressões sobre o mesmo acontecerão. As entrevistas, após transcritas e impressas, serão lidas cuidadosamente, respeitando-se nesta etapa as regras expostas por Bardin (2009). A primeira é a regra da exaustividade, na qual nenhuma parte da entrevista deverá ser deixada de fora, pois tal atitude pode vir a prejudicar a compreensão do texto; a segunda é a regra da representatividade, que permite o recorte de amostras para análise desde que sejam significativos para o trabalho. Assim, as amostras deverão representar o todo, bem como os resultados obtidos através delas. E, por último, Bardin menciona a regra da pertinência, que implica selecionar amostras que contenham aspectos relacionados ao objeto do trabalho.
  
- b) **A fase de exploração do material:** sistematizar como mais rigor as etapas anteriores. Bardin (2009) menciona a importância da codificação, na qual são realizados os recortes, agregações e enumerações dos dados do texto. “A codificação se dá através da seleção de unidades de registro que são na verdade segmentos dos recortes a serem utilizados como base” (BARDIN, 2009, p. 104). Essas unidades são as palavras, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento. A autora afirma também que todas as palavras devem ser levadas em consideração.
  
- c) **Fase de categorização:** é realizado o agrupamento do material em função das unidades de registro sob um título geral. Bardin (2009) estabelece alguns critérios para esta a categorização:
  - **Critério semântico:** agrupados por temas comuns. Neste caso, temas relacionados ao processo de aculturação (medo, ansiedade, expectativas, sociabilidade, etc.);

- **Critério sintático:** categoriza-se verbos e adjetivos utilizados com maior frequência;
- **Léxicos:** classificação das palavras segundo seu sentido, emparelhamento dos sinônimos e sentidos próximos;
- **Expressivos:** expressões pertinentes serão consideradas.

d) **Fase de tratamento dos resultados:** faz inferência à interpretação. A interpretação dos dados será feita de acordo com o corpus teórico deste trabalho e os resultados serão sistematizados de acordo com os objetivos propostos, buscando compreender o objeto pesquisado.

#### 4.6 AMOSTRA

A amostra deste trabalho foi composta de 11 estudantes universitários estrangeiros matriculados em cursos de graduação ou pós graduação da UFPE. O grupo foi dividido em: estudantes do programa PEC-G e PEC-PG, que estão há pelo menos 01 ano residindo no Brasil, e estudantes intercambistas que estejam há pelo menos 03 meses. No entanto, um quarto perfil englobou aqueles que vieram ao Brasil por outros motivos que não os estudos e assim sendo não se inseriram em programas de mobilidade. A aplicação do questionário sócio-demográfico permitiu delinear um perfil dos participantes contidos no quadro abaixo:

**Quadro 5 - Caracterização dos Participantes**

| Categoria             |                   | Nº de pessoas |
|-----------------------|-------------------|---------------|
| Sexo                  | Masculino         | 7             |
|                       | Feminino          | 4             |
| Idade                 | 21 anos – 24 anos | 4             |
|                       | 30 – 31 anos      | 4             |
|                       | 34 – 37 anos      | 3             |
| Estado civil          | Solteiro (a)      | 9             |
|                       | Casado (a)        | 0             |
|                       | União estável     | 2             |
| País de nascimento    | França            | 3             |
|                       | Colômbia          | 3             |
|                       | Guiné – Bissau    | 2             |
|                       | Chile             | 1             |
|                       | Benin             | 1             |
|                       | Moçambique        | 1             |
| Tempo em mobilidade   | Menos de 1 ano    | 2             |
|                       | 2- 3 anos         | 4             |
|                       | 5- 7 anos         | 5             |
| Programas de convênio | PEC- G            | 3             |

|                                        |                            |   |
|----------------------------------------|----------------------------|---|
|                                        | PEC-PG                     | 3 |
|                                        | Intercâmbio                | 3 |
|                                        | Sem programas              | 2 |
| Apoio de fomento                       | Bolsistas                  | 6 |
|                                        | Freemovers                 | 5 |
| Escolaridade                           | Graduação em andamento     | 3 |
|                                        | Mestrado em andamento      | 3 |
|                                        | Doutorado em andamento     | 3 |
|                                        | Pós-doutorado em andamento | 1 |
|                                        | Outros                     | 1 |
| Com quem reside                        | Sozinho (a)                | 2 |
|                                        | Amigos                     | 7 |
|                                        | Cônjuge                    | 2 |
|                                        | Família nuclear            | 0 |
|                                        | Outros                     | 0 |
| Religião                               | Sim                        | 4 |
|                                        | Não                        | 3 |
|                                        | Não respondeu              | 2 |
| Se sim, qual                           | Católica                   | 3 |
|                                        | Muçulmana                  | 2 |
| Crença                                 | Sim                        | 1 |
|                                        | Não                        | 0 |
| Se sim, qual                           | Muçulmana e candomblé      | 0 |
| Língua Materna                         | Crioulo/ português         | 2 |
|                                        | Crioulo/francês            | 1 |
|                                        | Espanhol                   | 4 |
|                                        | Francês                    | 3 |
|                                        | Francês e português        | 1 |
| Nível de português antes da imigração: | Nenhum                     | 4 |
|                                        | Pouco                      | 0 |
|                                        | Regular                    | 1 |
|                                        | Bom/ótimo                  | 6 |

|                                             |                                             |              |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------|--------------|
|                                             |                                             |              |
| Nível de português atual:                   | Regular<br>Bom/ótimo                        | 2<br>9       |
| Primeira imigração para estudar/morar fora: | Sim<br>Não                                  | 10<br>1      |
| Imigrou sozinho?                            | Sim<br>Não                                  | 9<br>2       |
| Visto atual                                 | Estudo<br>Trabalho<br>Residência permanente | 10<br>1<br>0 |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

## 5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Este capítulo divide-se em duas partes: a primeira engloba os estudos de caso, cujas informações foram divididas nas seguintes categorias: a) processo migratório e dificuldades enfrentadas; b) cultura de origem; c) cultura de acolhimento; d) motivações para migrar; e) apoio familiar recebido; f) etapas pré-migratórias (preparações); g) representações acerca do Brasil; Essas categorias englobam os processos interculturativos propriamente ditos e compreendem fatores cuja importância se inicia antes da migração e se estende por todo o processo de aculturação e adaptação dos sujeitos. Nenhum fator pode ser desvinculado da experiência da migração ou analisado separadamente desta, haja vista serem os responsáveis pela experiência subjetiva e conseqüentemente pela adoção de estratégias identitárias. A segunda parte deste capítulo contém as estratégias identitárias adotadas pelos sujeitos na vivência dos fatores anteriormente citados.

### 5.1 ESTUDOS DE CASO

#### a) Processo Migratório e dificuldades enfrentadas:

Os processos migratórios implicam em uma gama de dificuldades e experiências vividas e isso não é diferente nos casos das mobilidades estudantis. Segundo Gusmão (2008), os processos de mobilidade com a finalidade de estudo e universos contextuais específicos revelam, por trás dos mesmos, que realidades muito diversas e diferentes são postas em movimento. Para Lechner (2007), as trajetórias de vida dos imigrantes são marcadas por linhas temporais inscritas nos mesmos espaços geográficos, culturais e políticos distintos: o antes e o depois de “dar o salto”; o ali da emigração e o aqui da imigração; as competências linguísticas desiguais entre pais e filhos (tanto no que diz respeito à língua de origem como à do país de imigração). Portanto, cada caso aqui ilustrado será composto de suas próprias peculiaridades, mas podendo haver convergências sobre um mesmo fator comum.

**O Participante 1 (Guiné-Bissau)** já ambicionava estudar no exterior e foi estimulado pela família para vir ao Brasil, pois era desejado que ele superasse um processo de luto pela morte do pai. Esta foi sua primeira imigração para moradia no estrangeiro. Não escolheu viver no Recife, mas não havia mais vagas para outras cidades. Há aqui dois pontos importantes

cuja influência se estendeu adiante na experiência de adaptação de P1. O primeiro foi o apoio familiar, que será mais explorado adiante; e o segundo a não escolha da cidade do Recife. Em sua fala, P1 externa sua insatisfação de morar na cidade e menciona não concordar com o modo como os recifenses agem nas relações interpessoais. Esse comportamento que o desagrada se refere a indisponibilidade do recifense para fazer amizades, ajudar pessoas ou cumprimentar os amigos/ colegas nas ruas. P1 foi categórico com relação a esse ponto e diz que noutras cidades brasileiras tal comportamento não se aplica:

*Você chegar, por exemplo, no Ceará, uma pessoa negra perguntando algo, as pessoas param com toda vontade e conversam com você, explicam o lugar. Se você for fazer isso no Rio de Janeiro, eu já fiz, saí sozinho no Rio, não tem problema nenhum. Mas aqui, há 7 anos, você para pra perguntar e eles não param pra explicar onde é que é tal lugar. E se você é preto é pior, correm pensando que você vai assaltar. Eu nunca vou conseguir me acostumar a isso. Então, várias vezes eu em ônibus pergunto onde é tal lugar e o motorista diz: não, não sei onde é. Um passageiro simpático diz: eu sei onde é, é aqui e tal, mas o motorista simplesmente não quer explicar. Uma vez eu tava indo num congresso no mar hotel, aí eu sabia lá a rua, mas não tinha certeza se ainda era longe pra chegar, e eu queria comer alguma coisa pra poder ir. Eu perguntei pra um senhor: Onde é que é... Daqui pra lá você sabe dizer se é tão longe assim? Porque eu tô em dúvida, eu sei que eu vou direto. Eu sabia que era isso. Mas sabe o que foi que ele fez? Disse: não sei. É lá ó. Vá pra lá. (P1- Guiné Bissau).*

Mais adiante, veremos que a estratégia de função ontológica adotada por este sujeito esteve diretamente relacionada às frustrações vividas em território brasileiro. Em meio às discriminações sofridas, o jovem voltou-se para a sua identidade de origem, fortalecendo-a.

#### Quadro 6–Resumo Participante 1

| Dificuldades / riscos                                                                                                                                                                                                                                            | Benefícios                                                                                                                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma;</li> <li>• Não se sentir acolhido;</li> <li>• Sentir-se discriminado;</li> <li>• Fechar-se para a vida social;</li> <li>• Solidão;</li> <li>• Frustração;</li> <li>• Sentimento de não pertencimento</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento de mundo;</li> <li>• Independência;</li> <li>• Fortalecimento da identidade de origem;</li> <li>• Ganho de maturidade.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

**O participante 2 (Chile)** migrou ao Brasil devido relacionamento com brasileira. Apesar de sua preferência inicial ter sido cursar mestrado em um país de língua espanhola, terminou por ser aprovado na seleção de mestrado da UFPE. Este caso, diferentemente do anterior, não se tratou de uma migração motivada por estudos, mas sim porque P2 mantinha um relacionamento com uma brasileira e quis morar com ela no Brasil. Vejamos:

*Eu não cheguei no Brasil pelo motivo de estudar, eu cheguei por que minha esposa....bom, a gente se conheceu na Bolívia viajando, como turista lá, e a gente começou depois um relacionamento, namoro à distância e depois de 2 anos de relacionamento a gente se organizou pra morar junto, aí eu cheguei no Brasil pra morar com ela e a motivação não foi pra estudar, foi pra morar com ela e construir uma vida no Brasil com ela. E só 1 ano e 1 ano e meio é que comecei a estudar, passei na seleção do mestrado.*

Neste caso, a vinda ao Brasil não foi uma escolha mas uma consequência. No entanto, com relação a adaptação, P2 afirma que sua maior dificuldade foi o idioma (as dificuldades enfrentadas serão analisadas *a posteriori*). Em sua fala não emergiram queixas relacionadas a cidade do Recife como no caso anterior ou outro elemento cultural brasileiro. Pelo contrário, este participante diz sentir-se bastante adaptado ao Brasil, inclusive possui o desejo de obter um trabalho aqui e se estabelecer.

*Após terminar o doutorado eu gostaria de trabalhar como psicólogo, e fazer a minha nacionalidade brasileira, tentar um concurso público, tentar um emprego mais estável, com bom salário. É uma expectativa.*

Sobre a diferença de tratamento que recebeu dos brasileiros, o jovem diz não ter sofrido nada negativo.

*Pelo o fato de eu ser latino, isso ajuda muito, porque as pessoas parecem muito, são mais receptivas, mais abertas. Mas no meu país as pessoas são mais fechadas que aqui. Isso é uma coisa positiva daqui que as pessoas são mais abertas, mas no meu caso que eu sou chileno ...não sei outras pessoas.*

Deste caso, conclui-se que não houve experiência discriminatória e, portanto, as estratégias identitárias foram adotadas em virtude de outros fatores como a dificuldade de falar o Português. P2 adotou a estratégia de supervalorização da função pragmática, que teve implicações em seu esforço de assimilar a Língua Portuguesa e engajar-se na nova cultura.

#### Quadro 7 - Resumo Participante 2

| Dificuldades/Riscos                                       | Benefícios                                                                                |
|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>Idioma.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio familiar;</li> <li>Boa adaptação;</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

**A Participante 3 (Colômbia)** migrou ao Brasil porque mantinha um relacionamento com um brasileiro. Aqui chegando, passou um tempo ociosa mas arranhou um trabalho voluntário e um curso de português na UFPE. A necessidade de continuar os estudos veio

depois com sua matrícula no curso de mestrado da referida universidade. Diferentemente do caso anterior, para P3 a vinda ao Brasil não foi de todo positiva pelos seguintes motivos: havia ligação forte com sua família e a saudade sentida pesou bastante para ela. Ao chegar ao Brasil houve mudança brusca de rotina, pois na Colômbia ela estudava e trabalhava mas aqui permaneceu ociosa por 01 ano; houve dificuldade com o idioma porque não sabia falar Português.

*No primeiro ano. Então, pra mim isso se tornou uma rotina que eu estava ficando doida completamente. Porque eu estava acostumada, na Colômbia em trabalhar e fazer meu dinheiro e estudar.*

[...]

*Sabe, eu sentia falta de ter um amigo. Aqui eu não conhecia ninguém, ficava só estudando. Aí, isso pra mim se tornou uma coisa muito complicada. Até que chegou um dia que eu já chorando e tudo, disse pro meu namorado: Eu vou embora!*

As estratégias identitárias adotadas pela participante estiveram relacionadas à superação das mudanças de rotina vivida e ao mesmo tempo de adaptação ao país de acolhida.

#### Quadro 8 - Resumo Participante 3

| Dificuldades/riscos                                                                                                                                                                                                                                 | Benefícios                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidão;</li> <li>• Vida social restrita;</li> <li>• Idioma;</li> <li>• Ócio;</li> <li>• Mudança de clima;</li> <li>• Falta de perspectiva (nos primeiros anos);</li> <li>• Saudade da família;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio da família do namorado;</li> <li>• União com a própria família;</li> <li>• Resgate de vida social através do trabalho no museu;</li> <li>• Conhecimento de outra cultura;</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

**O Participante 4 (Guiné-Bissau)** chegou ao Brasil para graduar-se em Biomedicina pela UFPE e atualmente faz pós-graduação na área de Bioquímica. Alega ter tido vontade de estudar fora e de ter sido encorajado pela família. Ao ser aprovado para vir estudar no Brasil providenciou a documentação necessária, inclusive viajou ao interior de seu país para conseguir as documentações dos seus pais. As dificuldades enfrentadas estiveram relacionadas com discriminação racial, falta de apoio acadêmico e dificuldades com estudos e moradia. P4 conta ter sofrido uma abordagem policial a qual ele associa a racismo.

Para Bastos *et al* (2014), a discriminação é considerada um comportamento que cria, mantém ou reforça vantagens para alguns grupos e seus membros sobre outros grupos e seus membros. Além disso, a ocorrência das situações de discriminação ocorre de formas multifacetadas. Em estudo realizado no Brasil, este autor constatou que a discriminação atribuída à idade, classe e cor da pele foi a mais relatada, sendo que aproximadamente um quarto de todos os participantes atribuiu suas experiências discriminatórias a outras razões, incluindo a forma de se vestir, o local onde reside, um tipo de hábito ou comportamento e também a valores morais específicos. No caso do participante 4, a discriminação envolveu a cor da pele. Segue o relato:

*Mas aí teve uma coisa que eu não esperava passar no Brasil que foi quando eu cheguei, logo na primeira semana, eu saí um dia na rua de onde eu moro pra saber onde ficava as coisas, padaria, essas coisas, então quando ia seguindo pela rua veio um carro da polícia. Aí ele parou e os policiais me abordaram, foram me revistar e perguntavam pra onde eu estava indo.... aí eu fiquei muito assustado, foi muito ruim, eu falava com eles e eles notaram que eu não sou daqui aí perguntaram: “De onde você é?” Aí eu disse, eu expliquei que sou estudante, etc. Só que eu tava com um pen driver no meu bolso, aí eles falavam: “O que é isso no seu bolso?” Achando que era droga, né... aí me revistaram. Eu fiquei abalado com isso. Aí quando cheguei em casa que contei pro pessoal, eles explicaram que é porque eu sou preto. Que aqui no Brasil revistam gente preta. Aí depois disso eu fiquei com medo de sair de casa, só fui sair muito tempo depois.*

[...]

*Aí quando cheguei em casa que contei pro pessoal, eles explicaram que é porque eu sou preto. Que aqui no Brasil revistam gente preta. Aí depois disso eu fiquei com medo de sair de casa, só fui sair muito tempo depois.*

Sobre a situação experienciada pelo estudante, trata-se de uma situação delicada mas recorrente na realidade brasileira: jovem negro, mesmo não apresentando comportamento suspeito é abordado por policiais. Tal situação se refere à realidade social brasileira na qual a maioria das pessoas marginalizadas são negras, ao mesmo tempo que aponta para racismo e também para uma contradição: a aceitação do outro por ser estrangeiro e estudante, e ao mesmo tempo a desconfiança por causa de sua raça.

Aceitar o sujeito outro porque estrangeiro, e, ao mesmo tempo, negá-lo porque negro implica no reconhecer da presença desse estudante que vem de outras terras. Mas também evidencia o significado da raça na realidade brasileira, visto pela cor de sua pele e pelas relações que estabelece com o chamado outro, brasileiro ou estrangeiro, porém negro. (GUSMÃO, 2011, p. 194)

No que se refere às dificuldades enfrentadas na universidade, o jovem diz ter estudado muito, pois além de pagar muitas disciplinas por período, era necessário ter boa média para que a bolsa fosse mantida. Ele relata que sofreu bastante quando reprovou uma disciplina nos períodos iniciais, mas que teve apoio dos colegas e de uma professora com a qual ele mantém a amizade até hoje. Sua maior dificuldade junto a universidade se deveu a sua timidez e também ao costume tradicional de seu país de a relação aluno-professor ser formal. Por conta disso, enfrentou dificuldades de aproximar-se de professores para pedir ajuda e também obter informações sobre coisas que lhe interessava, sendo felizmente ajudado pelos colegas de classe.

Por fim, o estudante também teve de enfrentar dificuldades relacionadas à moradia e que repercutiram em seus estudos.

*Então, quando eu cheguei aqui, e era isso que eu queria falar que acho muito importante, quando eu cheguei aqui não tinha ninguém da universidade pra me recepcionar. Eu fiquei sem saber pra onde ir, a sorte que tinha um pessoal do meu país que me recebeu e me levou pra casa deles, mas da universidade mesmo ninguém. E eu acho isso muito errado porque a pessoa chega sem conhecer nada, fica na rua, eu fiquei na rua, é perigoso.*

*Resido com o pessoal do meu país. É tranquilo. Só teve uma época que eu precisava estudar mais pra uma disciplina difícil e a casa estava cheia, tinha umas 7 pessoas fora os que já tinha, então eu não podia mais estudar de noite lá. Aí eu reprovei essa disciplina. Fiquei muito mal, por que eu sou uma pessoa que me cobro muito pra fazer a coisa certa e eu me esforço.*

As estratégias identitárias adotadas por P4 relacionam-se especialmente ao enfrentamento da discriminação:

#### Quadro 9 - Resumo Participante 4

| Dificuldades/ riscos:                                                                                                                       | Benefícios:                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Discriminação</li> <li>• Moradia</li> <li>• Estudos</li> <li>• Falta de apoio acadêmico</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio familiar</li> <li>• Apoio dos amigos</li> <li>• Apoio da professora</li> <li>• Crescimento pessoal</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

O **Participante 5 (Moçambique)** sempre teve vontade de estudar noutro país e havia inscrito em cursos noutros países mas foi selecionado para o Brasil. Em princípio, não houve apoio da família porque seus pais tinham medo da violência no Brasil. Mas, ele foi

insistente e no ano seguinte tentou novamente a vaga para graduar-se no Brasil, chegando aqui em 2014. As queixas deste participante se referem primeiramente ao não cuidado da universidade com os estudantes estrangeiros, pois segundo ele não há um acolhimento, o estudante chega sem nenhuma recepção e orientação, correndo o risco de ficar nas ruas; ao incômodo devido ser tratado pelos brasileiros apenas como africano, pois preferia ser reconhecido pela pessoa que é e não pelo continente de origem; à dificuldade do idioma, que é diferente da Língua Portuguesa moçambicana; ao comportamento possivelmente racista dos brasileiros, especialmente daqueles residentes nas grandes cidades, diz ter mais facilidade de manter amizade com brasileiros do interior do país.

Este caso ilustra muitos outros estudantes africanos no que se refere à questão do tratamento e do reconhecimento por parte dos brasileiros. Segundo Mungoi (2013), apesar de tais estudantes, ao desembarcarem no Brasil, apresentarem-se às autoridades como nativos de países diferenciados, com todas as suas particularidades, quando inseridos no convívio social passam a ser reconhecidos apenas como africanos.

*[...] Porque em Moçambique eu nunca vivi como africano, eu sempre vivi como eu mesmo e aqui tive que aprender a viver nem como moçambicano, mas sim como africano... e eu comecei a ser julgado por uma bagagem que não era minha. No continente africano tem 54 países e cada país outro mundo completamente. Então, acontecia que aqui a pessoa dizia: “Ah, vocês fazem isso!” Uma coisa que eu nem sei o que é, mas era obrigado eu concordar para não brigar porque eu dizia: “Não, isso deve ser um outro país”, mas a pessoa dizia “Não, é na África”. Então isso me era revoltante e me dava vontade de já partir pra ignorância. Por que eu não aponto o dedo ao brasileiro por uma coisa que um argentino ou um mexicano fez.*

Mungoi (2012) salienta essa problemática baseando-se em sua pesquisa realizada com estudantes africanos na cidade de Porto Alegre. Segundo a autora, existe um reducionismo da identidade dos estudantes que suprime as particularidades de cada país, gerando como consequência um novo manejo dessa identidade que tem suprimido seu país e ressaltado seu continente de origem:

No processo de sua inserção no Brasil, em particular em Porto Alegre, os estudantes passam a ser tratados de forma reducionista e homogênea como “os africanos”. As particularidades nacionais, culturais, linguísticas, étnicas, religiosas e outras são ignoradas e mesmo desconhecidas pela maioria dos brasileiros. Neste contexto, os estudantes deixam de construir os seus discursos identitários com base nos critérios de classificação mais usuais nos seus países de origem [...] Assim, eles começam a manejar uma identidade continental atribuída, isto é, a identidade africana. Isto significa que na nova realidade social e frente a uma “nova” identidade, os estudantes africanos se reconstróem cotidianamente no jogo das relações sociais. O idioma étnico, “ser africano”, torna-se uma nova referência que aprendem a manejar

acionando alguns traços diacríticos e práticas que lhes permitem a sua identificação como africanos. (MUNGOI, 2012, p. 127)

Segundo Gusmão (2008), a generalização das identidades dos países africanos pode contribuir para a invisibilidade dos sujeitos, podendo haver problemas de cuidados por parte da universidade para com essa população, dentre outros problemas:

Tais relações invisibilizam-nos nos espaços universitários, no trato por parte dos órgãos gestores da universidade, em suas estatísticas e assistência, e, também, invisibilizam-nos para o alunado que com eles partilham a sala de aula e demais espaços e que desconhecem quem são, sobretudo, por vê-los como os africanos, categoria genérica edesprovida de especificidade.

Existe também a associação imediata do termo “africano” à raça negra, bem como à pobreza, e estereótipos que incomodaram o estudante. Segundo Mungoi (2012), o esteriótipo compartilhado do africano se reduz à imagem de pessoas oriundas de um continente pobre, e que são em sua maioria negras. Para Mungoi (2012, p. 128), a identidade continental africana está se transformando em realidade cultural e institucional mediante organizações regionais e sub-regionais onde todos partilham um continente com seus problemas peculiares. Mas a identidade africana representa para os africanos apenas uma entre muitas das suas identidades possíveis. Abaixo segue registros relativos aos estereótipos sofridos:

*“Eu tive uma namorada a cá, ela era cabo verdiana, mas o tom da pele dela era bem claro, aí a gente foi para um mercadinho aqui no Engenho do Meio e o vendedor notou que a gente não era daqui, aí ele perguntou: “De onde vocês são?” aí eu disse, então ele falou “Isso é onde?”, aí a gente disse que são países da África e ele disse: “ **E na África tem gente branca?**”. Então é bem chato esses estereótipos e pra quem está habituado a ser visto como pessoa, ser julgado por um esteriótipo é muito chato.*

*“Outra vez eu fui comprar crédito e tinha um outro estrangeiro, mas ele era europeu, aí ele já estava lá, eu cheguei depois dele. Então, o vendedor disse: **Ele também é estrangeiro, só que africano, mas nem parece né? Ele assim com a boca fechada...e se veste bem...** Isso então quer dizer o que? Que o africano não pode ser bonito, se vestir bem, etc que já visto como não africano.”*

Essas duas passagens ilustram situações que envolvem o diferenciamento do sujeito por causa de sua aparência (cor da pele, modo de vestir, estilo de cabelo, etc), podendo vir a ser um caso de preconceito de marca. O preconceito de marca, segundo Mungoi é aquele cujo ponto de referência é a aparência do indivíduo, seus traços físicos, fisionomia, ou até gestos e sotaques. O preconceito de marca diferencia-se do preconceito de origem porque este apresenta a discriminação com relação a descendência do indivíduo e não da sua cor de pele.

A sociabilidade dos estudantes oriundos de países da África e sua disposição em estabelecer amizades com brasileiros ou pessoas de outros países apresenta-se de forma

diferenciada, pois existe a tendência de eles manterem amizades apenas entre si, nos grupos. Para Garcia (2010), a interação com pessoas de mesma nacionalidade tem sido atribuída a um desejo de ouvir e falar a mesma língua e ter acesso a apoio instrumental. Porém, nos casos nos quais se vivencia discriminação de algum tipo, existe a tendência para se fechar no grupo de conterrâneos e estabelecer amizades apenas com estes, como é o caso deste participante. Tal fato pode ser comprovado na seguinte afirmação do participante 5:

*É que há mais afinidade, nós africanos passamos pelas mesmas coisas....falamos a mesma língua. Já brasileiro tem isso de racismo.*

Por último, uma questão importante trazida neste caso se refere ao modo como a Universidade Federal de Pernambuco lida com a chegada de estudantes estrangeiros. Segundo ele, não há um apoio suficiente ao estudante recém chegado. Isso porque há carência de orientação suficiente e encaminhamento a locais que possam residir:

*Era pra ter alguma orientação, pelo menos dizer: olha, tem este hotel aqui, etc. nem que fosse um papel com os lugares, mas isso a gente que tem que fazer, procurar um conterrâneo e ver se ele aceita ficar com a gente.*

Atualmente, existe na UFPE o PROAES (Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis). Esse órgão também é responsável pela assistência a alunos estrangeiros, em casos de convênio. Segundo consta no site, o PROAES “tem como objetivo ampliar as condições para permanência do jovem na educação superior pública federal até a conclusão do curso, visando minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais, reduzir as taxas de retenção e evasão escolar e contribuir, democraticamente, para a promoção da inclusão social pela educação.” Junto ao PROAES, por sua vez, existe a Coordenação de Apoio ao Estudante em Mobilidade (CAEM), cujos objetivos são:

- Acompanhamento dos alunos da UFPE em intercâmbio no exterior;
- Acompanhamento dos intercambistas estrangeiros (apoio durante o período de intercâmbio na UFPE);
- Recepção aos alunos estrangeiros ingressantes na UFPE e dos estudantes da UFPE egressos de intercâmbio internacional;
- Auxílio na solução de problemas relacionado ao intercâmbio;
- Apoio às coordenações no que diz respeito às dúvidas sobre alunos em mobilidade estudantil.

As estratégias identitárias adotadas neste caso foram voltadas ao enfrentamento da discriminação sofrida e serão explanadas mais adiante.

**Quadro 10 - Resumo Participante 5**

| Dificuldades/riscos:                                                                                                                    | Benefícios:                                                                                                                                                                                                                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Isolamento;</li> <li>• Frustração;</li> <li>• Discriminação;</li> <li>• Alcoolismo;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contato com nova cultura;</li> <li>• Aquisição de graduação;</li> <li>• Fortalecimento da identidade;</li> <li>• Desenvolvimento de senso crítico</li> <li>• Independência</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

O **Participante 6 (Benin)** afirma ter ficado empolgado com a ideia de poder continuar seus estudos em um país como o Brasil que possui desenvolvimento na área tecnológica e econômica. Afirma também que sua família o apoiou e inclusive o tem ajudado financeiramente até hoje, uma vez que não lhe foi possível adquirir a bolsa de estudos. Entretanto posteriormente, o Brasil não passou a representar um lugar familiar devido às diferenças culturais, dificultando o sentimento de pertencimento.

Sobre a problemática do idioma, o jovem afirma que mesmo tendo chegado no Brasil sem falar nada de português não enfrentou muitas dificuldades pois gosta muito da Língua Portuguesa, assim como aprecia interagir para falar esse idioma.

*Cheguei aqui sem falar nenhum bom dia. Não foi difícil porque essa língua pra mim foi um amor...eu gosto muito de português e eu gosto de falar com as pessoas, é uma língua muito maravilhosa. No início foi difícil, mas com o tempo eu me acostumei e com o amor que tinha pela língua ajudou bastante.*

Embora a maioria dos estudantes internacionais tenha tido sucesso acadêmico em suas terras nativas, muitos experimentam pressões acadêmicas novas e estressantes no país anfitrião. Estes problemas são aumentados como estudantes internacionais tentam dominar uma nova linguagem e sistema educacional que é muitas vezes muito diferente da sua cultura de origem. Estes alunos enfrentam diferentes desafios em se adaptar à aprendizagem no novo ambiente. (AKHTAR, 2012. p. 20)

Dificuldade está em fazer amizades, dificuldade esta que ele atribui ao preconceito:

*Aqui não tenho muitos amigos por conta do preconceito e principalmente aqui no Recife...eles são abertos só num momento mas depois não tem essa vontade de ficar fazendo amizade com os estrangeiros.*

Segundo Domingos e Mungoi (2012), os estudantes africanos se defrontam com situações discriminatórias marcadas por estereótipos e estigmas contra negros em geral.

Portanto, a questão do racismo é classificada como “preconceito de marca”, pois tem como ponto de referência a aparência.

Num estudo comparativo entre as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos da América, este autor (Oracy Nogueira) refere que no Brasil o preconceito racial é de marca pelo fato de ter como ponto de referência a aparência, os traços físicos, a fisionomia, os gestos e o sotaque do indivíduo. Na concepção de Nogueira, este preconceito se diferencia do preconceito racial de origem, praticado, sobretudo, nos Estados Unidos da América, cuja discriminação é feita em relação à descendência do indivíduo e não da sua cor de pele. (DOMINGOS; MUNGOI, 2012, p. 10)

O preconceito de marca pode ser identificado na seguinte situação relatada.

*Quando você vai na cidade e vai comprar alguma coisa no shopping, as pessoas não chegam perto de você logo, já tem um preconceito porque você é negro, porque você não tem poder/dinheiro para comprar algo na loja, mas se chega um brasileiro você já vê a diferença.*

As estratégias identitárias adotadas neste caso se referem a um fechamento para a cultura de acolhimento, ressaltando-se principalmente a supervalorização da função ontológica em detrimento da função pragmática.

#### Quadro 11 - Resumo Participante 6

| Dificuldades/riscos:                                                                                                      | Benefícios:                                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Isolamento social</li> <li>• Discriminação sofrida</li> <li>• Solidão</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Oportunidade de superar desafios</li> <li>• Contato com o idioma que gosta</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

A **Participante 7(França)** é graduada na França e veio ao Brasil pela primeira vez para trabalhar em uma ONG no Rio Grande do Sul. Em seguida, retornou à França para finalizar sua pesquisa. Decidiu vir para o Brasil e atualmente está terminando o curso de pós-doutorado. Para compreender este caso é importante ter em mente um breve entendimento acerca de identidade e pertencimento. Segundo Alves e Alves (2010), a identidade é um processo em constante construção enquanto o pertencimento está em desconstrução nas sociedades contemporâneas, devido ao efeito da globalização e dissolução das fronteiras territoriais e simbólicas, mas, ao mesmo tempo essa desconstrução gera novos pertencimentos, ou neo-territorialismos:

É parte da condição humana pertencer e construir novas condições de pertencimento, ou seja, novos pertencimentos. Esta relação entre o processo de desterritorialização e a produção de novos pertencimentos, nos dias de hoje, ocorre em geral por meio da força econômica, dos mecanismos de produção, circulação e consumo capitalistas. (ALVES; ALVES, 2010, p. 4)

Baseado nesta distinção entre um processo de construção permanente da identidade e de um conceito de pertencimento em possível desconstrução, pergunta-se assim sobre a construção da identidade de sujeitos com múltiplo pertencimento cultural. Ao desenvolver o sentimento de pertencimento ao Brasil, especialmente com relação ao Nordeste, esta participante colocou em questão seus antigos pertencimentos à cultura francesa e portuguesa para uma reconstrução do mesmo sentimento para com o Brasil, corroborando o que Marandola Jr e Dal Gallo (2009) afirmam sobre a importância da familiaridade na formação do sentimento de pertencimento.

Enquanto o sentimento de pertença se refere mais ao Brasil, a sua identidade se refere ao mundo, pois ela se considera franco-portuguesa de influência marroquina e agora brasileira, inclusive externando o desejo de obter cidadania brasileira. Atualmente, ela se considera “uma cidadã do mundo”, ou seja, uma cosmopolita. Segundo Alves e Alves, os cosmopolitas podem ser entendidos como habitantes do mundo da velocidade, tendo à disposição os meios de produção, recursos para consumo e também o acesso às redes, passaportes e vistos.

*Outro dia teve uma pessoa que me disse que eu quero ser mais brasileira do que os brasileiros, e que eu não tenho orgulho de ser francesa. Mas na verdade não é isso, é porque eu não sou só francesa, eu sou um mosaico que é de França, Portugal, Marrocos e agora Brasil. Aí quando me perguntam de onde eu sou, eu respondo que eu sou do mundo. E isso me irrita o fato de me perguntarem. E um dia eu quero ser reconhecida como brasileira.*

Um outro aspecto importante deste caso se refere a um conflito de pertencimento relativo à sua dupla origem franco-portuguesa:

*Na França eu era ...as pessoas me perguntavam: você é da onde? E eu dizia: eu sou francesa. Aí diziam: mas de que região você é? Você não é daqui... aí eu tinha que dizer que eu era de Portugal. Aí na França você acaba sendo do entre dois e de nenhuma das terras.*

*[...] Aí estudando a psicologia intercultural, por isso que também me identifiquei, porque era minha própria experiência, pois você está deslocada do seu lugar, você não sabe realmente qual é o seu lugar até que na verdade é... eu acabei me dando conta de que era mais uma riqueza do que um problema. E que na verdade deveria ser visto como uma riqueza que poderia construir uma real identidade cultural.*

Podemos deduzir dessas duas passagens a necessidade do imigrante de enraizar-se, de saber que pertence a alguma cultura, território, país. De acordo com Marandola Jr (2009), nos casos nos quais o imigrante sente-se desterritorializado, surge a necessidade de construção de lugares próprios como estratégia de preservação de si mesmo. P7 se sentia desterritorializada, mas ao estudar psicologia intercultural, percebeu que suas várias origens não era algo ruim

como aparentava ser, mas sim algo bom, e daí ela passou a situar seu lugar no mundo como uma cosmopolita, mas que encontrou no Brasil um lugar onde fixar-se, isso devido a sua grande identificação com a cultura brasileira. Em meio a instabilidade gerada pelo múltiplo pertencimento, ela buscou construir seu lugar próprio e atualmente reside no nordeste brasileiro a qual é bastante adaptada, assim entendemos que,

A construção de lugares próprios permite ao migrante preservar sua personalidade e sua identidade e voltar a ter a sensação do pertencimento. O migrante não se vê mais desterritorializado estando envolvido em um ambiente que o acolhe. O conforto dos lugares próprios permite ao migrante enraizar-se (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2009, p. 04).

Sobre as dificuldades enfrentadas, há a problemática do idioma: chegando pela primeira vez, P7 foi residir no Rio Grande do Sul. Lá, segundo ela, há um sotaque mais parecido com o espanhol, dificultando seu entendimento pelos nativos da região. Outro problema foi a questão do acolhimento (moradia) e também da mobilidade urbana na cidade do Recife (uma cidade muito desorganizada, segundo ela), os problemas com transporte público. Além desses problemas, a estudante relata ter se preocupado bastante com a violência da cidade, pois fora alertada por seus amigos a ter cuidado com assaltos.

Dificuldades com adaptação:

*[...]Aí fui morar em Boa Viagem, então era bem longe da UFPE. Além de eu já estar entrando no meio do ano, em setembro...tinha a questão dos ônibus...descobrir qual é o ônibus que vai te levar pra universidade. Então eu pegava o CDU Boa Viagem Caxangá e demorava umas duas horas pra ir e duas horas pra voltar. Era horrível! [...] Aí beleza... eu cheguei e passei 15 dias e que que era tão diferente? Tinha várias coisas, mas o mais diferente era a questão da violência, pois quando eu cheguei aqui muita gente me falava pra ter cuidado com tudo.*

*[...]*

*Por conta desses ônibus eu não estava conseguindo me orientar nesta cidade, aí um dia eu fui no centro turístico e eu perguntei à atendente e pedi um mapa da cidade com o sistema de transporte público, aí a atendente disse que não tinha. Eu fiquei agoniada com essa resposta: e agora como é que eu vou saber? Pois são várias empresas de ônibus diferentes. Depois pra fazer a minha pesquisa, que era estudar os saberes matemáticos de adultos analfabetos que trabalham na feira, mas para ir para as feiras eu tinha que pegar ônibus. Quem me ajudava era meu amigo Ernani, ele dizia os ônibus, era assim. Tinha muita dificuldade.*

Quadro 12 - Resumo Participante 7

| Dificuldades/ riscos:                                                                                                                                                                                                                                                        | Benefícios:                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma;</li> <li>• Sentir-se desorientada na cidade;</li> <li>• Sentir-se sem uma origem exata (múltiplo pertencimento);</li> <li>• Estresse com o trânsito da cidade;</li> <li>• Preocupação com a violência na cidade;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Facilidade de engajamento na cultura local;</li> <li>• Identificação com a cultura brasileira;</li> <li>• Desejo de permanecer trabalhando no Brasil e de adquirir cidadania brasileira: fatores motivadores.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

A **participante 8 (Colômbia)** trabalhava há 6 anos em uma universidade da Colômbia como professora e queria continuar os estudos em sua área de interesse. Antes disso, já estudava há dois anos a Língua Portuguesa, mas ao tentar pela primeira vez a seleção de mestrado no Brasil não foi aprovada. Mas resolveu vir para participar das aulas do programa como ouvinte, no intuito de se familiarizar com as disciplinas e aprimorar seus estudos de Língua Portuguesa. A aprovação no curso de mestrado ocorreu no ano seguinte à sua chegada. Sobre suas dificuldades, foi relatado principalmente problemas com o clima, com a saúde e com a segurança pessoal. A estudante preparou-se antecipadamente para vir ao Brasil: programou suas finanças, preocupou-se com plano de saúde e estudou a Língua Portuguesa. No entanto, ainda assim, não ficou isenta de outras dificuldades advindas do inesperado ou da falta de informação acerca da cidade e país de acolhimento. Nesse ínterim, destaca-se problemas com o clima, com a violência, com a saúde e com discriminação:

*Eu me adaptei muito ao Recife, só teve um problema que é a questão da segurança, porque eu fui assaltada. Antes eu saía e ia para os lugares sozinha, mas agora eu não faço mais isso. A minha vida agora está restrita só à universidade e tô mais fechada e isso agora não está me fazendo muito bem.*

*Inicialmente, fez com que meu período nunca chegasse nesse primeiro ano. Ai eu fui ao médico e ele me disse que era normal por causa da mudança que era muito forte e tal. Aí quando eu voltei pra casa de novo o período voltou.*

*Teve um problema na pós-graduação, tiveram uns problemas internos com uns professores e afetou muita gente. Na época tinha duas colombianas representantes da turma e sofreram bullying dos brasileiros e tal, ameaçaram elas de deportação. Mas foi a única coisa forte que experienciei aqui. Aí depois disso, a gente evitava conversar muito com as pessoas e tentou não se envolver muito. E depois que minha colega saiu da representação estudantil, a gente tentou apagar as coisas. Em geral, eu não tive problemas com brasileiros, apenas após ver esse episódio percebi que existem muitas pessoas ruins e mesquinhas.*

Atualmente, a estudante sente-se cansada e “presa” no Recife. Ela está impossibilitada de visitar sua terra natal por conta de exigências burocráticas da instituição de fomento de sua bolsa estudantil. Ela relata sua vontade de ir para casa no final do ano para descansar e externa o desejo de retornar ao seu país após concluir o doutorado, pois alega ser ligada às suas raízes:

*Mas agora com a bolsa que eu tenho está mais difícil de viajar porque eles não têm previsão de férias e se eu sair eles não me pagam a bolsa. Aí do restante eu sou uma presa acadêmica e isso é muito difícil porque sempre em final de ano você quer ir pra casa para passar com a família.*

[...]

*Eu sou uma pessoa que gosta muito das raízes, mesmo que eu saia eu sinto vontade de voltar.*

### Quadro 13 - Resumo Participante 8

| Dificuldades/ riscos:                                                                                                                                                                    | Benefícios:                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Problema de saúde;</li> <li>• Estresse;</li> <li>• Saudades de casa;</li> <li>• Situação de violência;</li> <li>• Isolamento social.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Língua Portuguesa;</li> <li>• Boa recepção dos brasileiros;</li> <li>• Conhecimento de nova cultura.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

**A participante 9 (Colômbia)** já havia trabalhado por dois anos na Colômbia e havia juntado uma certa quantia que lhe possibilitou permanecer no Brasil. Mas seus planos anteriores eram cursar mestrado na Espanha, por conta da facilidade do idioma. Ao ser selecionada no Brasil, decidiu veio sem falar português, apoiando-se apenas na companhia de uma colega conterrânea que veio junto na época e que sabia falar português. Aqui chegando, passou a cursar português para estrangeiros. Atualmente cursa doutorado na UFPE. As dificuldades de adaptação enfrentadas por esta participante estão relacionadas ao clima quente, à saudade da família, ao idioma e a problemas de relacionamento. As estratégias identitárias adotadas por ela foram voltadas a suportar esses conflitos, sendo a principal estratégia o fortalecimento de sua fé religiosa.

Este caso apresenta uma peculiaridade importante de ser mencionada, que é a questão dos tutores de resiliência e sua importância para imigrantes. Segundo o dicionário Aurélio, resiliência é a habilidade de se recuperar e se adaptar às dificuldades. Os resilientes não são heróis solitários, dignos de admiração para a superação das piores dificuldades. São mulheres e homens comuns, mas que aproveitaram as mãos disponíveis, que são apresentadas a

eles.(LECOMTE, 2004, p. 22). Os tutores de resiliência, por sua vez, são pessoas responsáveis por ajudar outras a superar problemas e dificuldades e, de acordo com Lecomte (2004), eles mostram empatia, afeto, concentrando-se principalmente sobre o lado positivo do ser humano, facilitando a autoestima dos outros e permitindo que se expressem livremente. Os tutores de resiliência podem ser amigos, colegas de faculdade e até professores. Neste caso houve uma amiga da participante 9 atuou como uma tutora que a ajudou a suportar a saudade da família em um momento de fragilidade que é a separação causada pela imigração. Tal fato pode ser identificado na seguinte passagem:

*A verdade... é porque, assim, é que lá no meu país eu sou querida por todos, tenho amigos de saída e tal, e essa mudança de estar sozinha num país diferente me deixou mais sensível. Então, eu consegui uma amiga e por ela ser boa amiga eu me aproximei muito dela e acho que fiquei na dependência dela, pois considerava ela mais como família. Com ela aprendi português e tal, mas acho que ela enjoou de mim.*

*[...] Lá eu morava com meus pais e tudo. E aqui eu estava um pouco carente. Mas agora estou normal, tô legal, isso foi apenas nos primeiros anos aqui.*

Ainda sobre a resiliência, as religiões tem desempenhado ao longo dos anos grande influência na coesão social, na execução de papéis sociais e na integração dos povos, funcionando como um estruturante da identidade social coletiva. Para Vilaça (2008 apud OLIVEIRA 2012), a religião em geral e as comunidades religiosas continuam a orientar a vida dos migrantes nos mais variados níveis: cívico, econômico, afetivo, cultural, linguístico e religioso. Segundo estudo realizado por Galeket *al* (2015), compromissos religiosos apresentam uma associação salutar com o bem-estar psicológico. Esse estudo demonstrou uma inversão significativa na associação com as cinco classes de sintomas psiquiátricos examinados. Para Galek, o significado ea finalidade da vida têm um efeito benéfico para o bem-estar psicológico, uma vez que a falta de propósito, trazida pelos participantes de sua pesquisa esteve diretamente relacionado à sintomatologia psiquiátrica apresentada por eles. No que se refere aos migrantes, as religiões atuam como orientadores dos diversos temas da vida: relacionamentos, trabalho, vida social, etc.

Assim, a estudante relata manter uma estreita relação com a espiritualidade, afirmando ser uma pessoa bastante devota da religião católica. Ela atribui muitos fatos de sua vida à intervenção divina e conta como superou os desafios enfrentados graças à ajuda divina, pois encontrou na sua fé um refúgio que a fez mais forte e confiante. Suas afirmações demonstram o importante papel que a religião desempenhou como estratégia para lidar com as dificuldades. Segue:

*Olha, às vezes que eu me senti mal, com saudade da minha família, sozinha...meu refúgio foi mesmo a igreja, a missa. Antes de eu vir pra cá, eu já era catequista lá. E eu me ocupava com as filhas da caridade, ajudando as crianças. Então, conheci minha colega com quem eu moro agora. Deus sempre esteve marcando tudo na minha vida antes de vir pra cá. Antes de fazer o concurso de vir pra cá, faltava dois dias apenas e eu não tinha feito o projeto e não tinha nada na cabeça. Então, eu fui lá na igreja e pedi a Deus pra ele me ajudar, aí eu cheguei em casa e consegui fazer o projeto.*

*As dificuldades que eu tinha no primeiro semestre, eu ia primeiro pra missa e depois voltava renovada para fazer o trabalho. E depois foi fortificando pouco a pouco, e agora o primordial da minha vida aqui no Brasil é ir à comunhão. Depois eu falei com as filhas da caridade para ajudar elas e também aqui na universidade tem o grupo dos católicos que fazem a consagração para Nossa Senhora. Nossa Senhora que instrui a gente dentro do seu ventre para levar a Jesus Cristo, e depois disso eu me senti mais forte, a minha vida espiritual retirou as minhas carências e tem sido o meu suporte. E agora eu quero evangelizar a minha família lá na Colômbia.*

**Quadro 14 - Resumo Participante 9**

| Dificuldades / riscos:                                                                                                                                                                             | Benefícios                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Problemas de saúde (alergias);</li> <li>• Estresse com o clima;</li> <li>• Carência afetiva;</li> <li>• Saudade da família;</li> <li>• Idioma.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição de conhecimentos;</li> <li>• Fortalecimento da fé;</li> <li>• Autoconfiança;</li> <li>• Independência;</li> <li>• Aquisição de amizades com nativos;</li> <li>• Vida social ativa;</li> <li>• Fortalecimento da identidade pátria;</li> <li>• Engajamento social em projetos de comunidade religiosa.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

O participante 10 ( França) já havia visitado o Brasil em 2013 e afirma gostar muito da cultura brasileira, contudo esta foi a primeira vez que viajou para estudar fora do seu país de origem. Veio estudar um ano de graduação através do programa de intercâmbio da UFPE. Ele também faz curso de Língua Portuguesa, oferecido pela UFPE. As principais dificuldades enfrentadas se relacionam principalmente ao idioma, pois migrou sem saber falar português. Também há queixas sobre o clima quente e sobre a cidade do Recife e sua estrutura urbana.

*Eu tive dificuldades de encontrar lugar pra morar. E eu não falava muito português. Eu entendo bem, mas pra falar é mais difícil.*

*O clima, muito calor aqui, o calor não para, então é difícil porque estou acostumado num ciclo que faz frio e tal, mas aqui ....*

*É muito difícil porque não é...eu não sei como falar disso, mas...você não pode caminhar na rua como caminhava lá na França e tem muito carro, muito trânsito...a cidade parece como se foi construída para o carro. Então é difícil caminhar na rua, e tem lixo também.*

#### Quadro 15 - Resumo Participante 10

| Dificuldades e riscos:                                                                              | Benefícios:                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma;</li> <li>• Clima;</li> <li>• Locomoção.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição do idioma;</li> <li>• Português;</li> <li>• Contato com nova cultura;</li> <li>• Conhecimento da realidade Brasileira.</li> </ul> |

Fonte: Elaborado Pela Autora.

O **participante 11 (França)** estava no terceiro ano de graduação na França e matinha o desejo de passar um ano no exterior para descansar um pouco, uma vez que em seu país estudava muito e não tinha tempo de fazer coisas que gosta (ler, praticar esportes e passear). Então uma colega sua que já havia estudado no Brasil fez a indicação a ele. A principal dificuldade neste caso foi com o idioma, pois o estudante não sabia falar português. A saudade da família também pesou um pouco, mas, segundo ele é suportável.

*Dificuldade primeiro foi o idioma. A gente tinha 2 ou 5 aulas de português antes de vir mas foi pouco. E quando eu cheguei aqui isso foi muito difícil, porque as pessoas não falam em inglês então tudo tem que falar em português.*

*Eu preciso muito falar com minha família e meus amigos da França. No início era mais complicado, mas agora tá bem. Eu tenho muito tempo para fazer as coisas que eu quero e eu tenho tempo então estou feliz.*

Tanto este participante quanto o participante 10 se diferenciam dos demais por serem estudantes intercambistas. Eles estão há 4 meses no Brasil e retornarão em junho de 2017 para a França. Importante ressaltar que embora os intercambistas passem menos tempo fora, eles não estão isentos dos problemas e conflitos relativos à aculturação:

Quadro 16 - Resumo Participante 11

|                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dificuldade e riscos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma;</li> <li>• Clima;</li> <li>• Saudade da família;</li> <li>• Problemas de saúde.</li> </ul> | Benefícios: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pôde descansar;</li> <li>• Conhecimento de nova cultura;</li> <li>• Melhoria do idioma Português;</li> <li>• Novas amizades.</li> </ul> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaborado Pela Autora.

Das dificuldades listadas anteriormente, descaram-se algumas em particular por aparecerem com mais frequência na fala dos participantes. São elas:

- **Mudança climática:**

***Eu não imaginava que a cidade que eu ia morar era tão quente, e eu moro numa cidade muito fria.** Eu moro numa que fica a 2 mil e 800 metros do mar, então é fria. Eu não curtia o calor. [...] Então quando eu vi do avião os prédios grandes, eu pensei meu deus pra onde vim. O calor pra mim foi muito ruim. (P8 – Colômbia)*

*Eu tenho climatizador no quarto. **Mas eu me sinto cansado todo o tempo.** Eu não posso trabalhar muito tempo porque me sinto cansado. Mas não trabalho muito, estou descansando a minha mente. Eu tenho tempo para dormir, para ligar para as pessoas, etc. (P11 – França)*

*Como eu sou de cidade fria eu era muito mais ativa no frio e pra mim, pra cultura da gente, na minha cidade, o calor era só pra dormir, piscina, mar, tomar cerveja. **Quando eu cheguei aqui eu só ficava dormindo, literalmente. Eu ficava inativa total. Aí foi só depois que eu fui pegando o ritmo e hoje eu gosto do calor.** (P3 – Colômbia)*

***Eu adoeci quando cheguei, a questão do calor foi traumático.** Foi um dos maiores problemas pra mim, porque eu moro em Bogotá e é frio. Eu pensei em voltar para o meu país. E o primeiro ano sempre tinha meus dias que eu pensava o que eu faço aqui, só por causa do calor. Aí teve um dia que eu vim pra universidade e vim caminhando e cansei muito, porque eu tive trombose na perna e ela se cansa muito, então senti muito calor e a dor na perna, eu comecei a chorar. Os braços ficaram vermelhos como uma alergia ao calor. Tomava muitos banhos ao dia pra passar o calor. (P9- Colômbia)*

- **Idioma:**

O idioma é uma das dificuldades mais frequentes trazidas pelos estudantes. Importante notar que nesta pesquisa muitos participantes vieram ao Brasil sem dominar a Língua Portuguesa e tiveram suas dificuldades pioradas. Alguns fizeram o curso de Português para estrangeiros, oferecido pela UFPE e melhoraram sua fluência no idioma e outros mesmo frequentando o curso ainda alegaram problemas. Segundo Zhang (2012), não saber o idioma

do país no qual irá residir dificulta muito não apenas a sociabilidade de imigrantes como também a questão do apoio social recebido, limitando as relações sociais e correndo o risco de aumentar o estresse durante o processo de aculturação.

*Aí o fato é que foi preciso uns 3 meses para eu me adaptar com a língua, pois eu falava português de Portugal, então pra eu entender era beleza, mas na hora de eu falar as pessoas não entendiam. Diziam: é muito legal isso que você tá falando, mas eu não entendi nada. **Aí eu discursava uns 10 minutos e as pessoas me olhavam e ao final diziam que não me entendiam.** E também as palavras que não tem o mesmo significado né. (P7- França)*

**Tive problema. Por causa do sotaque diferente.** (P1 – Guiné Bissau)

***Eu já tive problema com a palavra rapariga, bicha, camisola...então são coisas que dificultam muito.** Então quando eu dizia: ah eu estou atrás de uma bicha, então aqui as pessoas estranham. **Aí eu tenho que explicar que bicha lá pra nós é fila.** (P5 – Moçambique)*

***O primeiro semestre foi quase um trauma pra mim porque eu não entendia quase nada nas aulas e o professor era italiano,** então era um português misturado....e os trabalhos eu usava dicionário e tal. Mas depois ficou legal. (P9 – Colômbia)*

*Tem muito francês aqui que fala mais francês do que português, então pra mim é complicado. E tem pessoas latinas aqui que falam mais espanhol que português. **Então é chato porque eu quero aprender português, aí eu tenho de estudar sozinho.** (P11- França)*

***No início, eu também cheguei aqui sem saber nada.** Eu tinha feito um curso pela internet. Desses cursos de graça. Eu sabia o básico, dizer oi, tudo bom e tchau. Pronto, cabou-se. **Aí foi quando cheguei aqui e eu ingressei no curso de português para estrangeiros. Minha vida social se limitava a meu namorado.** (P3 – Colômbia)*

*[...] **E também tem essa parte de que a galera às vezes não fala comigo porque eu não compartilho a mesma língua.** Então a galera às vezes preferia não falar comigo porque, como se eu não conseguisse entender ou sabe. Então essa parte no início foi bem complicada. (P3 – Colômbia)*

## **b) Cultura de Origem**

Esta subunidade do trabalho pretende identificar elementos significativos para a compreensão do processo migratório dos estudantes. É entendendo os fatores influentes que torna-se possível a compreensão da experiência vivida por tais sujeitos de forma mais ampla. Ato contínuo, o entendimento da cultura de origem, bem como da cultura de acolhimento, permite compreender a visão dos sujeitos acerca de seu próprio meio e a influência deste em seus processos aculturativos. Assim sendo, nestas subunidades destacaram-se pontos convergentes.

A maioria dos entrevistados mencionou a vontade de sair de seu país para estudar no exterior. Essa vontade foi trazida por um estudante guinense como sendo um costume cultural

de seu país. Já outras características como pensamento coletivista, e ensino educacional tradicional foram pautados por estudantes tanto de países da África quanto da América Latina. Esses aspectos contrastam com os seguintes aspectos da unidade Cultura de Acolhimento e refletem o modo como os sujeitos se posicionam diante desse “choque” cultural através da adoção das estratégias identitárias tratados a seguir. Segue abaixo os elementos salientados pelos sujeitos e que convergiram entre si:

- **Vontade de sair do país de origem e conhecer novos países:**

*Eu sempre tive essa vontade de estudar fora para mudar a visão das coisas. (P5-Moçambique);*

*Eu já sendo francesa de origem portuguesa, eu faço parte de uma família que costuma se mudar muito, e a média de vida em uma cidade costumava ser de 3 anos. **Então desde criança que eu sou acostumada a me mudar.** (P7 – França)*

*É muito importante você ter uma vivência onde você vai estar longe da família, longe dos amigos, você se adaptar, você começar a se virar, fazer tudo sozinho. Até para o meu crescimento enquanto adulto, jovem e tudo o mais. É importante sair, é, um pouco, do país. Para conhecer outra realidade. (P1 – Guiné Bissau)*

- **Pensamento coletivista na sociedade de origem:**

*Na minha cultura nunca vivi isso, todo mundo se conhece. Claro, você tem...não é nítido... claro, têm pessoas que você tem mais intimidade e outras menos. Mas ter uma divisão nítida desse jeito eu nunca vi. E a sociedade africana é uma sociedade, como é que se diz? Primeiro a gente olha pra o nós, depois você olha pra o eu. Enquanto a sociedade brasileira olha o eu, depois para o nós. Então você sai de uma sociedade coletiva. É um conflito grande, assim. Você chega num lugar. Ah, vamos compartilhar tudo isso, mas aí não. É cada um por si. (P1-Guiné Bissau)*

*Veja. **Jamais eu vou conseguir me adaptar a morar num lugar e não conhecer as pessoas que moram comigo.** Jamais eu vou, como é que diz... Me habituar a chegar num lugar e conhecer alguém, estar num projeto com alguém, por exemplo, para depois quando encontrar com a pessoa na rua ela nem me conhecer. Achar que não me conhece mais... É uma coisa que jamais acho que eu vou me acostumar. (P1 – Guiné Bissau)*

- **Relação formal entre professor e aluno:**

*[...] Porque pelo menos lá a gente tem um pouco mais essa diferença de professor e estudante. Aí eu vi aqui que os professores são muito mais próximos do estudante. Sabe como, além de professor-estudante, essa relação existe em forma de amizade também. Então*

*pra mim isso foi diferente. Outra coisa foi com respeito a uma pontualidade com a entrega dos trabalhos. Isso eu não consigo me adaptar. (P3 – Colômbia)*

***O que eu achei diferente também é que no meu país a gente tem muito respeito pelo professor, e para chegar a um professor a gente não chega de qualquer jeito, a coisa é mais formal e tal. Então como eu era acostumado a isso lá, eu tinha dificuldade de chegar nos professores para perguntar alguma coisa e eu também sou muito tímido, aí tinha essa dificuldade. (P4- Guiné Bissau)***

***Eu não consigo chamar professor aqui pelo nome, na nossa educação a gente chama professor de senhor, mais formal. Fora do andamento da escola a gente pode até tratar professor por “tu”, mas no ambiente da escola não. Aluno atender celular, comer na sala de aula lá não pode. Mas o aspecto positivo que eu vi cá é que o aluno é que produz o conhecimento né, o professor faz mais assessorar, trazer os temas e tal...porque lá é o professor que faz tudo.” (P5 – Moçambique)***

- **Ensino universitário em modelo clássico:**

***Lá, se o professor diz: tem que entregar o trabalho terça feira às 10 horas da manhã. Você entrega até esse horário. Se você entregar depois ele não recebe ou pode receber com uma nota inferior. Aqui não. Diz terça feira. Mas ainda enrola, enrola e tu pode enviar quando tu quiser o trabalho. Já vi aqui também na pós-graduação um exame que a gente entregou todos os trabalhos e quase que 3 meses depois, antes do professor colocar a nota no sistema disse: quem quiser ainda enviar os trabalhos pra corrigir, não sei o quê, podem enviar...aí eu ficava assim. Como é que pode uma pessoa que envia agora e uma pessoa que envia antes ficar no mesmo nível? Sabe? Isso foi pra mim, bem diferente. Eu não consegui me acostumar a isso não.(P3 – Colômbia)***

- **Festas de fim de ano:**

***O ano novo daqui é muito diferente do da Colômbia, lá é animado, tem muitas luzes na cidade, organizam café ao ar livre...eu sou de uma família católica e a gente reza a novena e isso é um pretexto pra se encontrar e tal. São épocas de compartilhar com as pessoas, mas aqui é todo mundo correndo, se organizando pra fazer as comidas e tal, mas tem pouco contato entre as pessoas. Lá ainda tem coisas tradicionais que ainda são muito fortes. Eu já passei natal aqui com brasileiros, mas é muito diferente. E aqui não se escuta muito música, mas na Colômbia todas as casas tem músicas. E os vizinhos convidam você, lhe oferecem comida e tal. E aqui é muito triste, porque além de estar longe de casa o ambiente é triste.(P8 – Colômbia)***

***Eu passei natal aqui e achei ruim. Muito desanimado. (P9 – Colômbia)***

- **União familiar:**

***Eu preciso muito falar com minha família e meus amigos da França. No início era mais complicado, mas agora tá bem. (P11- França)***

**c) Cultura de Acolhimento:**

No caso, a cultura brasileira, foi representada pela maioria dos participantes como sendo primeiramente individualista. Alguns estudantes de países africanos, como visto anteriormente, mencionaram que não conseguem se acostumar a esse modo de vida. A informalidade na universidade não foi considerada algo incômodo.

- **Sociedade individualista;**
- **Informalidade na universidade;**
- **Distância entre as pessoas:**

*Tem uma situação bem engraçada. É uma menina que a gente fazia um trabalho juntos. Não vou dizer se é no mestrado ou na graduação. Fazia trabalhos juntos e tal, desde o começo. E no final discutia os trabalhos, coisa e tal. Terminou a disciplina, eu encontrei com a menina na rua um dia, fui cumprimentar, a menina nem me olhou. (P1 – Guiné Bissau)*

- **Diferenças linguísticas e culturais nas regiões do território brasileiro:**

*O que eu percebi no Rio Grande do Sul, não adiantava eu falar português de Portugal que eles não entendiam, então eu percebi que era melhor eu falar português com sotaque espanhol, aí eu fui tentando me acomodar com isso. Português de Portugal não dá certo. O sotaque do Rio Grande do Sul é mais próxima da pronuncia espanhol. (P7 – França)*

- **Violência urbana:**

*Eu me adaptei muito ao Recife, só teve um problema que é a questão da segurança, porque eu fui assaltada. Antes eu saía e ia para os lugares sozinha, mas agora eu não faço mais isso. A minha vida agora está restrita só à universidade e tô mais fechada e isso agora não está me fazendo muito bem. (P8 – Colômbia)*

*Aí tem o problema da segurança e aqui é perigoso, tem que ficar em casa...todo o tempo, você tem medo de sair para fazer alguma coisa, ou na sua mente você tem que se preparar mesmo. (P6 – Benin)*

*Tinha várias coisas, mas o mais diferente era a questão da violência, pois quando eu cheguei aqui muita gente me falava pra ter cuidado com tudo. (P7 – França)*

- **O brasileiro é seletivo ao exercer sua hospitalidade:**

*O Brasileiro é acolhedor, dependente do lugar que você vier. Se você sair dos Estados Unidos você vai ser acolhido muito melhor do que se você sair de um país africano. Se você sair de Chile, por exemplo, você vai ser acolhido de uma forma. Se você sair da Europa você vai ser acolhido de uma outra forma. Isso se reflete até na universidade mesmo. (P1 – Guiné Bissau)*

- **Brasil é país racista:**

*Quando você vai na cidade e vai comprar alguma coisa no shopping, as pessoas não chegam perto de você logo, já tem um preconceito porque você é negro, porque você não tem poder para comprar algo na loja, mas se chega um brasileiro você já vê a diferença. (P6 – Benin);*

#### **d) Motivações para migrar:**

As motivações para migrar foram diversas, contudo em sua maioria estiveram relacionadas a poder estudar noutro país, mas também houveram casos relacionados à oportunidade de mudar a rotina, adquirir nova cultura. Também houveram dois casos diferentes cuja motivação deveu-se a relacionamento amoroso com brasileiro (a). Bem como também houve um caso cuja motivação de estudar fora devido à facilidade de apoio financeiro.

***No começo, eu estava super motivado, porque a gente tinha a ideia de morar junto com a minha namorada e tentar construir uma vida junta. Eu também sempre tive essa motivação de morar num país estrangeiro, de fazer um mestrado fora, em Espanha, Argentina ou México. Então, pra mim, essa oportunidade de vir ao Brasil foi empolgante. Conhecer outro país, outra cultura, além da possibilidade de morar com minha esposa. Aí eu tive muito apoio tanto da minha família do Chile...*** (P2 – Chile)

***“Então eu queria viver outras coisas, outra cultura. Eu amo o Brasil, então... gostei desde quando vim antes a São Paulo.”*** (P10 – França)

***Você vê a necessidade de sair e conhecer outra cultura. É muito importante você ter uma vivência onde você vai estar longe da família, longe dos amigos, você se adaptar, você começar a se virar, Fazer tudo sozinho. Até para o meu crescimento enquanto adulto, jovem e tudo o mais. É importante sair, é, um pouco, do país.*** (P1 – Guiné Bissau)

***É porque no meu país é muito caro estudar mestrado e as bolsas são muito difíceis. O que me motivou foi fazer o curso que eu queria e também por causa dabolsa.*** (P9 – Colômbia)

***Eu tinha muito trabalho na França durante 3 anos e eu queria descansar um pouco e queria passar um ano fora*** (P11 – França)

***Eu não cheguei no Brasil pelo motivo de estudar, eu cheguei por que minha esposa ....bom, a gente se conheceu na Bolívia viajando, como turista lá, e a gente começou depois um relacionamento, namoro à distância e depois de 2 anos de relacionamento a gente se organizou pra morar junto, aí eu cheguei no Brasil pra morar com ela e a motivação não foi pra estudar, foi pra morar com ela e construir uma vida no Brasil com ela.*** (P2 – Chile)

#### **e) Apoio familiar recebido**

O apoio familiar representa importante fator no processo de mobilidade estudantil, tornando a mobilidade não um processo individual mas sim familiar, de acordo com Gusmão (2008). Esse autor explica que, apesar de ser colocada como provisória, a mobilidade acaba se constituindo de forma permanente através da formação de comunidades de conterrâneos de um determinado país. Deduz-se, portanto, que a formação dos grupos de conterrâneos pode estar relacionada à tentativa de suprir a ausência do grupo originário (família),

justificando assim a relevância deste nos processos aculturativos. O apoio familiar tanto pode ser psicológico quanto material e sua influência no processo aculturativo varia com a personalidade de cada indivíduo e de sua relação com seus parentes, de modo que nesta pesquisa foram identificadas muitas variantes neste tópico:

- **Houve alguns casos em que os pais não apoiaram a partida de seus filhos por medo da violência e da discriminação existentes no Brasil:**

*Aí concorri para o Brasil, mas não concorri só pra o Brasil, eu tentei vir pra cá em 2013 mas não vim porque **meu pai não aprovou**, ele tinha muito receio, porque achava o Brasil um país muito perigoso, muito racista, então ele não aprovou a primeira vez e como eu dependo dele, a bolsa, não pude vir pra cá. Só que aí, por teimosia, eu concorri de novo em 2014.1 e consegui de novo ser aprovado aí ele viu que ele quer porque quer, então... (P5 – Moçambique)*

***Inicialmente não houve apoio** dos meus pais em eu vir ao Brasil por medo da violência e racismo. (P5 – Benin)*

*Antes de vir, **um tio meu que mora em Portugal, disse pra minha mãe não deixar eu vir pra cá** porque aqui é um país violento. Ele queria que eu fosse pra Portugal, mas a minha mãe respondeu que eu não podia perder a oportunidade de estudar fora. (P4 – Guiné Bissau)*

- **Caso em que, por outros motivos, a família não apoiou:**

*Minha mãe falou pra mim assim: pra ti não foi suficiente 250km? Precisa colocar todo um oceano na frente da gente? (P7 – França)*

- **Apoio da família (financeiro e psicológico):**

*Quando eu abri a seleção, faltavam 15 dias pra encerrar, aí uma tia minha me chamou e falou: olha você quer sair um pouco? Porque eu passei um processo de luto muito longo com a morte do meu pai, que faleceu em 2007. Então, no ano seguinte minha tia falou: você quer sair um pouco do país? Já que você está nesse processo de luto meio complicado. Aí ela falou: ó, você pode fazer a inscrição. Aí fiz a inscrição. Não tava nem pensando se ia sair ou não, fiz a prova e tudo o mais. Depois, fui selecionado. **Mas tive apoio da família.** (P1 – Guiné Bissau)*

*Foi tudo muito rápido, foi uma decisão que a gente tomou bem rápido, **então a família lá do Chile não teve muito tempo para se preparar, mas eles me apoiaram.** Mas sentiram muito a minha partida. Mas eles me deram todo apoio e apoio da família daqui também. (P2 – Chile)*

*Meus pais ficaram felizes porque minha madrasta é brasileira, ela mora na França com meu pai. **Então ficaram felizes porque eu ia aprender mais português.** (P10 – França)*

***Meus pais no primeiro ano me ajudaram** com dinheiro, mas depois não. Eu já tinha trabalhado lá dois anos com bolsa de pesquisa e aí eu tinha dinheiro e com esse dinheiro eu vim pra aqui e meu irmão me ajudou com a passagem. (P9 – Colômbia)*

- **Situação na qual a separação da família foi mais difícil:**

*Os meus pais são bem tranquilos, mas foi complicado porque **não é fácil deixar a família pra ir pra um outro país.** No início quando eu fui pra o Canadá, eu sabia que ia voltar pra*

*Colômbia. Mas quando eu vim pra cá eu já não tinha essa certeza de que ia voltar, sabe. Então pra mim, no início, dificultou um pouco essa parte. Porque eu sabia que eu vinha, só não sabia se ia voltar. E aí pesou porque a gente é bem coladinho um no outro (P3 – Colômbia).*

***Eu preciso muito falar com minha família e meus amigos da França. No início era mais complicado, mas agora tá bem. (P11- França)***

#### **f) Etapas pré-migratórias**

##### **Preparações:**

As preparações para deixar o país englobam vários elementos: organização financeira, disposição psicológica para enfrentar os obstáculos, vontade de deixar o país, conhecimento acerca do país de acolhimento etc. Na análise dos casos ressalta-se algumas situações importantes que pesaram:

***Eu já tinha trabalhado lá dois anos com bolsa de pesquisa e aí eu tinha dinheiro e com esse dinheiro eu vim pra aqui. (P9 – Colômbia)***

***Eu já tinha trabalhado lá, então eu já tinha uma poupança. Quando cheguei aqui eu já tinha um dinheiro e consegui plano de saúde, eu já tinha planejado tudo certinho. (P8 – Colômbia)***

***Então eu estabeleci contato com o professor daqui na época e consegui ganhar uma bolsa do Rotely, e assim eu vim passar um ano de doutorado sanduiche aqui na UFPE fazer a coleta de dados da minha pesquisa. (P7 – França)***

#### **g) Representações acerca do Brasil**

A representação que os estudantes possuíam do Brasil diz muito a respeito do imaginário brasileiro que é veiculado pela grande mídia mundo a fora, mas também ilustra o interesse e o cuidado desses sujeitos do próprio processo de mobilidade.

A representação que os participantes da pesquisa tinham do Brasil era de certo modo a clássica imagem estereotipada. Segundo Scheyerl e Siqueira (2008), o Brasil é sempre colocado em situação de dependência, de colônia, aceitando-se facilmente esse país como o país da música, do futebol ou do carnaval. Tem-se a dificuldade de definir o país também como uma terra possuidora de pessoas intelectuais. Curiosamente, a visão estereotipada do Brasil não parte apenas dos povos europeus mas também dos próprios povos da América Latina e de africanos. Conforme apresentado na passagem abaixo:

***A gente pensava assim Brasil... até agora que eu estou aqui vejo pessoas perguntar coisas que a gente só pensava quando estava lá. Aqui no Brasil são as garotas, a típica mulher do***

*carnaval, com a perna e seu vestido sexy e que o Brasil era só Rio de Janeiro, futebol e samba. Isso é o que acontece agora comigo. A galera do meu país acha que eu estou no Rio, ou dizem também: “E aí? E as garotas?” Aí eu digo: “Não. A garota significa uma niña. Não significa mais nada”. Não são aquelas garotas de dança, não sei o quê. Que a gente acha que é. (P3 – Colômbia).*

*Eu tinha uma imagem bem errada do Brasil, eu achava que tinha muitos edifícios de madeira, muita planta tropical... que era tipo uma selva, eu não pensava que tinha muitos edifícios assim. Eu não conhecia o Brasil antes de vir, porque quando eu estudei sobre o Brasil foi por fotografias antigas. (P11- França)*

Como mencionado, em alguns casos, por sua vez, a imagem estereotipada do Brasil pode levar a enganos geradores de frustrações:

*[...] Mas eu vou te dizer que quando eu cheguei no Brasil, em Porto Alegre, eu fiquei **decepcionada** porque era um Brasil muito europeu ainda...aí tinha coisas que eram muito europeu pra mim. Eu sei que o Rio Grande do Sul é Brasil, mas a influência europeia é muito forte lá, tem as colônias italianas, alemãs, a própria alimentação...aí pra mim eu disse: que que isso gente? Ai tem também a semelhança de clima, mas é bem semelhante com a Europa.*

## 5.2 ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS ADOTADAS PELOS ESTUDANTES

Participante 1 – Guiné Bissau

### **Estratégia de Supervalorização da Função Ontológica:**

Este tipo de estratégia é adotada quando o sujeito busca reestabelecer uma unidade que lhe permite manter o sentido de sua identidade. Neste caso, ocorreu um investimento na identidade de africano frente às situações discriminatórias, uma vez que as mesmas representavam riscos à sua unidade identitária. Fortalecer a identidade de origem é um modo de salvaguardar a si mesmo da ameaça externa

***Veja! Tem duas coisas que eu acho importante: numa situação discriminatória eu tive duas saídas, e uma dessas saídas me ajudou bastante. Graças a Deus isso me amadureceu. Eu não vou ver exatamente o lado negativo. Eu não vou entrar no juízo de valores aqui. Vou simplesmente falar da minha experiência. Isso fica pra outro momento. Nessa situação teria ou que afetar minha autoestima, ficar mais triste, ou então reforçar minha identidade africana, e eu escolhi esse segundo caminho, isso me tornou mais africano do que eu era antes. Eu passei a me identificar mais com a África, a buscar mais coisas sobre a África, passar a conhecer mais sobre a África, passei a estudar mais a África... (P1 – Guiné Bissau)***

### **1.2 Estratégia de Supervalorização da Função Pragmática:**

***Não, tive dificuldades. O fato de eu falar muito rápido e com sotaque diferente...às vezes eu falo e a pessoa: “eu não estou entendendo”, aí eu falo mais devagar e tal. E com o tempo eu fui, como é que se diz... encontrando estratégias. O meu sotaque não mudou, basicamente, mudou muito pouco. Aí, dependendo do lugar que eu chegar, eu tento imitar o sotaque brasileiro pra poder me fazer comunicável. (P1 – Guiné Bissau)***

A supervalorização da função pragmática busca reestabelecer o sentido da unidade identitária através do esforço de assimilação e reprodução dos elementos da nova cultura. Esse esforço está voltado para a adaptação na cultura de acolhimento, pois neste caso, o que ameaça a unidade identitária é a não adaptação. Portanto, houve um investimento em detalhes pequenos, como a imitação do sotaque brasileiro, para engajar-se mais na nova cultura. Esse engajamento reduz o conflito gerado pela instabilidade da aculturação.

Marandola Jr e Dal Gallo (2009) mencionam a identificação com o local de acolhida como fator crucial para uma adaptação bem sucedida, pois promove a sensação de pertencimento, facilitando a integração do imigrante com a nova cultura. No caso 1, observamos a existência de identificação com a cultura brasileira baseada na imagem positiva do Brasil veiculada pelas mídias de seu país. No entanto, nota-se também uma frustração ao vivenciar a realidade. Diante disso, na busca por elementos de identificação, foram assimiladas mais divergências do que convergências entre a cultura de acolhimento e a de

origem. Neste contexto, as situações de discriminação apontadas dificultaram o sentimento de pertencimento ao Brasil.

## **Participante 2 – Chile**

### **Estratégias de Supervalorização da Função Pragmática.**

Neste caso, pode ser identificada no esforço do sujeito em se fazer ser aceito através da compreensão do idioma e da valorização da cultura de acolhimento.

*A primeira dificuldade foi a língua, que eu tive que aprender a falar, se comunicar com as pessoas. **O principal obstáculo foi esse.** E no começo eu não podia fazer nada sozinho, dependia de outra pessoa pra fazer as coisas, ir no banco...então essa dificuldade da língua é importante. E aí aos pouquinhos eu fui aprendendo, fui melhorando, eu fiz um curso.*

## **Participante 3 – Colômbia**

**Estratégia Identitária do tipo Bricolagem** (conduta adotada de modo não muito racional no intuito único de obter um determinado resultado):

*Então eu tinha que ter alguma coisa aqui pra fazer. Assim, retornar né. Essa parte no início foi complicada pra mim, porque em 2013 eu só ficava estudando na biblioteca do CAC. Eu ia pra casa, vinha pra universidade, estudava, almoçava com meu namorado, estudava de novo e voltava. Então, pra mim, isso se tornou uma rotina que eu estava ficando doida completamente. Porque eu estava acostumada, na colômbia, de trabalhar, de fazer meu dinheiro, de estudar. Sabe, de ter um amigo.*

*[...]Mas também, dessa vez eu consegui me engajar no museu de minerais e rochas. Estou lá como voluntária, desde 2013, no CTG. E essa foi minha salvação também, pois lá conheci pessoas, lá tem um espaço pra trabalhar, pra estudar. Então, pra mim, consegui fazer um equilíbrio entre o estudo e o que eu queria fazer.*

As bricolagens revelam um esforço para reestabelecer a todo custo a unidade de sentido da identidade do sujeito. Esse esforço implica em uma ação urgente e, portanto, impensada ou não racional. Por ser urgente, tal ação visa um fim imediato que é a adaptação ao novo contexto. A estudante utilizou-se da bricolagem em um momento difícil que exigia dela uma tomada de atitude rápida, caso realmente quisesse permanecer no Brasil.

## **Participante 4 – Guiné Bissau**

- **Supervalorização da função ontológica:**

*Ah, eu faço parte do grupo dos meus conterrâneos. Não é a mesma coisa da família da gente, mas dá pra ajudar na saudade do país. Desde o início a gente se combinou a se reunir sempre na casa de um amigo todo mês. Então, esse amigo tinha que fazer comida típica da nossa terra, e os outros levavam bebida e tal. Tinha encontros aqui e em Natal.*

*Sim, eu no começo ligava de orelhão, mas era muito caro, gastava muito o cartão, tinha que comprar mais de um ...aí eu disse pra me ligarem de lá, que era mais barato. Mas aí depois a gente passou a usar as redes sociais, tinha o HI5 antigamente, rede social, mas hoje a gente usa o Facebook, Whatsapp ....estou aqui há 7 anos e nunca voltei lá.*

Neste caso, a SFO representa a tentativa de manter o contato com as raízes em virtude da grande cisão causada pela diferença entre as culturas do país de origem e acolhimento. Relaciona-se com a saudade da terra natal e da família.

- **Identidade por distinção:**

*Aí quando cheguei em casa que contei pro pessoal, eles explicaram que é porque eu sou preto. Que aqui no Brasil revistam gente preta. Aí depois disso eu fiquei com medo de sair de casa, só fui sair muito tempo depois.*

A identidade por distinção busca o reestabelecimento do sentido de valor de si. Ocorre devido o contato com situações difíceis vividas na nova cultura, tais como a percepção da discriminação racial. Essa estratégia é do tipo dependente porque não implica uma reação enfática, como agressividade por exemplo, uma vez que não há a interiorização do julgamento depreciativo. No entanto, o sujeito tende a afastar-se daqueles elementos que podem representar uma ameaça, assim esse sujeito limitou sua vida social apenas à faculdade e casa por algum tempo.

- **Estratégia de Moderação de conflito:**

*No começo eu só ficava em casa. Passava o dia na faculdade e de noite estudava em casa. Mas aí combinei com um amigo de toda sexta de noite a gente sair pra extravasar mesmo, se divertir, então a gente fazia isso. Toda sexta a gente saia, curtia muito e descansava no outro dia, depois estudava. Nisso eu rendi bem mais. O estresse...eu também procuro me alimentar bem e fazer atividades físicas.*

A moderação de conflito permite manter a saúde mental à medida que reduz a pressão gerada pelos conflitos resultantes da aculturação. A saída buscada pelo estudante permitiu descarregar boa parte do estresse e reduzir seu cansaço, permitindo que ele suportasse melhor a rotina.

*Aí na época eu fazia parte do laboratório da minha professora que me orientou, aí eu estava muito apertado com essa reprovação. Então fui falar com essa minha professora, se eu podia ficar no laboratório ainda com ela e ela foi bem acolhedora, disse que sim que eu não ia sair de lá por isso não. Aí eu quase choro porque eu não esperava essa reação dela.*

## Participante 5

- **Supervalorização da Função Ontológica:**

*É... muitos amigos meus até dizem que eu sou amargo, não tento me relacionar com ninguém, que quando não estou com eles eu me fecho. Sim, mas eu quanto tento ser simpático levo uma patada, então eu só vou ficar com quem me entende para não correr o risco.*

*[...]*

*A maior parte dos meus amigos são africanos. É que há mais afinidade, nós africanos passamos pelas mesmas coisas...falamos a mesma língua. Já brasileiro tem isso de racismo...e às vezes eu tento até me questionar: mas por que o professor não chama meu nome? E a única resposta é isso mesmo. Então é difícil interagir com essas pessoas, então a minha relação com o brasileiro se resume a apenas festa, diversão e só.*

A SFO representa neste caso uma atitude de defesa. Paulo evita amizades com brasileiros por temer discriminação. Além de evitar o conflito, a SFO evita que a unidade identitária perca o sentido.

- **Identidade polêmica:**

*Eu vejo agora o Facebook como um filtro, porque antes eu ficava calado nessas situações e isso ia acumulando e me fazendo mal e tal, mas então meu Facebook agora está cheio...eu coloco pra fora, escrevo e tal.*

A identidade polêmica representa um tipo reativo de tentativa de reestabelecimento do valor de si. Reativo porque envolve reações mais enfáticas contra situações adversas. Essas reações podem utilizar os estigmas contra aqueles que os impõe. Normalmente são acompanhadas de sentimentos intensos como raiva e revolta.

- **Identidade de defesa:**

*A minha relação com o brasileiro se resume a apenas festa, diversão e só. Eu tenho um amigo brasileiro, mas ele já foi a Moçambique e namora uma moçambicana, então ...sempre tem algo a justificar de porquê eu ter amizade com ele, já convive, já está inserido, etc., mas com brasileiros que não estão inseridos há muita dificuldade.*

Outro tipo de identidade reativa, a identidade de defesa neste caso está voltada para um fechamento contra o conflito gerado pelo convívio com brasileiros.

Uma conclusão na pesquisa psicológica social é que os indivíduos têm uma preferência por pessoas semelhantes a si mesmas; E estão menos favoravelmente dispostos a outros diferentes. A semelhança é uma questão complexa, pois indivíduos e grupos podem ser diferentes de uma variedade de maneiras. Mesmo assim, estudos descobriram que da maioria dos aspectos a semelhança tem um efeito sobre como as pessoas vão responder e perceber uns aos outros. Geralmente, os indivíduos são mais propensos a procurar, desfrutar, entender, querer trabalhar, confiar, votar e casar com outros com quem compartilham características que consideram importantes,

incluindo: valores, religião, afiliação de grupo, habilidades, atributos físicos, idade, Idioma, ocupação, classe social, nacionalidade, etnia, localização residencial e mais outros aspectos sobre os quais os seres humanos diferem. (BOCHNER, 2003, p. 5)

- **Bricolagem identitária:**

*Às vezes eu fico em casa, no quarto, estudando...então compro uma cerveja e tomo. Só que agora tá mais frequente, eu sinto vontade de beber sempre que estou em casa.*

As bricolagens identitárias, por serem estratégias a um fim urgente, podem gerar consequências negativas, haja vista serem impensadas. O jovem recorria ao álcool para suportar situação difícil e tem aumentado esse hábito, segundo relata.

Alega ter sofrido um choque pois a imagem do Brasil veiculada nas TVs moçambicanas eram as melhores e não condiziam com a realidade. O jovem diz ter visitado São Paulo antes de vir morar no Brasil e achou Recife muito diferente, demonstrando sua insatisfação de residir nesta cidade.

## **Participante 6**

Estratégias problemáticas que não permitem evitar o conflito buscam a diminuição do conflito que chegou a se instalar. O indivíduo pode investir de modo desigual os valores em contradição, o que se denomina ponderação diferencial dos valores em oposição. Ele pode também limitar a percepção do elemento ressentido como doloroso ou alternar os códigos compensando uma atividade culpabilizante em relação aos valores de origem por um forte investimento em outra atividade associada. (Camilleri, 1990).

### **Supervalorização da Função Ontológica:**

*Lá na minha cultura, as pessoas são mais abertas, a vida social é mais interessante do que aqui. Aqui as pessoas são mais fechadas. Lá você se adapta mais fácil, porque as pessoas já te ajudam, mas aqui... tem muitas coisas, muitas... associações que são fechadas.*

Em muitos casos, a SFO surge na fala do sujeito através de um comparativo entre a cultura de origem e a cultura de acolhimento. Normalmente, esse comparativo enaltece apenas aquela em detrimento desta, revelando os sentimentos de saudade e afetos que o sujeito carrega consigo e que se tornam mais fortes quando se distancia de suas raízes. Não existe uma cultura melhor do que a outra, porém na fala do imigrante saudosista a sua cultura será sempre a melhor.

A provável falta de familiaridade com as estruturas (espaço), dinâmica e funcionamento (cotidiano) da cidade e também a prevalência da impessoalidade mina a construção de lugares. Os dois suportes para a construção de lugares ficam ausentes: não há identificação com a cidade e nem com o convívio com seus habitantes. (Marandola Jr ; Dal Gallo, p. 8).

### Participante 7 – França

- **Supervalorização da Função Pragmática:**

*[...] Então eu percebi que era melhor eu falar Português com sotaque Espanhol, aí eu fui tentando me acomodar com isso.*

*[...]*

*Meu orientador disse que eu fazia parte da família do feirante já, porque realmente eu fazia a tradução de alguns termos até para outros brasileiros.*

Houve uma maior facilidade de engajamento na cultura brasileira. O uso da SFP neste caso ocorreu intensamente ao ponto de haver um total engajamento com os nativos.

*Mas aí depois quando eu estava lá com esses feirantes, eles falavam uma coisa e eu entendia, mas meu orientador não entendia. Meu orientador disse que eu fazia parte da família do feirante já, porque realmente eu fazia a tradução de alguns termos até para outros brasileiros.*

- **Identidade por distinção:**

Ela adotou essa estratégia ao perceber que o seu duplo pertencimento, que a incomodava, não era de fato algo ruim. Após essa tomada de consciência, passou a investir nos estudos de psicologia intercultural e buscou encontrar seu lugar no mundo, fixando-se no Brasil. A identidade por distinção busca reestabelecer o sentimento de valor de si, a autoestima, evitando a interiorização de quaisquer sentimentos depreciativos relacionados à própria identidade. Trata-se da tomada de consciência da própria singularidade.

*Outra diferença fundamental com a França era que eu era uma das raras pessoas que no ônibus e tem os vendedores ambulantes, também tem a forma terrível como as pessoas dirigem aqui, né...*

*E outra da postura brasileira que eu não concordo é porque as pessoas não se indignam, isso é mais ser francesa. Eu acho que o brasileiro não vai à luta e isso é muito incorporado, aí quando eu começo a me revoltar, as pessoa me dizem pra me acalmar e eu digo que esse sistema de pensamento não leva a nada.*

### Participante 08 - Colômbia

- **Supervalorização da Função Ontológica:**

Neste caso, houve um investimento de valorização da cultura de origem ao passo que ocorreu uma desvalorização da cultura de acolhimento expressa na seguinte passagem:

*O ano novo daqui é muito diferente do da Colômbia, lá é animado, tem muitas luzes na cidade, organizam café ao ar livre...eu sou de uma família católica e a gente reza a novena e isso é um pretexto pra se encontrar e tal. São épocas de compartilhar com as pessoas, mas aqui é todo mundo correndo, se organizando pra fazer as comidas e tal, mas tem pouco contato entre as pessoas. Lá ainda tem coisas tradicionais que ainda são muito fortes. **Eu já passei natal aqui com brasileiros, mas é muito diferente. E aqui não se escuta muito música, mas na Colômbia todas as casas tem músicas. E os vizinhos convidam você, lhe oferecem comida e tal. E aqui é muito triste, porque além de estar longe de casa o ambiente é triste.***

- **Alternância Conjuntural dos Códigos (oportunista limitado):**

O chamado oportunismo limitado é na verdade uma atitude criativa e voltada para a inserção na cultura de acolhimento. Essa estratégia pode ser frequente com relação às dificuldades enfrentadas com o idioma.

*Eu tentei me adaptar, eu gosto da cultura brasileira, eu gosto de aprender, eu imito o sotaque para ser compreendida.*

- **Identidade de defesa:**

Esse tipo de estratégia consiste em usar da própria identidade para se proteger dos outros ou da cultura de acolhimento:

*Eu sou muito cuidadosa e seletiva na hora de fazer amizades e dependendo do nível de confiança que eu tenho na pessoa eu vou me abrindo mais. Mas eu não fico querendo saber da vida da pessoa e nem falo muito da minha.*

#### **Participante 09 - Colômbia**

- **Supervalorização da Função Ontológica:**

Essa estratégia pode ser encontrada na atitude de valorizar sua identidade, bem como sua religião de origem (catolicismo). Houve um fortalecimento desses aspectos em vista do processo imigratório e aculturativo. A jovem teve sua fé fortalecida diante das dificuldades, mantendo-se confiante para continuar estudando no Brasil.

- **Bricolagem identitária:**

Pode ser identificada na atitude de utilizar-se da fé para superação de dificuldades específicas, como o caso de não saber falar português e de tentar amenizar a situação de conflito vivenciada com sua colega de apartamento:

*Então eu vim pra cá sem saber falar português, mas o senhor me ajudou. Quando eu tive essas dificuldades com essa minha colega, eu levava ela pra missa, rezava por ela e tal.*

### **Participante 10 – França - Intercâmbio**

#### **Supervalorização da Função Pragmática**

Esta estratégia revela o investimento na cultura de acolhimento na tentativa de ser inserido nesta. Além da aquisição do idioma estrangeiro, o imigrante pode buscar se inserir na vida social daquele país através de redes de amizades com nativos. Essas amizades podem ajudar tanto no melhoramento da fluência do idioma pretendido quanto no apoio social.

*Aqui, os brasileiros são muito abertos. A primeira noite a gente já tinha contato com os brasileiros e já nos convidaram para irmos a festas e beber e tal. Eu tenho amizade mais com estrangeiros, mas os brasileiros ajudam muito.*

### **Participante 11- França- Intercâmbio**

#### **Supervalorização da Função Ontológica:**

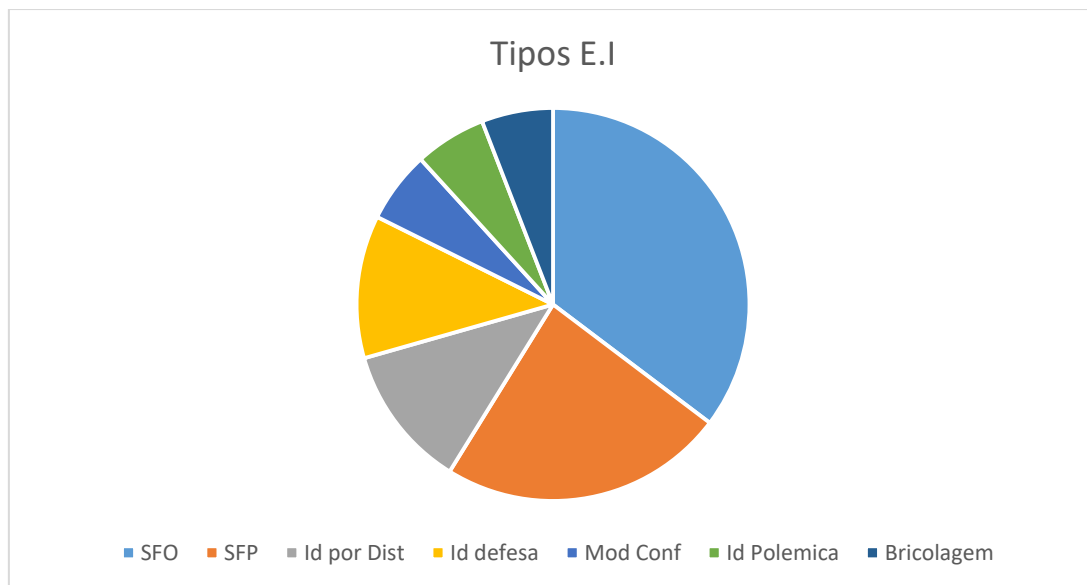
Essa estratégia pode ser originada também a partir da saudade sentida do país de origem e dos parentes. A saudade nada mais é do que uma parte constitutiva do “eu” e tende a ser caracterizada como a experiência desenraizada localizada entre as memórias do passado e os desejos do futuro (BIANCO, 1992). Assim, para aquele que migra, a saudade está localizada no espaço anterior à migração. A saudade da terra ou da família contribui para que a função ontológica seja adotada com mais frequência no intuito de suprir algo faltante que passa a ser uma necessidade. Neste caso, este sentimento é ilustrado na seguinte passagem:

***Eu preciso muito falar com minha família e meus amigos da França.** No início era mais complicado, mas agora tá bem. Eu tenho muito tempo para fazer as coisas que eu quero e eu tenho tempo então estou feliz.*

## **5.3 ANÁLISE TRANSVERSAL DOS RESULTADOS**

Inicialmente, é relevante observar os números que resumem o quadro obtido. O gráfico abaixo resume o quadro das estratégias identitárias encontradas:

**Figura 5 - Tipos de Estratégias Identitárias**



Fonte: Elaborado Pela Autora.

Legendas:

**SFO** : Supervalorização da Função Ontológica

**SFP**: Supervalorização da Função Pragmática

**Id defesa**: Identidade de defesa

**Id por Dist**: Identidade por distinção

**Moderação de conflitos**

**Id Polêmica**: Identidade polêmica

Como observado, a **Supervalorização da Função Ontológica** é a mais frequente, aparecendo em um total de 6 vezes nos casos estudados. Esse fato pode ser explicado pela importância dessa conduta para o reestabelecimento de uma unidade de sentido dos sujeitos migrantes. Assim, confirma-se a hipótese deste trabalho: diante do conflito gerado pelo processo de aculturação, a integridade da unidade identitária do indivíduo é ameaçada, levando a adoção de estratégias para o reestabelecimento de tal unidade. De acordo com os resultados obtidos, conclui-se que a SFO pode ser influenciada pela saudade da terra natal (casos 03,08, 09, 11), pela ameaça da perda de referentes ou ainda por situações que

envolvam a desvalorização de si, ou seja, nas situações de discriminação sofridas (caso 01 e 05).

Em seguida, com 5 aparições, está a **Supervalorização da Função Pragmática**. Tal estratégia também busca reestabelecer uma unidade de sentido, mas de forma inversa da anterior, uma vez que o investimento é dirigido para a cultura de acolhimento. Em todos os casos encontrados, tal função apresentou um intuito único: a inserção, total ou não, na cultura de origem, de modo a estabilizar-se perante o conflito do processo aculturativo. Os resultados também mostraram que a principal via de ação dessa estratégia é o idioma. Através do domínio do idioma o sujeito passa a sentir-se mais seguro na nova sociedade. Assim, como observado nos casos (01, 02, 07, 08 e 10), os esforços implicaram se engajar na nova cultura, seja imitando os sotaques desta (01, 07 e 08), seja fazendo cursos (02) ou amizades que favoreçam tal desenvolvimento.

Em terceiro lugar, as funções **Identidade por distinção** e **Identidade de defesa** contabilizaram duas aparições cada uma. Ambas estão voltadas para o reestabelecimento do valor de si, sendo a primeira considerada dependente, porque leva o sujeito a distanciar-se das situações ou pessoas ameaçadoras; e a segunda é considerada reativa, por ser mais radical: identidade como escudo para se proteger das pessoas. Os resultados obtidos mostraram que esses dois tipos de estratégias estiveram presentes nas vivências que envolviam situações de discriminação (casos 04 e 05), ou ainda nas situações em que a identidade precisa de uma autoafirmação (caso 07) ou proteção (caso 08).

As **Bricolagens** identitárias aparecem duas vezes nos casos 03 e 09. Nos dois casos trata-se de atitude voltada para resolução de um conflito, no entanto tal atitude não é de todo elaborada ou totalmente racionalizada. Noutras palavras, não implica uma conduta minimamente calculada, é mais um modo de conseguir algo a qualquer custo. Já a estratégia de **Moderação de conflito** não busca a extinção do conflito em si, mas sim um jeito de suportá-lo. Aparece 01 vez no caso 04 como uma atitude de sustentar uma situação para que não haja novamente outra situação conflitante. Essas estratégias podem ocorrer quando o indivíduo não está disposto a gastar energia ou se estressar ainda mais.

A **Alternância Conjuntural dos Códigos** aparece 1 vez no caso 08. Esse tipo de conduta integra as estratégias de reestabelecimento da unidade de sentido, mais especificamente, encontra-se como subunidade das estratégias de supervalorização da função ontológica. Neste sentido, trata-se de um investimento ou um esforço para integra-se na

cultura de acolhimento através de um certo oportunismo. No caso 08, essa estratégia pode ser confundida com uma SFO por possuir a mesma importância.

Por fim, aparecendo 01 vez está a **Identidade Polêmica**, que é uma outra estratégia de reestabelecimento do valor de si. Implica no uso dos estigmas sofridos contra aquele que os impõe. Está presente no caso 05 e ocorre frente a situações de discriminação.

#### 5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DUAS POPULAÇÕES: ALUNOS INTERCAMBISTAS E ALUNOS DOS PEC

Para encerrar este capítulo é relevante ressaltar alguns aspectos observados entre alunos dos programas PEC-G/PEC-PG e alunos intercambistas. Apesar da considerável diferença de quantidade entre as duas amostras (PEC: 09 pessoas e Intercâmbios: 02 pessoas), há de se considerar a natureza qualitativa desta pesquisa que analisa aspectos que independem de quantidade. Assim, tem-se os seguintes pontos observados:

- Alunos PEC relataram em maior quantidade discriminação racial. Aqui há de se considerar a participação de muitos estudantes de países africanos nesses programas, bem como da América Latina. No entanto se compararmos os dois, na maioria dos casos as situações de discriminação sofridas são mais numerosas para com estudantes africanos. Nos dois casos dos alunos de intercâmbio não foi relatado situações desse tipo. Nesse quesito, portanto, as estratégias identitárias voltadas à defesa de si mesmo foram mais frequentes em alunos PEC e inexistentes em alunos intercambistas.
- Alunos PEC relataram queixas acerca dos serviços da UFPE, como falta de apoio suficiente para se estabelecerem no Brasil;
- Tanto os intercambistas quanto os alunos PEC apresentaram dificuldades com a Língua Portuguesa, sendo ainda mais grave nos primeiros casos, pois vieram ao Brasil sem saber nada do idioma;
- Intercambistas apresentaram maior apoio familiar. É arriscado mencionar, porém se for observado sutilmente a unidade Apoio Familiar Recebido, notar-se-á que nos dois casos os intercambistas relataram alegria e apoio por parte de seus familiares, ao passo que não ocorreu com todos os alunos PEC;

- Os dois intercambistas são da França e há apenas uma participante PEC desse mesmo país nesse estudo e nos três casos houve bastante interesse de virem ao Brasil e a imagem que possuíam acerca deste país era estereotipada.
- Sobre o peso da diferença de tempo no processo de aculturação é importante ressaltar que os alunos PEC, por estarem no Brasil há mais tempo, expuseram uma maior quantidade de fatos, apresentando relatos exuberantes e cheios de detalhes. Por outro lado, os intercambistas, por estarem a menos tempo, apresentaram relatos mais curtos e um pouco mais superficiais no sentido de não se aprofundarem mais nas questões expostas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade estudantil internacional representa uma oportunidade de viajar a outros países adquirindo cultura e aprimorando seus conhecimentos. No entanto, assim como os demais processos migratórios, apresenta implicações marcantes na subjetividade dos indivíduos. Portanto, além da adaptação à outra cultura, os estudantes migrantes também devem se adaptar ao *modus operandi* de sua nova universidade. Trata-se de uma “via de mão dupla” geradora de impasses e conflitos capazes de afetar sua unidade identitária e o valor de si.

Diante de tal cenário, este trabalho tem como objetivo principal a compreensão da relação entre os tipos de estratégias identitárias adotadas por estudantes estrangeiros para compensar as rupturas da situação de mobilidade e os processos interculturativos decorrentes da situação de contato de culturas. Para atingir esse objetivo, utilizou-se uma abordagem de natureza qualitativa, baseando-se em trabalhos dos principais autores componentes da Psicologia Intercultural em língua francesa. Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário sócio-demográfico e por meio de entrevista semiestruturada com 11 universitários matriculados em cursos de graduação e/ou pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A amostra foi composta de 09 estudantes dos programas PEC-G e PEC-PG e de 02 estudantes intercambistas. Os países de origens dos participantes foram: Guiné-Bissau, Moçambique, Benin, Colômbia, Chile e França. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas utilizando-se o método de análise de conteúdo. Através das entrevistas os sujeitos expuseram suas histórias abrangendo desde a saída de seu país até o momento atual, pontuando suas dificuldades na adaptação ao Brasil, bem como as condutas adotadas para lidar com os conflitos próprios do processo aculturativo. A técnica de análise de conteúdo, de Bardin (2002), permitiu delimitar os estudos de casos em unidades específicas: a) Processo Migratório e Dificuldades Enfrentadas; b) Cultura de origem; e c) Cultura de acolhimento; d) Motivações para migrar; e) Apoio familiar recebido; f) Etapas pré-migratórias; g) representação acerca do Brasil; h) Estratégias identitárias adotadas.

No que se refere ao Processo Migratório e as Dificuldades Enfrentadas, primeiramente foi observado o desejo de estudar noutro país que a maioria dos estudantes possuía antes de migrar. Em apenas dois casos a vinda ao Brasil não se deu por motivos de estudos. Sobre as dificuldades enfrentadas nesse processo migratório destacam-se inicialmente, em alguns

casos, a falta de apoio familiar recebido e problemas com burocracia. Em segundo lugar, aqui chegando, os estudantes enfrentaram problemas de orientação e moradia. Nessa categoria, mostrou-se relevante entender o modo como os sujeitos interpretam sua Cultura de Origem frente à Cultura de Acolhimento. Esse panorama permitiu assimilar as divergências e convergências ressaltadas na vivência do contato de culturas.

Sobre as motivações para migrar foi apresentada a vontade de estudar no exterior. Mas, é importante ressaltar que em apenas dois casos o Brasil foi escolhido pelo próprio sujeito, pois a maioria deles havia selecionado outros países, terminando por vir para o Brasil apenas por falta de opção. Sobre apoio familiar recebido percebeu-se que nem todos os estudantes obtiveram inicialmente o apoio da família, por motivos diversos (medo da violência e racismo no Brasil, saudades do (a) filho (a)). Nos casos em que havia forte ligação entre os sujeitos e seus familiares foram trazidos elementos relacionados a sofrimento emocional devido a separação, bem como saudades.

Quanto às etapas pré-migratórias buscou-se compreender as preparações feitas pelos sujeitos antes da migração, no intuito de compreender o porquê de certas situações ocorrerem com eles. Assim, foi observado que a maioria dos participantes resolveu vir ao Brasil sem saber falar Português e que, aqui chegando, tiveram as dificuldades aumentadas por isso. E um ponto interessante observado se refere às dificuldades que os estudantes de países de Língua Portuguesa vivenciaram com a Língua Portuguesa do Brasil e sua gama de sotaques regionais. O idioma, portanto esteve presente nas dificuldades mais frequentes externadas. Em segundo lugar foram registradas várias queixas sobre o clima tropical brasileiro.

Sobre as representações acerca do Brasil, pôde-se notar a tendência de não procurar obter informações suficientes acerca do país para o qual pretendia migrar. A grande maioria dos sujeitos entrevistados relata ter vindo ao Brasil apenas com a imagem veiculada na grande mídia de seu país (jogos de futebol, telejornais, novelas, etc.). A imagem estereotipada do Brasil resumia o país apenas a samba, futebol, etc. e em muitos casos gerou frustração nos recém-chegados. A falta de conhecimento acerca do país de acolhimento pode ser considerada um importante fator de potencialização das dificuldades enfrentadas pelos sujeitos no processo de aculturação.

Por fim, a temática “Estratégias Identitárias Adotadas” permitiu identificar o modo como os participantes puderam lidar com os fatores anteriormente citados. As estratégias de reestabelecimento de uma unidade de sentido, voltadas para a preservação da unidade

identitária foram as mais frequentes. Tal fato pode ser justificado pela vivência do contato de culturas que, por sua vez, gera instabilidade na unidade identitária dos indivíduos. Esse “choque” cultural pode ser confirmado nas unidades b) Cultura de Origem e c) Cultura de Acolhimento, nas quais os participantes informaram suas percepções das diferenças existente entre elas. Assim, em primeiro e segundo lugar as estratégias de Supervalorização da Função Ontológica e Supervalorização da Função Pragmática apareceram em maior frequência. A SFO foi a estratégia mais frequente. Isso denota o “choque” cultural, seguido de um movimento de resgate dos elementos da própria cultura frente à instabilidade vivida. Já a SFP se refere ao esforço voltado à adaptação na cultura de acolhimento. Uma estratégia não exclui a outra e pôde ser observado que mais de um sujeito apresentou as duas estratégias.

As estratégias para reestabelecimento do valor de si apareceram com frequência nos casos de vivência de situação discriminatória. Isso ocorreu com os estudantes oriundos dos países africanos e suas estratégias adotadas foram Identidade por Distinção, Identidade de Defesa e Identidade Polêmica. A primeira resulta em um isolamento social com o intuito de preservar-se; a segunda se refere ao uso da própria identidade como um escudo para se proteger dos outros; e a terceira se trata da afirmação dos estigmas sofridos e o uso dos mesmos contra aqueles que os impõe.

O uso dessas estratégias denuncia as consequências negativas da problemática da discriminação sofrida pelos estudantes de África e seus riscos para sua saúde mental. Se a mobilidade estudantil visa a melhoria de vida dessas pessoas através do aprimoramento de sua formação universitária e sócio cultural, ela também contribui para experiências diversas, incluindo as discriminatórias. Considerando a vivência de discriminação estar relacionada a problemas de saúde mental (Bastos et al, 2014), faz-se necessário a construção de serviços de atendimento especializado aos estudantes em mobilidade não apenas na UFPE mas em todas as universidades brasileiras. Para Fernandez (2011), a avaliação psicológica em contexto de migração divide-se na compreensão da pessoa estranha à cultura do psicólogo ou da sociedade de acolhimento e o contexto de transferência de conhecimento profissional nas situações de expatriação. Além disso, no uso de ferramentas como os testes psicológicos a diferença cultural teria implicações epistemológicas e práticas que são importantes serem consideradas na interpretação dos dados, por exemplo. Portanto, tais serviços seriam construídos com base nas concepções da Psicologia Intercultural, voltando a uma compreensão especializada das diferenças culturais existentes.

Ainda sobre o apoio aos estudantes, este trabalho expôs brevemente a importância dos tutores de resiliência. Esses tutores podem ser professores, ou outros profissionais, da própria universidade que “adotem” alunos em mobilidade durante seus primeiros meses de adaptação no país. Essa adoção nada mais seria que um apadrinhamento no intuito de evitar o desamparo desses sujeitos durante o processo de aculturação, minimizando possíveis efeitos negativos das vivências desgastantes.

Outro ponto que fortalece essa questão se refere à grande quantidade de queixas de estudantes acerca da insuficiência de suporte recebido pela UFPE em seu processo de instalação no Recife. Praticamente não há apoio além daquele fornecido virtualmente pelos sites dos programas, porém há a necessidade de um suporte real que se faça presente desde o momento da chegada dos estudantes até o momento de sua instalação em alguma moradia. Tal ação reduziria possíveis riscos, bem como a sensação de desamparo vivida tão fortemente já que esses sujeitos deixam para trás seu país, seu lar e sua família. Por fim, as estratégias “Bricolagens identitárias” refletiram a criatividade dos sujeitos para saírem de situações complexas de forma rápida. Esse fato denotou o grande investimento de energia para adaptar-se à nova realidade.

Em resposta a pergunta geral deste estudo: **qual a relação entre as estratégias identitárias adotadas por estudantes estrangeiros e os impactos psicológicos decorrentes do processo de aculturação inerente à mobilidade estudantil?** Podemos afirmar que as situações provocadas pela mobilidade estudantil internacional ocasionam rupturas de contexto cultural que terão efeitos na constituição da identidade do estudante estrangeiro. A necessidade de se integrar à nova sociedade, bem como a saudade e a ausência dos amigos e familiares, ou seja, das referências de origem, tende a chocar-se numa mistura de desejo de adaptação, cristalização de valores e perda da noção de unidade e de valor de si.

Os participantes se mostraram muitas vezes em sofrimento, decepcionados por uma imagem idealizada do país de acolhimento e desejosos de retornar ao seu lar. Diante disso, à partir da tipologia proposta por Carmel Camilleri, numa perspectiva intercultural, buscamos identificar na narrativa dos participantes elementos que traduzissem as estratégias adotadas para reconstrução do valor de si e da noção de unidade. Estas estratégias organizaram-se de forma sempre singular constituindo os processos interculturativos criativos e inovadores. Pode-se afirmar então que a situação de mobilidade estudantil internacional, além de trazer conhecimento e abertura ao estudante estrangeiro, é também uma oportunidade de reinvenção

de si, de tornar-se um sujeito contemporâneo com uma pluralidade de pertencimentos culturais.

Por fim, estabelecendo um olhar amplo sobre este trabalho, conclui-se seguramente que os objetivos almejados foram atingidos, de modo a responder a pergunta inicialmente proposta. De acordo com o que fora observado através dos relatos dos participantes, existe sofrimento de diversos níveis atrelado à condição de estudante migrante. Como já posto por Camilleri (1990), por Berry (2005) e demais autores da Psicologia Intercultural, a aculturação gera conflito no contato de culturas devido à instabilidade que provoca no sistema identitário. Considerando os agravantes registrados (vivência de discriminação, desinformação, dificuldades com idioma etc.), a aculturação pode tornar-se bastante difícil. Portanto, sobre possíveis perspectivas acerca das contribuições desta pesquisa, espera-se que a mesma seja útil na elaboração de serviços de apoio à população de estudantes estrangeiros da UFPE. A importância de tal serviço é inquestionável e sua efetivação se faz urgente perante a crescente quantidade de demandas desse público.

Segundo Mesquita *et al* (2014, p 1128), “a escuta terapêutica é um método capaz de responder aos outros de forma a incentivar uma melhor comunicação e compreensão mais clara das preocupações pessoais”, portanto tal escuta é bastante indicada para os estudantes imigrantes que sofrem um processo de aculturação duplamente difícil, uma vez que carregam responsabilidades da vida cotidiana também junto à universidade. Existe, paralelamente ao esforço em adaptar-se ao país de acolhida, o esforço de superar muitos desafios na esfera acadêmica (ter boas notas, bom relacionamento com colegas e professores etc.). O SPA (Serviço de Psicologia Aplicada) da UFPE dispõe de uma equipe profissional capacitada para a assistência de diversos públicos, no entanto, na assistência aos estudantes estrangeiros há a necessidade de um olhar intercultural cuja importância já mencionada por Fernandez (2011). O suporte do serviço psicológico, juntamente com a função dos tutores de resiliência, apresenta-se como ferramenta inovadora e indispensável à manutenção da saúde mental dos estudantes estrangeiros.

Ainda no âmbito intercultural, a Psicologia na UFPE poderia contribuir também para o contato entre alunos de intercâmbio e alunos dos PEC's, através de rodas de conversas numa abordagem de Dinâmica de Grupo, integrando, desinibindo, divertindo, refletindo, aprendendo, apresentando e promovendo o conhecimento entre os sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- AKHTAR, M.: Acculturative Stress and its Association with Academic Stress and Psychological Well-being of International Students. 2012. 168f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Gottingen, Alemanha. 2012.
- ALTBACH, P.G; KNIGHT, J (2007). The internalization of higher education. *Journal of Studies in International Education*, v. 11. n. 3/4, p.290-305, 2007.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ALVES, C. R.; ALVES. M. B. N. Identidade e Pertencimento: Reflexões sobre os Processos Culturais na Modernidade. *IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Sergipe, 2010.
- AMIN, A. Stratégies identitaires et stratégies d'acculturation: deux modèles complémentaires. *Alterstice*, Québec, v. 2, n. 2, p. 103-116, 2012.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ANDRADE, A. M. J.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 10, n.1, p. 33-44, 2009.
- ANDRADE, I. Algumas Reflexões sobre o Conceito de Identidade Nacional. *XVI Encontro Nacional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro. 2010.
- ANGELINI, L.A. Psicologia Intercultural e Psicologia Educacional: uma contribuição histórica. *Boletim Academia Paulista de Psicologia* – Ano XXVII, n. 2/07, p.39-46, 2007.
- ANDRADE, M. A. A Identidade como Representação e a Representação da Identidade. In: OLIVEIRA, D. C.; MOREIRA, A. P. (Org.). *Estudos Interdisciplinares sobre Representações Sociais*. Goiânia: ABDR, 1998. p. 141-149.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASTOS, João Luiz et al .Age, class and race discrimination: their interactions and associations with mental health among Brazilian university students. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 175-186, jan. 2014.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERRY, J. W. A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, v. 57, n. 3, p. 615-631, 2001.

\_\_\_\_\_. Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: An international review*, Ontario, v. 46, n. 1, p. 5-68, 1997.

\_\_\_\_\_. Living Succesfully in Two Cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 29, p. 679-712, 2005.

BIANCO, B. F. Saudade, Imigração e a Construção de uma Nação Portuguesa Desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos Populares*. Campinas, v. 9, n.1, p. 35-49, 1992.

BIANCO, B. F. Saudade, Imigração e a Construção de uma Nação Portuguesa Desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos Populares*. Campinas, v. 9, n.1, p. 35-49, 1992.

BOCHNER, S. Culture Shock Due to Contact with Unfamiliar Cultures. *Online Readings in Psychology and Culture*, v.8, n.1, p1-12 2003.

CAMILLERI, C. Stratégiesidentitaires: les voies de la complexification. In : HILY M.-A., LEFEBVRE M.-L. (Org.).*Identité collective etaltérité*.Paris: L'Harmattan. 1999.

COUTINHO, M. P. L.; RODRIGUES, I. F.; RAMOS, N. Transtornos Mentais Comuns no Contexto Migratório Internacional.*Psico*, v. 43, n. 3, p. 400-407, jul./set. 2012.

DANTAS, D. S. (Org.).*Diálogos Interculturais:Reflexões Interdisciplinares eIntervenções Psicossociais*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

DENOUX, P. Le contact culturel dans les procédures de recherche. Propositions méthodologiques de psychologie interculturelle. *Les cahiers internationaux de psychologie sociale*. Liège: Presses universitaires de Liège, n. 99-100, p. 365-381, 2013.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução à disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERNANDEZ, Costa Elaine. L'évaluation psychologique en situation interculturelle. In: Guerraoui Z. ;Pirlot G.. (Org.). *Comprendre et traiter les situations interculturelles*. 1<sup>o</sup>ed.Paris: Boeck, v. 1, 2011. p. 193-209.

FRAZÃO, A. C. Uma breve análise sobre o direito à nacionalidade. *Jus Navigandi*, Teresina, Ano 4, n. 46, p. 01-09, 2000.

GALEK, K., Flannelly, K.J., Ellison, C.G., Silto, N.R. & Jankowski, K.R.B. Religion, Meaning and Purpose, and Mental Health. *Psychology of Religion and Spirituality*, v.7, n.1, p.1-12, 2015.

GALINDO, D. Número de estudantes estrangeiros cresce no país. Disponível em: <<http://www.leiaja.com/carreiras/2014/02/02/numero-de-estudantes-estrangeiros-cresce-no-pais/>>. Acesso em 03/2016.

GARCIA, A.; GOES, D. C. Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v.12, n.1, p.138-153, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. Na Terra do Outro: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. *Dimensões*, v. 26, p. 191-204, 2011.

GIRARDI, Júlia de Freitas. Impactos Psicológicos da Imigração Voluntária: A Experiência de Universitários Imigrantes. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis. 2015

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEAL, C.O.S.; RAMOS, K.M.C. Programa de Mobilidade Estudantil Internacional: uma reflexão sobre experiências de estudantes do Curso de Pedagogia da UFPE. 2011. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2012.1](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1)>

[/programa%20de%20mobilidade%20estudantil%20internacional.pdf](#)>. Acesso em: 12/09/2016.

LECOMTE, Jacques. LesCaracteristiquesdésTuteurs de Resilience. *Rechercheem SoinsInfirmiers*, Paris, n. 82, p.22-25 set. 2005.

MARANDOLA J. E.; DAL GALLO, P. M.Ser Migrante: Implicações Territoriais e Existenciais da Imigração. *VI Encontro Nacional Sobre Migrações*. Belo Horizonte, 2009.

MEC – *Secretaria de Educação Superior: Manual do Programa de Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G)*. Ministério da Educação. Governo Federal. 2000.

MESQUITA, A. C.; CARVALHO, E. C. A. Escuta Terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativa. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 1127-1136, dez. 2014.

MUNGOI, D. M. Domingos Chale João: RESSIGNIFICANDO IDENTIDADES:um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *Rev. Inter. Mob. Hum.*,Brasília, Ano XX, n. 38, p. 125-139, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, M. J. Espaços de religiosidade no Porto: o seu papel na integração dosimigrantes brasileiros. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, n. temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, p. 211-234, 2012.

SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1991.

STALLIVIERI, L. O Processo de Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior. *Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais*, Caxias do Sul, p.1-30, 2009.

SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeirossobre os brasileiros de hoje. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v.47, n.2,p. 375-391, jul./dez. 2008.

TANOUE, A. D.; MORILAS, L.R. A internacionalização do ensino superior no Brasil: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. III Conferência da FORGES. Recife, 2013.

TEMPLE, C.; DENOUX, P. Construction d'un outild'identification des stratégiesidentitaires en psychologieinterculturelle. In: *Les CahiersInternationaux de PsychologieSociale*.Liège :Pressesuniversitaires de Liège, n. 79, p. 47-56, 2008.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

ZAMBERLAN, J.; CORSO, G.; BOCCHI, L.; FILIPPIN, J.; KÜLKAMP, W. *Estudantes Internacionais no Processo Globalizador e na Internacionalização do Ensino Superior*. Porto Alegre, 2009.

## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Universidade Federal de Pernambuco  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) senhor (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Estratégias Identitárias e Processos Interculturativos na Mobilidade Estudantil da UFPE/Recife, que está sob responsabilidade da pesquisadora Dayana Rodrigues Sabóia com endereço na Avenida Professor Moraes Rego 1235, Cidade Universitária, CEP: 50670-901, no Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE – fone (81) 2126-8271; e-mail: [dayanarsab@gmail.com](mailto:dayanarsab@gmail.com), estando sob orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Elaine Magalhães Costa Fernandez. Telefone para contato: (81) 2126-8271, e-mail: [elainef@free.fr](mailto:elainef@free.fr).

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que o (a) senhor (a) não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa a quem está lhe entrevistando, para que o (a) senhor (a) esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que irá responder. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

O presente projeto pretende identificar os tipos de estratégias identitárias adotadas por estudantes imigrantes diante do processo de adaptação e ressocialização na cidade do Recife. Benefícios da pesquisa compreendem: fornecer maior visibilidade acerca da situação de mobilidade dos estudantes estrangeiros; revelar possíveis dificuldades encontradas pelos estudantes, bem como apontar riscos para sua saúde relacionados a este processo. Possíveis riscos: poderá ocorrer algum desconforto ou conflito para o participante o qual a pesquisadora tentará minimizar. Em casos especiais, os participantes poderão ser encaminhados para

atendimento por profissionais da Clínica Psicológica da UFPE, sendo a confidencialidade garantida.

É através desta problematização que esta investigação será realizada com 10 participantes maiores de 18 anos e que estejam residindo no Brasil há pelo menos 01 ano. Este estudo empregará entrevistas individuais, as quais serão gravadas após a assinatura deste TCLE.

Será garantida a confidencialidade das informações desta pesquisa e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo de sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa serão armazenados em pastas de arquivos e computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora e da orientadora, no endereço acima informado pelo prazo de até 05 anos.

O (a) sr. (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE, no endereço: Avenida Engenharia s/n – 1º andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife –PE, CEP: 50740-600, Tel: (81) 216 8588. E-mail: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br)

---

Assinatura da pesquisadora

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, \_\_\_\_\_, CPF

Nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “Estratégias Identitárias e Processos Interculturativos na Mobilidade Estudantil da UFPE/ Recife como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela

pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário a participar. (02 testemunhas não ligadas a equipe de pesquisadores)

Nome : \_\_\_\_\_

Assinatura : \_\_\_\_\_

Nome : \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXO B - DECLARAÇÃO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

**DECLARAÇÃO**

Em relação à pesquisa Estratégias Identitárias e Processos Interculturativos na Mobilidade Estudantil da UFPE/Recife, de responsabilidade da mestrandia Dayana Rodrigues Sabóia e sob orientação da prof<sup>a</sup>dr<sup>a</sup> Elaine Costa Fernandes, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, declaro ter conhecimento de todo o teor do projeto da mesma, assumindo esta clinica o compromisso de dar assistência psicológica aos sujeitos pesquisados, caso ocorram situações de conflito, constrangimento ou desconforto eventualmente provocados em decorrência dos diferentes processos usados na coleta de dados.

Recife, 26 de maio de 2016

**ANEXO C - JUSTIFICATIVA DA AUSÊNCIA DO TERMO DE ANUNÊNCIA**

Haja visto a importância da solicitação do Termo de Anuência à instituição a qual servirá como suporte para o estudo e para posterior apresentação deste documento ao CEP, frisa-se que no caso deste projeto tal documentação não será necessária, pois o recrutamento dos participantes se dará através de rede de contatos sociais, ou seja, de modo direto. Os indivíduos que comporão a amostra do presente estudo não estarão filiados a alguma instituição formal, sendo revelante para a pesquisa apenas os critérios de inclusão e exclusão descritos no corpo do projeto.

Atenciosamente,

---

Dayana Rodrigues Sabóia

## ANEXO D - MODELO DO QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO

Este modelo de questionário foi retirado daquele aplicado por Girardi (2015), proveniente do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas –NEMPSiC, da Universidade Federal de Santa Catarina

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Sexo : ( ) feminino ( ) masculino
3. Idade: \_\_\_\_\_ anos
4. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
5. Estado civil:  
( ) solteiro (a)  
( ) casado (a)  
( ) separado (a)  
( ) divorciado (a)  
( ) viúvo (a)
6. País de origem: \_\_\_\_\_
7. Ano de chegada ao Brasil: \_\_\_\_\_
8. Na UFPE, qual assinale a opção na qual está inserido (a):  
( ) graduação  
( ) pós graduação  
Curso/área: \_\_\_\_\_
9. Período do curso: \_\_\_\_\_
10. Recebe bolsa de auxílio?  
( ) sim ( ) não

**ANEXO E - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. O que te motivou a estudar noutro país?
2. Você já estudou noutro país antes? Qual?
3. Houve apoio de sua família, amigos e cônjuge (se tiver) na sua decisão de estudar noutro país?
4. Para você, como foi essa experiência de deixar seu país para vir ao Brasil?
5. Qual a imagem que você tinha do Brasil antes de imigrar?
6. Quais as expectativas que você tinha antes de imigrar?
7. Fale sobre as dificuldades enfrentadas
8. Fale sobre o processo de inserção na Universidade Federal de Pernambuco.
9. Como você descreve a recepção dos brasileiros para contigo?
10. Você costuma manter contato com a família, amigos ou cônjuge (se tiver)?
11. Quais seus planos após terminar este curso?